Rubem Fonseca

O buraco na parede



Companhia das Letras

RUBEM FONSECA

O BURACO NA PAREDE

Contos

3ª reimpressão



Copyright © 1994, 1995 by Rubem Fonseca

Capa:
Hélio de Almeida

Revisão:
Carlos Alberto Inada
Carmen S. da Costa

Os contos "O anão" e "Placebo"
foram incluídos na coletânea *Contos reunidos,*
publicada pela Companhia das Letras
em 1994

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fonseca, Rubem, 1925-
O buraco na parede : contos / Rubem Fonseca. —
São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

ISBN 85-7164-479-9

1. Contos brasileiros I. Título.

95-3023 CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869.935.

1997

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 866-0801
Fax: (011) 866-0814

Contra Capa

Mestre na arte do conto, Rubem Fonseca dá às palavras uma força de impacto poucas vezes obtida por outros ficcionistas. Delegados e marginais, escritores fracassados, pobres-diabos que se sujeitam a qualquer negócio, o sexo como moeda podre, culpa e *apartheid* social entrelaçam-se continuamente em textos inquietos e velozes, que o leitor, perturbado e cúmplice, traga sem respirar da primeira à última linha.

Depois da publicação de *Contos reunidos* (Companhia das Letras, 1994), Rubem Fonseca retoma o gênero com este *O buraco na parede,* seu décimo-terceiro livro publicado. Aqui estão presentes as mesmas qualidades de ousadia, lucidez, técnica e invenção que fizeram de sua literatura um dos registros mais contundentes da vida no Brasil de hoje — esse mundo estranho que não deixa de ser o nosso mundo.

Orelhas do Livro

O conto de origem moderna parece encerrar em si todas as possibilidades da ficção contemporânea. Nesse sentido, tem servido aos escritores de inúmeras maneiras, como exercício de estilo, aventura formal, modo de encontrar e explorar novos caminhos.

Muito poucos, no entanto, são os autores que têm no conto o elemento estrutural de seu pensamento literário, aquele que motiva, potencializa e condensa ao mais alto grau as questões centrais de sua escrita. No caso de Rubem Fonseca é certamente isso o que ocorre. Neste *O buraco na parede,* o autor uma vez mais exibe seu perfeito domínio na matéria. Os contos aqui reunidos, além de reafirmarem as conhecidas obsessões de sua obra,

combinam sentimentos vários — desde o inesperado lirismo de “O balão fantasma” à veia cômica que vem à tona, por exemplo, em “Idiotas que falam outra língua”.

Mas o que sempre surpreende em Fonseca é a magistral caracterização dos personagens que, às vezes por um gesto, por uma palavra, têm todo o seu condicionamento social e psicológico totalmente devassado.

Um livro emocionante pela riqueza de seus contos de mestre.

O Autor: Romancista, contista e roteirista de cinema, Rubem Fonseca também é autor de: *Os prisioneiros* (1963), *A coleira do cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *O caso Morel* (1973), *Feliz ano novo* (1975), *O cobrador* (1979), *A grande arte* (1983), *Bufo & Spallanzani* (1986), *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), *Agosto* (1990), *Romance negro e outras histórias* (1992) e *O selvagem da ópera* (1994). Seus *Contos reunidos* foram publicados em 1994.

DIGITAL Source
http://groups.google.com/group/digitalsource

SUMÁRIO

O balão fantasma

A carne e os ossos

Idiotas que falam outra língua

O anão

Artes e ofícios

Orgulho

Placebo

O buraco na parede

O BALÃO FANTASMA

Um balão gigantesco, o maior do mundo, disse o informante.

Onde?, perguntei.

Tudo o que eu sei é que eles já compraram dez toneladas de papel de seda.

Informante é assim: ouviu dizer, só sabe a metade, a metade que é falsa.

Eu fazia parte de um Grupo especial criado para estudar e propor maneiras de evitar que os baloeiros construíssem e soltassem balões, principalmente durante o mês de junho, nas festas dedicadas a São João e a São Pedro, os dois santos fogueteiros. Os balões eram ilegais. Ao cair incendiavam a vegetação dos parques da cidade, instalações industriais, residências particulares. Campanhas publicitárias haviam sido feitas, com a colaboração da mídia, sem resultado.

Eu era o representante da polícia no Grupo. Os outros membros eram duas mulheres, uma da prefeitura e a outra da agência federal responsável pelo meio ambiente. Sempre gostei de trabalhar com mulheres. As duas eram inteligentes e dedicadas. E também ecólogas fanáticas, para elas árvore era a melhor coisa que existia no mundo. Acreditavam que o problema tinha uma solução simples: cadeia para os baloeiros. Em junho os céus se enchiam de balões e junho estava chegando e eu sabia que a minha vida ia ficar um inferno. Ainda por cima cometi a imprudência de contar para as minhas companheiras de Grupo a história do balão de dez toneladas de papel de seda. As duas

ficaram indignadas.

Fico imaginando o tamanho da bucha de um balão como esse.

Ele está preocupado com o tamanho da bucha, não com a calamidade que ela pode causar, disse Marina. Você tem homens, armas, a lei, por que não acaba com esses baloeiros?

O problema é muito complicado.

Já ouvimos essa desculpa antes, disse Marina.

E esse balão gigante é um boato.

Vamos supor que não seja um boato, disse Fabiana. A prisão dos responsáveis por esse superbalão serviria de exemplo, teria um efeito suasório.

Os portugueses trouxeram o balão para o Brasil há centenas de anos. Mas, como ocorre com todas as tradições, o tempo acabará com mais esta. A urbanização...

Enquanto isso as florestas e os morros da cidade pegam fogo, cortou Marina. Afinal, o que você está fazendo neste Grupo?

Ela vivia me provocando, mas eu nunca perdia a paciência com ela. Nem com ninguém.

Por favor, disse Fabiana.

Tudo o que Fabiana pedia, eu fazia. Mesmo quando era uma perda de tempo.

Em dois dias coloquei seis detetives na rua percorrendo os subúrbios, se infiltrando, só para descobrir onde ia ser feito o megabalão, se é que ia ser feito. Consegui no Gabinete que me cedessem o detetive Diogo Cão para esse trabalho.

Na reunião semanal do Grupo relatei às minhas colegas as providências que estava tomando. Falei dos seis detetives, principalmente do Diogo Cão. Ele vai nos ajudar muito, acrescentei.

Cão? O policial se chama Cão?

Não tem gente chamada Gato? Pinto? Leitão? Diogo Cão é de família portuguesa. É capaz de descender do navegador quatrocentista.

Você está fugindo do assunto. A floresta vai pegar fogo!, disse Marina.

O Diogo sabe tudo sobre balão. Ele me disse que os incêndios são causados pelos balões pequenos. Os balões grandes são feitos por especialistas e apagam ainda no céu. Quando ele cai, a bucha já não arde.

Não contei para elas que às vezes, por um defeito da bucha ou da estrutura, os balões grandes estouram, o que na linguagem dos baloeiros significa que pegam fogo. E ao cair incendeiam tudo o que está embaixo.

Agora mais essa falácia, os baloeiros se preocupam com o meio ambiente, disse Marina.

Eles querem é recuperar o balão, admiti.

Preciso falar com você, disse Fabiana.

Cão policial, uma combinação perfeita, eu disse fazendo graça, e elas me olharam enviesado.

Preciso muito falar com você, repetiu Fabiana.

Eu já vou, disse Marina, que sabia do meu envolvimento com Fabiana. Ao sair olhou para nós, balançou a cabeça e bateu a porta.

Vamos ao cinema?

Não estou com vontade de ir ao cinema.

Vamos jantar no chinês.

Não estou com vontade de jantar no chinês.

Vamos comprar um CD no shopping.

Me leva pra minha casa. Estou com dor de cabeça.

Quando chegamos na porta da casa dela eu perguntei se podia subir.

Hoje não.

Eu morro se não tomar o seu café-com-leite hoje, agora, eu morro.

Já conheço todos os seus truques, deixa de ser ridículo.

Estou falando sério.

Eu é que preciso falar um assunto muito sério com você.

Entramos no apartamento. Você vai fazer café-com-leite pra gente?

Não. Tenho que te dizer uma coisa.

Depois, meu bem.

Agora, preciso falar agora.

Eu te amo, eu disse, abraçando-a.

Eu também te amo. Tenho que te dizer uma coisa.

Depois.

Fomos para a cama.

Ir para a cama com ela era a maior felicidade que a vida me dava. Ficávamos alegres e ríamos e suávamos mesmo no ar refrigerado de tanto rolar na cama, e nos intervalos tomávamos café-com-leite que ela fazia jogando café solúvel no leite fervendo, e eu saía de lá de madrugada para ela poder dormir, pois não sei dormir com ninguém, nem mesmo com a mulher que eu amo, e dizia em voz alta o nome dela para o sol, se o sol já tivesse nascido, para a chuva, quando tinha chuva, Fabiana, para as portas das casas, Fabiana, para os bueiros, Fabiana, para os carros que passavam. E ela sempre sentia dor nos músculos das pernas no dia seguinte.

Naquela noite ela não riu uma vez sequer. Enquanto eu me vestia, ela repetiu muito séria, tenho que te dizer uma coisa.

Amanhã. Agora você vai dormir.

Hoje. Esse balão é uma coisa monstruosa. Qualquer balão é uma coisa monstruosa. Os baloeiros são um bando de criminosos.

Por que não um bando de sonhadores? O sonho de Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Dos Montgolfier.

Está vendo? A Marina tem razão. Você simpatiza com eles, você está do lado deles.

São comunidades inteiras que fazem o balão, homens, mulheres, velhos, crianças. Eles apenas querem ver o balão subir para o céu, o mais alto possível.

Comunidades inteiras? Que justificativa mais idiota. Comunidades inteiras praticam o linchamento e você fica do lado dos assassinos? Estamos perdendo tempo com a sua sociologia equivocada.

Não estou do lado de ninguém. A Marina não gosta de mim.

Sonhadores foram os que fizeram a floresta da Tijuca, anos e anos de um trabalho de amor. Você sabe que o Rio é a única cidade no mundo que tem em seu perímetro urbano uma floresta, a Floresta da Tijuca. Ou não sabe?

Sei.

E esses baloeiros cretinos todo ano destroem um pedaço da floresta e você chama eles de sonhadores. Eu preciso te dizer uma coisa.

Então diz o que você precisa dizer. Mas antes fique sabendo que eu fiz um esforço danado para conseguir os seis detetives e mais o Diogo Cão para fazer essa investigação idiota sobre um balão gigante que provavelmente nunca será feito e que se for feito será apenas mais um entre milhares. Milhares, meu bem, põe isso na sua cabeça, são muitos milhares os balões fabricados nesta época do ano e dezenas de milhares as pessoas envolvidas.

Quando soltar balão não era crime, os baloeiros imprimiam convites convocando o povo para assistir ao lançamento dos balões grandes. E o balão tinha nome e celebrava alguma coisa, um santo, um acontecimento, uma data histórica, um desejo. E os poetas da comunidade escreviam odes ao balão, que eram cantadas durante o lançamento. Agora diz o que você está querendo me dizer.

Ainda bem que foi proibida essa perversidade cultural.

Diz o que você quer me dizer.

Ela não disse imediatamente. Saiu da cama se enrolando no lençol para eu não ver o corpo nu dela, coisa que nunca aconteceu, a não ser nos primeiros dias. Enxugou os olhos no lençol, cuidando para que não aparecesse nenhuma parte íntima do seu corpo. O que Fabiana ia falar devia ser coisa séria, ela raramente chorava.

Anda, pode falar, eu não agüento ver você chorar e não vou deixar de te amar, não importa o que me disser.

Eu e Marina estamos escrevendo um ofício ao secretário de Segurança Pública pedindo que seja indicado um outro delegado para integrar o Grupo em seu lugar.

Pára de chorar, meu bem. Vocês dizem o quê, para justificar minha substituição? Que sou incapaz? Frouxo?

Não com essas palavras.

Incompetente? Negligente?

O Grupo se reúne há quase um ano e nada foi feito. Eu pedi para você prender os baloeiros que estão construindo esse monstro e você não deu importância.

Esse balão não existe.

A Marina diz que você está do lado deles.

E você? Também acha isso?

Não sei. Sim, acho. Você está zangado comigo?

Zangado? Isso é nome de anão da Branca de Neve.

Mas eu não achei graça nem ela achou graça e eu passei a mão de leve sobre a cabeça dela. Agora ela chorava sem esconder.

Te cuida, garota.

Eu nunca havia saído da casa dela sofrendo. Tudo por causa de um maldito balão fantasma. Todas as florestas do mundo não valiam o amor que eu sentia por Fabiana, mas aquela florestinha de merda trepada nos cocurutos da cidade, cuja árvore mais antiga tinha a idade da minha avó, valia mais do que o amor de Fabiana por mim. As mulheres, pensava eu enquanto caminhava pela rua escura, não sabiam amar como os homens. Nós, os homens, havíamos inventado o romantismo e o suicídio por amor, por elas tínhamos coragem de ser palhaços, assassinos, ladrões. Pensei nos suicidas que conhecia. Mas não havia nenhum homem, todos eram mulheres, que por amor haviam cortado os pulsos, tomado barbitúrico, ateado fogo às vestes, pulado na frente do trem, pulado da janela, se enforcado no basculante, só mulheres. O único homem de quem me lembrei foi o Werther. Esse não valia. As mulheres sabiam amar sim. Então me deu saudades de Fabiana e comecei a dizer o nome dela no meio da rua e um mendigo que tentava dormir embaixo de uma marquise ficou olhando para mim e eu disse vem cá e ele não veio e eu gritei vem cá, estou mandando, e ele veio apavorado e eu disse repete comigo Fabiana, Fabiana. E ficamos os dois dizendo Fabiana, Fabiana, e depois dei a ele a nota de maior valor que eu tinha no bolso e ele voltou para debaixo da marquise. E quando eu já estava longe ele gritou Fabiana, já deitado, acenando com a mão, e eu gritei Deus te abençoe meu bom mendigo, acenando de volta. Pura novela das seis.

No dia seguinte, na delegacia, mandei chamar o Diogo Cão.

Então?

O balão talvez exista. Talvez vá ser feito, talvez. E se for, vai ser na Baixada. Em Caxias eles contrataram um meteorologista para saber com certeza a direção e a hora dos ventos bons. Estou de olho no Caveirinha, para descobrir quem vai ficar com ele. Ninguém segue balão melhor do que o Caveira, ele conhece todos os caminhos da cidade e todos os caminhos da Baixada e todas as estradas que vão dar em Minas, São Paulo e Espírito Santo. Já teve balão grande que atravessou as fronteiras. No volante de uma pick-up ele é melhor do que o Senna pilotando o McLaren. Se o Caveira for para Caxias, já é uma pista. São João de Meriti e Caxias estão disputando um americano que trabalhou soltando foguete em Cabo Canaveral, o gringo veio para o Carnaval, pirou e ficou. São os dois grupos que estão investindo mais, pelo visto. Vamos ver para que lado vai o rastreador Zé de Souza.

O tempo está passando, Diogo. Minhas colegas de Grupo dizem que esse balão vai causar um grande incêndio.

Que balão, doutor? Nós não sabemos de nada. O Caveirinha e o Gringo podem apenas significar que vão ser feitos os balões de sempre.

Vamos presumir que o balão fantasma exista. E que está sendo feito aos pedaços, em locais diferentes, para nós não descobrirmos, e depois eles vão juntar tudo, acender a bucha e soltar o bicho. Não dá para você descobrir alguma coisa, alguém dar o serviço?

Depois que foi proibido soltar balão ninguém mais abre o bico. É uma espécie de religião.

Cristãos na catacumba.

Uma coisa assim. Lembra, doutor, daquele avião francês que

os terroristas seqüestraram? Um passageiro que estava no avião disse que estava tranqüilo até que os seqüestradores se reuniram num canto e começaram a rezar. Então ele percebeu que aquela reza significava que os passageiros estavam fodidos. Logo em seguida começou a matança dos reféns. Religião é isso. O balão é a reza dos baloeiros. O senhor pode trazer um deles para cá e arrancar os colhões do elemento com um alicate que ele não dá o serviço. E os colhões são o bem mais precioso de um homem, não é verdade?

É verdade, respondi, pensando em Fabiana.

O senhor sabe que o Zé de Souza é meu amigo, não sabe?

Estou sabendo agora.

O Zé de Souza um dia me disse que está cagando para a lei dos tribunais e para a frescura dos ecologistas. Nossa briga, ele me disse, é com a lei de Newton. Quando eu falei nas florestas ele respondeu fodam-se as florestas, as florestas pegam fogo há milhões de anos e o mundo não acabou.

Dez toneladas de papel de seda fazem um volume enorme, eu disse.

Pode ser exagero de quem dedurou. Já apurei, ninguém vendeu essa quantidade de papel.

Eles podem ter comprado em várias cidades, em pequenas quantidades, em datas espaçadas. O Brasil é grande.

Pode ser. Mas tenho minhas dúvidas.

Cão, alguma vez eu te pedi alguma coisa dizendo que era um assunto de vida ou morte?

Não senhor.

Este é de vida ou morte.

Entendi. Mas balão é uma coisa bonita, não é, doutor?

Um incêndio também.

A coisa mais bonita que vi foi o incêndio da refinaria.

O belo horrível, Cão.

Fodam-se as florestas. Estou brincando, doutor.

Toda noite eu saía em diligência com o Cão. Descobrimos dezenas de lugares onde os caras estavam fazendo balões, mas não adiantava prender ninguém, teríamos que deter muita gente, mesmo deixando os velhos e as crianças de fora. Cristãos nas catacumbas. Também não havia como apreender o material, os balões eram feitos em partes. Corte das folhas, colagem de gomos, armação de flâmulas e bandeiras, encadeamento das cangalhas de fogos de artifício, enlaçamento da fieira de lanternas, flexão do vergalhão da boca, entrouxamento das buchas, cada coisa era elaborada num local diferente, quintais, campos de peladas de futebol, galpões abandonados, para depois ser tudo montado no lugar em que o balão ia ser lançado. Nas diligências íamos só nós dois, no velho fusca do Cão, para ninguém desconfiar que éramos da polícia. E ouvimos o disse-me-disse que circulava em todos os terreiros, em todas as várzeas: em algum lugar estava sendo feito um balão gigantesco que ia assombrar o mundo e entrar para sempre no Guinness. Cão, eu disse, o filho da puta está mesmo sendo construído.

Passamos a chamar o balão de O Fodão. Se ele está sendo feito, disse para os meus detetives, eu quero pegar O Fodão, pegar inteiro, antes deles soltarem o bicho, na hora de acenderem a bucha, antes do sebo ficar azul. E isso só podia acontecer na véspera de São João, na noite do dia vinte e três.

Falei com o comandante da PM e ele garantiu que naquele dia poria à minha disposição cinqüenta homens da tropa de choque.

Cinqüenta homens da tropa de choque? É pouco, tinham que mobilizar todo o efetivo da PM, disse Marina.

Acho que vamos pegar o balão fantasma.

Não podíamos dizer a elas o nome feio que eu e o Cão havíamos dado ao balão. Fabiana não dizia uma palavra. Eu fazia cara de sofredor e procurava os olhos dela, mas Fabiana fingia ocupar-se com a leitura de um livro.

Não adianta destruir apenas essa monstruosidade e a quadrilha responsável por ela, disse Marina, a polícia tem que pegar todos os baloeiros da cidade, processar um a um.

Inclusive as crianças.

Ela desprezou a ironia. As crianças têm que ser educadas. Se tivéssemos uma polícia operante as crianças estariam fazendo outra coisa.

Todo mundo devia ser polícia durante um ano, para ver a merda que é. Eu pensei, mas não disse.

O Cão chegou e me chamou num canto. O Caveirinha encheu a cara num bar da Vila Isabel e dizia em altos brados, olhem para o céu no dia vinte e três!, olhem para o céu no dia vinte e três! Acho que o Caveira vai ser o seguidor. Não sabemos pra quem.

Em Vila Isabel?

Isso não quer dizer nada.

Temos que achar o rastreador. Se for o Zé de Souza ele te dá o serviço?

Não. Nem eu vou baratinar o Zé, ele é meu amigo.

Está certo.

Essa conversa é secreta?, perguntou Marina. Vocês estão cochichando. Querem que a gente saia da sala? Vamos sair da sala, Fabiana.

Fabiana fechou o livro, olhou para mim tão rapidamente que nem me deu tempo de fazer cara de sofredor para ela ter pena de mim, e levantou-se.

Calma, calma. Estou conversando com o detetive Cão sobre o rastreador, falávamos baixinho para não incomodar a leitura da Fabiana.

Fabiana aproveitou a chance e perguntou com certa doçura, rastreador, o que é isso?

É o sujeito que diz ao pessoal da captura a direção que o balão vai tomar conforme as correntes de ar da atmosfera, eu disse, fazendo a cara de sofredor. Fabiana, comovida, fez um leve gesto de aproximação, como se fosse me abraçar, mas se conteve.

Depois que o balão é soltado por uma comunidade com recursos, que solta muitos balões grandes, disse o Cão, entram em cena o seguidor, que é o elemento que tem de conhecer todos os caminhos da cidade e dirige uma pick-up, o rastreador, que é essa figura que o doutor explicou, e a turma da captura. A função dessa turma é resgatar o balão, se possível intato, dobrar, colocar na pick-up e levar o bicho apagado de volta, para depois ser soltado de novo. Se alguém se meter, uma turma rival ou então tascadores avulsos, eles enchem todo mundo de porrada, desculpem. Já morreu gente nesse entrevero.

A psicologia do tascador..., comecei.

Poupe-nos dessas digressões, disse Marina.

Por que uma pick-up?, perguntou Fabiana.

Tem que ser uma viatura grande para poder transportar a turma da captura, o rastreador e o balão resgatado, se for o caso. Outras turmas, de outras comunidades, podem querer capturar o balão. Se for uma turma amiga eles entregam o balão aos donos e depois juntos soltam novamente o bicho. E sempre que um balão

cai aparecem tascadores avulsos. Tascam o balão porque não foram eles que puseram aquilo no céu, porque não perdoam ao balão o ter caído das alturas, porque o balão é um corpo estranho nas ruas. Ele é como os pássaros migratórios mortos a pauladas nas praias do Nordeste porque estão andando exaustos na areia quando deviam estar voando.

Eles matam os pássaros porque sentem fome.

Os tascadores também têm fome. Há muitas fomes.

Você errou de profissão, disse Marina. Já sabíamos disso, pelas demonstrações óbvias que nos tem dado, e agora, com essas tiradas de almanaque...

O Cão me defendeu: conhecer a psicologia dos infratores ajuda na investigação criminal.

Eu estava falando com a Fabiana.

Mas eu estou aqui e não sou surda. Tinhosa, a Marina.

Não vamos brigar, disse Fabiana.

Eu não estou brigando, respondi.

Mas eu estou. Nós estamos escrevendo um ofício ao secretário de Segurança pedindo a sua substituição.

Eu já disse a ele, disse Fabiana, voltando a ler.

Não se esqueçam de dar uma olhada na portaria que criou o Grupo. A burocracia tem normas, procedimentos, regulamentos, etcetera, que devem ser obedecidos.

Nós sabemos.

Eu e o Diogo Cão vamos fazer uma diligência. Até mais.

Paramos numa lanchonete para tomar uma água de coco.

Essa dona ou ama ou odeia o senhor.

A psicologia de almanaque atacou nós dois.

Existem lugares onde nunca apareceu um arco-íris.

Cão, isso não tem pé nem cabeça. É poesia pura.

Chama essa dona para abraçar uma árvore com você.

Não posso. Já fiz isso com a Fabiana. Foi assim que entrei no coração dela.

Agora saiu, não é?

Você é um tira esperto.

Nós esquecemos do bucheiro, disse o Cão, um balão desse tamanho, se realmente está sendo feito, tem que ter o melhor especialista em bucha. Um cara como o velho Silva Mattoso. Ele faz a melhor bucha de estágio do Brasil, sabe como é, queima primeiro uma, depois outra...

Sei como é.

Ele faz balão de até oito estágios, que voa mais de quinhentos quilômetros. Vai parar em Minas, no Espírito Santo.

Descobre por onde ele anda e o que está fazendo. O Edgar vai te ajudar.

Dediquei-me ao Fodão. Andei por toda parte, com o Cão e sem ele. Méier, Madureira, Caxambi, Del Castilho, Bangu, Penha, Campinho, Quintino Bocaiúva, Cascadura, Anil, Pavuna, Costa Barros, Honório Gurgel, Cidade de Deus, Rio das Pedras, Gardênia Azul, Anchieta, Deodoro, Curicica, Ricardo de Albuquerque, Magalhães Bastos, Realengo, Camorim, Padre Miguel, Senador Camará, Vargem Pequena e Vargem Grande, Santíssimo, Curupira, Senador Vasconcelos, Campo Grande, Mendanha, Cosmos, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Caxias, Nilópolis, não nessa ordem, indo cada vez mais longe. Dei a volta ao mundo, me perdi inúmeras vezes, nem a Morte conhece todas as ruas e praças e estradas do Grande Rio. Balões estavam sendo feitos em toda parte, nos municípios adjacentes, na zona rural, nos subúrbios, nos morros, nos bairros. Até na Zona Sul havia gente fazendo balão. Baloeiros surfistas. Mas O Fodão era grande

demais para ser solto numa rua ou numa praça, precisava de um terreiro grande, de uma várzea larga, e isso era a nosso favor.

O dia vinte e três se aproximava. Fabiana não respondia aos recados que eu deixava na sua secretária eletrônica. Na reunião semanal do Grupo ela ficava calada. Também Marina falava pouco. Depois de me apunhalarem pelas costas as duas tinham mesmo que se sentir constrangidas. Eu não sabia se tinham ou não mandado o ofício pedindo a minha substituição, nem, caso afirmativo, que decisão fora tomada na Secretaria. Ia saber pelo Boletim, que é a maneira ruim de saber notícia ruim.

No dia vinte e um, dois dias antes da data do provável lançamento do Fodão, tive uma reunião com os detetives e discutimos o assunto. Um deles, o detetive Arsênio, estava convicto de que o balão ia ser solto em Caxias.

Eles contrataram o Gringo, o cara do Cabo Canaveral, disse Arsênio, o Gringo desfilou no Carnaval na Escola de Samba Grande Rio, que é de Caxias. Esses gringos gostam de coisas exóticas, deve ter se enrabichado por uma mulata e está na coisa por amor.

E o Zé de Souza?

Ele anda brigado com a turma de Caxias. Mas esse balão faz o sujeito esquecer qualquer divergência.

Se chamarem ele vai?

Vai, disse o Cão.

E o Caveirinha?

Dizem que o Caveira anda bebendo muito e que é carta fora do baralho. Não interessa perder tempo com ele, disse um dos detetives.

E o bucheiro? O Silva Mattoso?

Sumiu. Mas ele é amigo do pessoal de São João de Meriti,

disse o detetive Edgar.

Só pode ser Caxias, insistiu Arsênio. Eles têm dinheiro. O bicheiro patrono da Escola de Samba está financiando tudo. E Meriti é um ovo, cidade-dormitório.

É um ovo mas está cheio de baloeiros em Éden, Coelho da Rocha, São Mateus, Vilar dos Teles, Vila Rosali, disse o Cão.

Se Caxias chamar, o Zé de Souza vai mesmo?

Se chamarem e o balão estiver sendo feito em Caxias, ele vai. Mas não sei se chamaram, disse o Cão.

Nem sabemos se eles estão fazendo o Fodão. Tem muita comunidade fazendo balão grande. Como acontece todo ano, disse Edgar.

Não podemos esquecer o gringo de Cabo Canaveral, disse Arsênio, que estava infiltrado em Caxias. Bebi umas e outras com ele e uma turma de baloeiros e o Gringo só falava em, em, deixa eu pegar este papel onde escrevi tudo: forças gravitacionais, força de atrito, arrasto aerodinâmico, equações de movimento, órbitas keplerianas.

Caralho, disse alguém.

Só pode ser assunto do Fodão, continuou Arsênio. E eles vão soltar o bicho às nove horas.

Vamos votar. Éramos oito votando. Eu, além do meu, teria o voto de Minerva. Mas não foi preciso desempatar. Caxias ganhou por sete a um. O Cão votou em São João de Meriti, mas sem muita convicção.

Se não for Caxias dá tempo de deslocarmos nosso pessoal para São João de Meriti?, perguntei.

Há a estrada Caxias—Meriti. Mas cinqüenta homens se deslocam devagar. Muito comando passando de um nível para o outro, disse o Cão.

Chefe, disse Edgar, isso tudo pode ser uma fria, o Fodão não existe e nós vamos fazer um papel ridículo.

Telefonei para Fabiana.

Amanhã vamos pegar o balão fantasma. Eu gostaria que você viesse com a gente.

Não quero ir.

Eu te peço. Depois não te chateio nunca mais. Alguém do Grupo, além de mim, deve ir. E eu não quero levar a Marina. Ela não gosta de mim.

Ela gosta sim. Ela até sonhou com você outro dia.

Mas eu preferia que você fosse. Lembra do que você disse? O significado suasório dessa apreensão?

Haverá violência?

Nenhuma. Prometo. Passo na sua casa de tardinha.

Depois fui ao Comando da PM e acertei tudo. Os homens da tropa de choque ficariam de prontidão. Do rádio do meu carro eu daria as coordenadas.

Passei na casa de Fabiana às seis horas. Depois peguei o Cão na av. Presidente Vargas esquina de Senhor dos Passos. Tudo OK?, perguntei pelo rádio ao comandante da tropa de choque.

Os homens já estão nas viaturas aguardando as ordens.

O Arsênio está aí com vocês? Ele sabe o local.

Arsênio estava com eles. O Cão, que estava comigo, também sabia onde era.

Encontrei com os carros da tropa de choque na av. Brasil, em frente à refinaria de Manguinhos. Pegamos a estrada e paramos na entrada de Caxias.

A tropa de choque usava escudos, coletes, cassetetes, metralhadoras, uniforme e capacetes escuros.

É preciso isso tudo?, perguntou Fabiana.

É só para assustar, eu disse.

Chegamos com a tropa de choque ao local do lançamento. Uma grande e compacta aglomeração de pessoas fazia um enorme círculo em torno do balão, já inflado, ainda preso nas amarras. Os soldados saltaram das viaturas e irromperam por entre a multidão, abrindo o caminho a golpes de cassetete, até cercar o balão.

Era um balão grande, mas eu e o Cão já havíamos visto dezenas iguais.

Puta que pariu, esse aí não pode ser o Fodão, disse o detetive.

O Fodão vai ser lançado em Meriti, eu disse. Você conhece a estrada para Meriti? Vamos para lá.

Só nós? Não dá tempo de reagrupar a tropa de choque. Olha o melê, o pau está comendo, a cagada é total, disse o Cão.

Estávamos tão nervosos que esquecemos a presença de Fabiana e gritávamos palavrões um para o outro.

Vamos, porra, estou mandando.

Então o senhor me dá o volante, disse o Cão.

Seguimos em alta velocidade pela estrada Caxias—Meriti. Pelo rádio do carro tentei fazer contato com o comandante da tropa de choque, mas não consegui.

Já estamos em Meriti, esta é a estrada do Munguengo. Eles devem estar lançando o Fodão numa várzea nas margens do Sarapuí, disse o Cão.

E estavam mesmo. O Fodão subia para o céu, a coisa mais espantosa que já vi voando em toda a minha vida. O maior balão de ar quente de todos os tempos. O lançamento era saudado com exclamações de júbilo, e os gritos finos das mulheres e crianças cobriam as vozes dos homens.

Saltamos do carro.

Meu Deus, disse Fabiana. Eu e o Cão ficamos calados. Dizer o quê? Só olhamos, e olhamos, e olhamos o Fodão subir lentamente aos céus, enquanto da cangalha explodiam os morteiros e os fogos de artifício expeliam fulgores criando um clarão que iluminava até onde a vista podia alcançar.

Fabiana voltou para o carro e sentou-se no banco de trás, em silêncio.

Eu e o Cão continuamos olhando o balão até ele ficar do tamanho de uma estrela no céu.

Não consegui, mais uma vez, fazer contato pelo rádio do carro com a tropa de choque que estava em Caxias se ferrando e ferrando os outros. Senti fome. Perguntei se alguém mais queria comer alguma coisa. Somente o Cão respondeu.

Paramos numa lanchonete. Fabiana tomou uma água mineral. Todas as minhas tentativas de fazê-la dizer alguma coisa foram inúteis. O Cão falava do balão. Dava palpites sobre a altura, o diâmetro, quantas dezenas de milhares de metros cúbicos de ar quente haveria dentro dele, que ele ia cair em Minas Gerais, ou no Espírito Santo, ou São Paulo, e que não era um gringo de merda comedor de mulatas inocentes, farsante do Cabo Canaveral, que tinha calculado a trajetória dele.

Voltamos pela Linha Vermelha.

O que é aquilo? O que é aquilo?, gritou o Cão.

A Linha Vermelha tem uma topografia plana e um largo horizonte e trafegando-se por ela dava para ver toda a abóbada celeste. Ou quase toda.

O que é aquilo? O que é aquilo?, disse o Cão, excitado.

O balão, disse Fabiana. A segunda vez que ela abria a boca naquela noite.

Era mesmo.

Como é possível? Impossível, gritou o detetive.

É ele, o Fodão. Alguma coisa aconteceu com a bucha, eu disse.

Podíamos ver o balão voando lentamente. Fomos atrás. O carro andava a vinte por hora. Um patrulheiro de motocicleta parou ao lado. Qual é o problema?, perguntou. Mostrei a ele minha carteira, estou seguindo aquele balão. Ele está indo para a Penha, disse o patrulheiro, e arrancou com a motocicleta. Seguimos o balão. A toda hora parávamos o carro. Ele vai cair no aeroporto, dizia o Cão, não, ele está mudando de lado, está indo para Ramos, não, está indo para São Cristóvão. Demoramos um tempo enorme sem saber para onde ir. Até que decidimos que ele estava indo para o centro da cidade.

Tomamos a saída da Cidade Nova e paramos no canal do Mangue para observar o bicho. O balão tinha perdido muita altura, sua energia acabara, ele caía muito depressa. Deslocava-se para a Zona Sul, ia cair dentro de alguns minutos e para chegar antes varamos a Rio Branco furando todos os sinais, pegamos o aterro a duzentos por hora, atravessamos o túnel de Copacabana, saímos na Atlântica, sempre a mais de cento e cinqüenta, de madrugada é fácil. Quando chegamos na Vieira Souto vimos que o balão estava caindo no mar, em frente às ilhas Cagarras, a uns dois mil metros da praia.

O Caveirinha já estava lá, na praia do Leblon, numa pick-up japonesa novinha em folha. A turma dele sabia calcular os ventos. Ele e o pessoal da captura e mais o Zé de Souza e mais um sujeito de barba branca que devia ser o bucheiro Silva Mattoso contemplavam em silêncio a queda do balão no mar. O sol raiava à esquerda, na altura do Arpoador, e fazia brilhar o papel

laminado que revestia o balão. Havia mais dois carros, distantes um do outro, de baloeiros rivais, e os homens dentro dos carros estavam imóveis contemplando o espetáculo em silêncio. Um massacre teria ocorrido se o maior balão do mundo caísse em terra.

Nosso carro parou atrás da pick-up do Caveirinha. Alguns dos homens da captura, o volume das armas de fogo aparecendo sob as camisas, entraram na praia e sentaram-se na areia, olhando. Um deles deitou desanimado a cabeça sobre os joelhos. Aquele balão não fora feito para voar apenas cinqüenta quilômetros e cair no lugar errado.

O balão parecia maior do que o morro de pedra da ilhota Cagarra, que fica à esquerda do conjunto de ilhas. Caiu lentamente e tocou no mar, primeiro a armação de flâmulas, depois a fieira de lanternas já apagadas, depois a cangalha de fogos, até que a imensa boca de ferro pousou no oceano e o balão ficou imóvel, uma caravela fantástica na calmaria. Manteve-se enfunado muito tempo, antes de sumir nas águas.

Fabiana assistiu a tudo, o rosto muito pálido.

Zé, gritou o Cão.

Zé de Souza se aproximou do nosso carro, o binóculo dependurado no peito. Você por aqui, Cão?

Zé, o barbicha é o Silva Mattoso?

O velho vai morrer de tristeza, a bucha pifou.

Nós também queríamos o balão, Zé.

Ele não foi criado para ser preso, nem para morrer no mar como se fosse marinheiro. Era melhor que tivesse estourado e caído na terra como uma bola de fogo, incendiando o mundo. Dá vontade de chorar, disse o Zé de Souza.

Fodam-se as florestas, disse o Cão.

Fodam-se as florestas, repetiu o rastreador.

Vamos embora, Diogo Cão, eu disse.

Doutor, se o senhor não se importa, eu vou ficar por aqui.

Está bem, eu disse, e o detetive foi com o rastreador para junto dos baloeiros. Quando dei partida no carro o Cão estava abraçando o velho Silva Mattoso.

Quer que eu te leve para casa?

Sim, por favor. Estou cansada.

Fabiana morava na rua das Laranjeiras. Quando entramos no túnel Rebouças ela me disse, eu te amo.

Não falamos do balão. Nem no túnel, nem na cama, nem depois tomando café-com-leite, nem naquele dia todo, nem nunca mais.

A CARNE E OS OSSOS

Meu avião só partia no dia seguinte. Pela primeira vez lamentei não ter um retrato da minha mãe comigo, mas sempre achei uma idiotice andar com retratos da família no bolso, ainda mais da mãe.

Eu não me incomodava de ficar mais dois dias vagando pelas ruas daquele grande formigueiro sujo, poluído, cheio de gente estranha. Era melhor do que andar por uma cidade pequena com ar puro e caipiras que dizem bom-dia quando cruzam com você. Eu ficaria ali um ano se não tivesse aquele compromisso me esperando.

Andei o dia inteiro respirando monóxido de carbono. À noite meu anfitrião me convidou para jantar. Uma mulher nos acompanhava.

Comemos vermes, o prato mais caro do restaurante. Ao olhar um deles na ponta do garfo, pareceu-me uma espécie de larva ou pupa de berne que ao ser frita perdera os pêlos negros e a cor leitosa. Era um verme raro, explicaram-me, extraído de um vegetal. Se fosse um berne a iguaria seria ainda mais cara, respondi, irônico, já tive berne no meu corpo três vezes, dois na perna e um na barriga, e os meus cavalos e os meus cães também tiveram, é difícil tirar ele inteiro, de forma a ser comido frito, somente frito poderia ser saboroso, como estes aqui — e enchi minha boca de vermes.

Depois fomos a um lugar que o meu anfitrião queria me mostrar.

O amplo salão tinha ao centro um corredor por onde mulheres desfilavam nuas, dançando ou fazendo poses. Passamos por entre as mesas, em torno das quais sentavam-se homens engravatados. Pedimos algo ao garçom, depois que nos instalamos. Ao nosso lado uma mulher com apenas um cache-sexe, postada de quatro, esfregava as nádegas no púbis de um homem de paletó e gravata sentado de pernas abertas. Ela exibia uma fisionomia neutra e o homem, um sujeito de uns quarenta anos, parecia tranqüilo como se estivesse alojado numa cadeira de barbeiro. O conjunto lembrava uma instalação de arte moderna. Poucos dias antes, em outra cidade, em outro país, eu havia ido a um salão de arte ver um porco morto apodrecer dentro de uma caixa de vidro. Como fiquei poucos dias na cidade, pude apenas ver o animal ficar esverdeado, disseram-me que era uma pena eu não poder contemplar a obra em toda a sua força transcendente, os vermes comendo a carne.

Ali, no cabaré, aquela exibição também me parecia metafísica como a visão do porco morto em seu recipiente de cristal brilhante. A mulher me lembrou, por um curto momento, um sapo gigantesco, porque estava agachada e porque seu rosto, mulato ou índio, tinha algo de anfíbio. Na mesa havia mais três homens, que fingiam não tomar conhecimento dos movimentos da mulher.

Do nosso lugar não podíamos ver tudo o que acontecia no salão. Mas nas mesas em torno de nós havia sempre uma ou duas mulheres atracadas num homem inteiramente vestido. O bilhete de entrada dava direito a que uma das inúmeras mulheres que faziam strip-tease em vários pontos do salão se esfregasse por algum tempo no portador do ticket de entrada. Havia um padrão coreográfico nas carícias: a mulher punha-se de quatro, roçava as

nádegas no púbis do homem que permanecia sentado na cadeira, depois dançava à frente dele. Algumas, mais rebuscadas, subiam em cima do sujeito e prendiam-lhe o rosto no vértice das suas coxas. Depois pegavam o ticket de entrada e afastavam-se.

A única mulher que assistia àquele espetáculo era a nossa acompanhante. O meu anfitrião a chamava de Condessa, não sei se era o nome dela ou o título. Quando era jovem conheci uma mulher que me disse ser uma Condessa verdadeira, mas acho que era mentira. De qualquer forma eu chamava a minha companheira de mesa de senhora Condessa, como antigamente eu fazia com a outra. Ela olhava o que acontecia em torno e sorria discretamente, comportava-se como supunha que um adulto deve proceder num circo.

De todos os cantos vinha o som alto de dance music. Para poder falar com a Condessa eu tinha que aproximar minha boca da sua orelha. Eu disse alguma coisa que me distinguia como um observador isento e entediado, esqueci o que foi. Também com a boca quase colada na minha orelha, a Condessa, depois de comentar a atitude de uma mulher perto de nós que esfregava a boceta na cara de um homem de gravata-borboleta, citou em latim a conhecida frase de Terêncio: as coisas humanas não lhe eram alheias, e portanto não a assustavam. E para demonstrar isso balançou o corpo no ritmo do som retumbante e cantou a letra de uma das músicas. Eu a acompanhei, batendo na mesa.

No salão havia um boxe de vidro com chuveiro, fortemente iluminado por spots de luz, no qual as mulheres se revezavam tomando banho. Algumas molhavam e lavavam o corpo inteiro, ensaboavam artelhos, pentelhos, joelhos, cotovelos, cabelos. Outras faziam abluções estilizadas. Elas estão dizendo estou limpa, confie em mim, sussurrou a Condessa no meu ouvido.

Esperamos correr a rifa. O premiado poderia escolher qualquer das mulheres para passar o resto da noite com ele, na palavra do mestre-de-cerimônias.

Nós, eu e o meu anfitrião, não fomos sorteados. A Condessa não comprara a rifa.

Então ficamos calados, sem cantar e sem bater na mesa acompanhando a música. Pagamos — o anfitrião pagou — e saímos.

Despedimo-nos na calçada em frente ao bar. A Condessa se ofereceu para me levar ao hotel. O anfitrião também. Eu disse que queria andar um pouco, as grandes cidades são muito bonitas ao amanhecer.

Eu já caminhava havia uns dez minutos, lastimando não ter uma foto da minha mãe no bolso, nem num álbum, nem em nenhuma gaveta, quando o carro da Condessa parou ao meu lado.

Entra, ela disse, estou sentindo vontade de chorar e não quero chorar sozinha.

Ao chegarmos ao hotel havia um recado do meu irmão. Liguei para ele do quarto. A Condessa ouviu a conversa com meu irmão. Sinto muito, ela disse, sentando-se na cama, cobrindo o rosto com as mãos, mas não estou chorando por você, estou chorando por mim.

Deitei na cama e olhei para o teto. Ela deitou-se ao meu lado. Encostou o rosto úmido no meu e disse que foder era uma maneira de celebrar a vida. Fodemos em silêncio e depois tomamos banho juntos, ela imitou uma das mulheres do cabaré se lavando e cantando e eu a acompanhei batendo nas paredes do boxe do chuveiro. Ela disse que estava se sentindo melhor e eu disse que estava me sentindo melhor.

Peguei o avião.

Nove horas e meia depois cheguei ao hospital.

O corpo de minha mãe estava na capela, dentro de um caixão coberto de flores, sobre um catafalco. Meu irmão fumava ao lado. Não havia mais ninguém.

Ela perguntava muito por você, disse o meu irmão, então me aproximei dela e disse que eu era você, ela segurou na minha mão com força, disse o seu nome e morreu.

No jazigo da família já estavam os restos do meu pai e do meu irmão. Um funcionário do cemitério disse que alguém teria que assistir à exumação. Eu fui. Meu irmão parecia mais cansado do que eu.

Eram quatro exumadores. Abriram a campa de mármore rosa e arrebentaram com martelos a placa de cimento que fechava a sepultura. O jazigo era dividido em dois por uma laje. Um dos coveiros entrou dentro do buraco aberto, com cuidado para não pisar nos restos do meu irmão, na parte superior. As roupas do meu irmão estavam em bom estado. Ele tinha bons dentes, os molares obturados com ouro. Quando a cabeça foi retirada o maxilar inferior se desprendeu do resto do crânio. O fêmur e a tíbia estavam mais ou menos inteiros; as costelas pareciam de papelão pardo.

Os ossos foram jogados pelo coveiro numa caixa de plástico branco ao lado da sepultura. Três baratas e uma lacraia vermelha subiram pelas paredes, a lacraia parecia mais veloz do que as baratas, mas as baratas sumiram primeiro. Eu disse em voz alta que a lacraia era venenosa. O coveiro, ou que nome tivesse, não deu importância ao que eu dissera.

Logo que os restos do meu irmão foram colocados na caixa de plástico, o nome dele foi escrito em letras grandes na tampa. Um dos homens entrou na sepultura e arrebentou com marreta e

formão a laje que fechava a parte inferior onde se encontravam os restos do meu pai, que morrera dois anos antes do meu irmão. O exumador voltou a entrar na sepultura. Os ossos do meu pai estavam em pior estado que os do meu irmão, alguns tão pulverizados que pareciam terra. Tudo foi jogado dentro de outra caixa plástica, misturado com restos de tecido, as roupas do meu pai não eram tão boas como as do meu irmão e haviam apodrecido tanto quanto os ossos. Do crânio do meu pai só restara a dentadura postiça; o acrílico vermelho da dentadura brilhava mais do que a lacraia.

Dei uma boa gorjeta para os sujeitos. As duas caixas foram colocadas ao lado da sepultura.

Voltei para a capela.

Meu irmão fumava olhando pela janela o trânsito lá fora.

Um padre apareceu e rezou.

O caixão fechado foi colocado numa carreta. Seguimos, eu e o meu irmão, a carreta empurrada pelo coveiro até a sepultura aberta. O caixão da minha mãe foi colocado na parte inferior. Uma laje foi cimentada, deixando a parte superior vazia, à espera do futuro ocupante. Sobre essa laje foram provisoriamente depositadas as duas caixas com os restos do meu pai e do meu irmão. A campa de mármore rosa com os nomes dos dois, gravados em bronze, fechou a sepultura.

Devem ter roubado as obturações de ouro dos dentes do meu irmão enquanto fui à capela apanhar a minha mãe, pensei. Mas estava muito cansado para comentar isso. Caminhamos em silêncio até a porta do cemitério. Meu irmão me deu um abraço. Quer uma carona?, perguntou. Eu disse que ia caminhar um pouco. Olhei o carro dele se afastar. Fiquei ali, em pé, até escurecer.

IDIOTAS QUE FALAM OUTRA LÍNGUA

Um quarto de dormir com um espelho no teto. Ao lado, a porta aberta, um banheiro. No quarto, uma cama de casal, uma cadeira, duas mesinhas de cabeceira, vários litros de Coca-Cola, dois deles vazios, pacotes de batata frita, maços de cigarro. Sílvia está nua, deitada na cama, com uma perna levantada, dobrada, o pé apoiado sobre o joelho. José Roberto está em pé, também nu, ao lado da cama, escovando os dentes.

JOSÉ ROBERTO *(enquanto escova os dentes com uma escova sem pasta)*

Odeio poucas coisas na vida e uma delas é que você escove os dentes com a minha escova. Isso me irrita, não sei como você pode se confundir, nossas escovas são tão diferentes, vê?, a sua é azul, a minha é vermelha, está vendo, azul, vermelha, e a sua tem a haste mais comprida, e as Cerdas da minha são mais moles e estreitas, e a minha tem um furinho na ponta da haste, a sua não tem. Azul, está vendo?, vermelha, está vendo?, você não é daltônico, eu odeio, odeio, desculpe eu insistir, não é que eu tenha nojo de você, somos casados há quinze anos, mas eu sou, como direi, convencional, casei virgem porque sou convencional, eu escovo os dentes com a minha escova porque sou convencional, eu sou uma esposa fiel porque sou convencional, eu cuido da casa quando você sai para trabalhar das nove da manhã às nove da noite porque sou

convencional, o homem trabalha e a mulher cuida da casa e eu aceito isso porque sou convencional e odeio que você escove os cientes com a minha escova porque sou convencional.

SÍLVIA

Você imita perfeitamente, só falta aquele hum ham que ela faz. Hum, ham.

JOSÉ ROBERTO

Ela falou meia hora sem parar sobre eu escovar os dentes com a escova dela. Foi nessa hora que decidi.

SÍLVIA

É por isso que você está escovando os dentes com a minha escova? Para se vingar dela?

JOSÉ ROBERTO

Eu sempre escovei os dentes com a sua escova.

SÍLVIA

E o que você faz todos os dias das nove da manhã às nove da noite?

JOSÉ ROBERTO

Venho para cá.

SÍLVIA

Segundas, quartas e sextas. E nas terças e quintas?

JOSÉ ROBERTO

Vou ao cinema. Tenho que criar um padrão. Para ela não desconfiar.

SÍLVIA

E por que você não vem para cá nas terças e sextas?

JOSÉ ROBERTO

Quintas. Não quero cansar você.

SÍLVIA

Você nunca me cansa, seu brutamontes fodedor.

JOSÉ ROBERTO

Você não quer saber o que eu decidi?

SÍLVIA

Você não pode decidir nada. O dinheiro é dela.

JOSÉ ROBERTO

Quer ou não quer saber?

SÍLVIA

Você já escovou os dentes. Vem para a cama. Estou pingando.

Sílvia abre as pernas e José Roberto deita-se sobre ela. Beijam-se. Movimentos de fornicação.

SÍLVIA

Anda, diz.

JOSÉ ROBERTO

Estou alucinado por você.

SÍLVIA

O que mais?

JOSÉ ROBERTO

Eu te amo, eu te amo.

SÍLVIA

O que mais?

JOSÉ ROBERTO

Eu te adoro.

SÍLVIA

Mais. Mais!

JOSÉ ROBERTO

Você é o meu sol, o ar que eu respiro *(aspira ruidosamente o*

hálito da boca ofegante de Sílvia), a minha vida.

SÍLVIA

Fala, fala!

JOSÉ ROBERTO

Adoro foder com você. Meu anjo. Minha luz! Caramba!

SÍLVIA

Mais. Ai, ai, mais, mais, mais, estou quase gozando.

JOSÉ ROBERTO

Adoro enfiar o meu pau em você.

SÍLVIA

Estou gozando, me morde, goza comigo.

JOSÉ ROBERTO

Vou matar a Lili.

SÍLVIA

Me mata também. Diz que me mata!

JOSÉ ROBERTO

Eu te mato.

SÍLVIA

Estou gozando.

Os dois se abraçam furiosamente. Rolam na cama. Afinal ficam imóveis, José Roberto com o seu corpo sobre Sílvia, os dois com as pernas esticadas. José Roberto afasta seu rosto.

JOSÉ ROBERTO

Apareceram as olheiras. Gosto do teu rosto com as olheiras. Você ouviu o que eu disse?

SÍLVIA

Que me ama, que me adora. Tuas costas são lindas, cheias de músculos, olha ali no espelho. *(Apanha um litro de Coca-Cola, que está vazio. Abre um outro. Enche um copo. Retira*

batatas do pacote. Bebe e come.) Você acredita nessa história de que Coca-Cola dá celulite?

JOSÉ ROBERTO

Vou matar Lavínia.

SÍLVIA

Só porque ela não deixa você escovar os dentes com a escova dela? Apanha um cigarro para mim. *(Roberto apanha um maço na mesinha de cabeceira ao lado dele.)* Obrigada. Onde está o isqueiro? Você sempre me deixa com olheiras. O isqueiro está no banheiro. Deixa que eu vou apanhar.

No banheiro Sílvia, com um lápis de maquiagem, escurece ainda mais as olheiras sob seus olhos. Começa a voltar para o quarto e lembra-se de apanhar o isqueiro. Volta para o quarto.

JOSÉ ROBERTO

Você ouviu o que eu disse?

SÍLVIA

E cigarro? Dá mesmo câncer?

JOSÉ ROBERTO

Você ouviu o que eu disse?

SÍLVIA

Que vai matar a Lavínia?

JOSÉ ROBERTO

Não agüento mais.

SÍLVIA

Podíamos fazer uma viagem juntos.

JOSÉ ROBERTO

Viajar é conhecer idiotas que falam outra língua.

SÍLVIA

Você sempre me deixa com olheiras, seu brutamontes

fodedor.

JOSÉ ROBERTO

Eu não estou brincando. *(José Roberto começa a se vestir.)*

SÍLVIA

Você não vai tomar banho?

JOSÉ ROBERTO

Quero ficar com o teu cheiro no meu corpo. *(Coloca carinhosamente a mão no púbis de Sílvia. Depois põe a mesma mão sobre o nariz e aspira profundamente.)* O aroma da vida! Já te falei que antes de te conhecer eu tinha horror de boceta?

SÍLVIA

Leva um presente para ela.

JOSÉ ROBERTO

O quê?

SÍLVIA

Bombons. Para ela ficar ainda mais gorda.

Cozinha ampla e moderna, cheia de *gadgets,* da casa de José Roberto e Lavínia. Ela veste um avental rendado sobre um vestido elegante de seda. Usa colar, brincos, anéis. Prepara a comida enquanto consulta um grosso livro de receitas.

LAVÍNIA *(colocando os ingredientes numa saladeira)*

Endive eu já botei. Alface, rabanete, cenoura, couve-de-bruxelas. Uma pitadinha de vinagre de maçã. Ah, a lagosta. Misturar tudo.

José Roberto entra na cozinha com uma caixa grande de bombons na mão.

JOSÉ ROBERTO

Você agora deu para falar sozinha?

LAVÍNIA *(escondendo o livro de receitas debaixo de um guardanapo)*

Estou fazendo uma salada hum ham para você. Gostou do meu penteado? O Renan é um gênio. Quinze minutos, hum ham vinte no máximo, ele fez esse penteado. Ele não é um gênio hum ham?

JOSÉ ROBERTO

É um gênio.

LAVÍNIA

Como foi o seu dia hoje?

JOSÉ ROBERTO

O de sempre. *(Provando algo do prato e fazendo uma careta.)*

Endive de novo? Eu não sou coelho para comer esses troços.

LAVÍNIA

Na folga da Cilda eu sempre faço hum ham uma salada para você. Você tem que baixar o colesterol.

JOSÉ ROBERTO

Endive aumenta o colesterol. Ovo, manteiga, bacon fazem baixar o colesterol, é a última descoberta dos pesquisadores de uma universidade sueca.

LAVÍNIA

Só acredito nas hum ham pesquisas americanas.

JOSÉ ROBERTO

Os americanos confirmaram. Pesquisas recentes. Li isso ontem. Até recortei para você. Depois te mostro.

LAVÍNIA

Não hum ham acredito.

JOSÉ ROBERTO

Está me chamando de mentiroso? Você sabe que eu não minto nunca.

LAVÍNIA

As pesquisas são mentirosas, principalmente as últimas pesquisas. O que é isso que você tem na mão?

JOSÉ ROBERTO

Bombons.

LAVÍNIA

Bombons? Não, não, você sabe que eu não posso comer bombons. Isso dá celulite, é um hum ham veneno horrível. *(Tira a caixa de bombons da mão de José Roberto e abre a caixa ansiosamente.)* Ainda mais estes hum ham bombons alemães, são veneno puro, somente uma louca varrida comeria essa hum ham porcaria, por que você faz isso comigo, por quê? Você sabe que eu não resisto, você é muito mau, eu não resisto hum ham a bombons, é o meu vício. *(Come vorazmente os bombons, fala enquanto come.)* Isto é um veneno, hum ham eu vou hum ham me arrepender, que delícia, uma vez ou outra *(come, come)* hum ham isto não faz mal, diz que uma vez ou outra hum ham bombom não faz mal. Diz, diz, diz.

JOSÉ ROBERTO

É um veneno. Mas não é o pior dos venenos.

LAVÍNIA *(devorando os bombons)*

Existe um veneno pior?

JOSÉ ROBERTO

Depende.

LAVÍNIA

Depende de quê? Qual o pior veneno para você? Vê o que você fez?, acabei a caixa, meu Deus, hum ham que loucura, comi tudo, hum ham sou uma demente. Eu devia meter o dedo na garganta e vomitar essa porcaria. Qual o pior

veneno para você?

JOSÉ ROBERTO

Sonhar.

LAVÍNIA

Que coisa mais sem pé nem cabeça.

JOSÉ ROBERTO

Certos sonhos são muito venenosos. Todos os sonhos são venenosos. Meus sonhos são venenosos.

LAVÍNIA

Você disse que não sonha nunca. Vamos para a sala, a mesa está pronta, tem pão preto, chá de jasmim e grapefruit para comer com a salada.

JOSÉ ROBERTO

Sabe qual é o meu sonho venenoso?

LAVÍNIA

Você tem que comer tudo. Uma boa esposa tem que tomar conta do marido.

JOSÉ ROBERTO

Meu sonho é matar você.

LAVÍNIA *(rindo, um pouco perturbada)*

Você não tem coragem de matar uma hum ham barata.

JOSÉ ROBERTO

Uma mulher, a própria mulher, é diferente.

LAVÍNIA

E como é que você ia me matar?

JOSÉ ROBERTO

Botando veneno no teu chá de jasmim.

LAVÍNIA

Onde é que está o hum ham veneno?

JOSÉ ROBERTO

Aqui no meu bolso.

LAVÍNIA

Mostra.

José Roberto tira do bolso um pequeno vidro escuro.

JOSÉ ROBERTO

Ei-lo.

LAVÍNIA

Você, hum ham vai botar no meu chá?

JOSÉ ROBERTO

Agora mesmo. Espere aqui. Não se mova.

Lavínia fica imóvel como uma estátua. José Roberto vai para a cozinha carregando duas xícaras de chá.

JOSÉ ROBERTO *(volta, estendendo uma das xícaras para Lavínia)*

Anda, toma.

LAVÍNIA

Você já me matou antes uma vez, lembra? Com veneno, hum ham também.

JOSÉ ROBERTO

Agora não é brincadeira.

LAVÍNIA

Você está triste. Não fica hum ham triste não. Não gosto de você triste.

JOSÉ ROBERTO

Desculpe. Desculpe.

LAVÍNIA

Isso acontece com muitos homens. De repente, o fogo apaga. E você não quis fazer o hum ham tratamento com aquele

médico alemão.

JOSÉ ROBERTO

Japonês.

LAVÍNIA

Japonês era o do ham hum implante. Implante eu era contra, eu te disse ham hum que era contra o implante, aquilo sempre duro, hum ham que coisa mais esquisita.

JOSÉ ROBERTO *(bebendo da sua xícara)*

Bebe o veneno.

LAVÍNIA *(esvaziando a xícara num único gole)*

Você é uma criança, sabe?, hum ham, uma criança. E agora? Quer brincar de quê? De caubói? Você é o mocinho e eu sou o bandido, ham hum a bandida. Vai apanhar o revólver.

JOSÉ ROBERTO

Desculpe, desculpe. Acho melhor você se sentar.

LAVÍNIA

Vamos para a mesa jantar.

JOSÉ ROBERTO

Senta.

LAVÍNIA

É um fenômeno mental, você sabe, hum ham, não sabe?

JOSÉ ROBERTO

Sei.

LAVÍNIA

Começou quando você começou a trabalhar com o meu pai. Acho que, deixa eu bater na madeira *(bate na mesa),* quando o meu pai morrer você fica bom, hum ham.

JOSÉ ROBERTO

É possível. Desculpe, desculpe.

LAVÍNIA

Você não precisa pedir desculpa. Isso hum ham acontece até com gente da polícia, esses negros fortes.

JOSÉ ROBERTO

Está sentindo alguma coisa?

LAVÍNIA

Um pouco de fome.

JOSÉ ROBERTO

Só?

LAVÍNIA

E vontade de fazer xixi.

JOSÉ ROBERTO

Não vai fazer xixi porra nenhuma, fica aí sentada. Não está sentindo dor de estômago?

LAVÍNIA

De estômago? Não.

JOSÉ ROBERTO

Nem mesmo uma dorzinha de cabeça?

LAVÍNIA

Não.

JOSÉ ROBERTO *(passando a mão no próprio estômago)*

Será que eu troquei as xícaras? Caramba, eu troquei as xícaras!

LAVÍNIA

Vamos comer. Você não disse que tinha que sair hoje à noite? Eu também tenho um hum ham compromisso mais tarde.

JOSÉ ROBERTO

Que porra de veneno é esse que não mata ninguém? O cara garantiu que uma gota matava um cavalo. Não se pode

confiar em ninguém, puta que pariu, que inferno, nessas horas tenho vontade de morrer.

LAVÍNIA

Faz o implante, querido, um homem ham hum fica muito infeliz quando hum ham quando hum ham não consegue mais cumprir suas obrigações.

JOSÉ ROBERTO

Você vai ou não vai morrer?

LAVÍNIA

Vamos fazer de conta que ham hum eu morri. Pronto, morri. *(Fecha os olhos e deita a cabeça para trás.)*

JOSÉ ROBERTO *(jogando-se sobre Lavínia, agarrando-a pelo pescoço, fazendo-a cair ao chão junto com a cadeira. Ajoelhado, ele esgana Lavínia)*

Ham hum e morreu mesmo ham hum ham hum ham hum haaam huuum!

Os dois ficam caídos no chão, imóveis.

JOSÉ ROBERTO *(levantando-se)*

Veneno de merda.

José Roberto anda pela cozinha. Apanha distraído um pedaço de endive, põe na boca e cospe.

JOSÉ ROBERTO

Endive. Quem foi que inventou essa merda? *(Ajoelha ao lado de Lavínia)* Lavínia, Lavínia! *(Sacode o corpo de Lavínia.)* Você não está brincando, está? *(Coloca o ouvido no peito dela)* Caramba, matei uma inocente, matei uma santa! Vou me entregar. Confesso tudo, mereço ser castigado.

José Roberto pega o telefone em cima da mesa e disca.

JOSÉ ROBERTO *(ao telefone)*

Vamos, vamos, atende. Alô, alô? Matei uma santa! Não está entendendo? Matei uma santa. O veneno não fez efeito, esganei. Como que eu esganei? Com as mãos, porra, agarrei ela pelo pescoço. Antes eu dei a ela o veneno mas o veneno não fez efeito, era um veneno que devia ser instantâneo e matar um cavalo, mas talvez só matasse cavalos, cada animal tem suas enzimas próprias e bateu no estômago dela e não fez efeito, as mulheres são mais fortes do que os cavalos, comprovadamente. Estou falando sério. Ela ficou ham hum ham hum e me deu endive para comer e tudo isso foi me irritando e eu dei o veneno para ela e o veneno não fez efeito e eu agarrei ela pelo pescoço e esganei. E você é a culpada. Claro que você é a culpada, eu te disse que ia matar a Lavínia e você concordou. Implicitamente. O que você vem fazer aqui? Juro que é verdade, ela está estendida aqui na minha frente, a santa, já começou a esfriar. Não sei o que vou fazer com o corpo! Eu estou calmo, eu estou calmo, até onde um assassino calouro pode manter-se calmo. Então vem, então vem. Quanto tempo? Você está tomando banho? Então acaba de tomar banho e vem. *(Desliga o telefone)* Vai demorar uma hora para chegar. Eu sei como ela é.

Toca o telefone. José Roberto tira o telefone do gancho e ouve.

JOSÉ ROBERTO *(ao telefone. Surpreso)*

Ham hum. *(Ouve.)* Hum ham. *(Desliga o telefone.)*

José Roberto senta-se, pensativo.

Tocam a campainha. Ele pega Lavínia e a coloca sentada na cadeira. Som de passos.

VOZ DE HOMEM

Lavínia? Você está aí, Lavínia? Trouxe o material, meu amor.

Um homem surge na porta da cozinha.

JOSÉ ROBERTO

Quem é você?

HOMEM

Silas. Meu nome é Silas. Vim trazer uma encomenda para dona Lavínia. *(Nota, agora, Lavínia, sentada na cadeira.)* Que que houve com ela?

JOSÉ ROBERTO

Silas. Você é o cara que falou comigo no telefone. *(Imita.)* Meu amor, estou levando o material.

SILAS

Pensei que era ela que tinha atendido, que estava resfriada. Você me enganou com o hum ham. Você é o marido?

JOSÉ ROBERTO

Sou o marido. E você quem é, meu amor?

SILAS

Você não ia sair?

JOSÉ ROBERTO

Mas não saí.

SILAS

O que houve com ela?

JOSÉ ROBERTO

Desmaiou.

Silas se aproxima. Olha o corpo.

SILAS

Lavínia, Lavínia, eu volto depois. Tchau.

José Roberto se põe na frente dele.

JOSÉ ROBERTO

Que material você trazia para ela, meu amor?

SILAS

Isso é maneira de dizer. Trato todas as clientes de meu amor.

JOSÉ ROBERTO

Clientes?

SILAS

Doutor, doutor, sou eu quem fornece o pó para vocês.

JOSÉ ROBERTO

Pó? Para nós? Você está maluco? Pó? Eu não tomo nem pó de guaraná.

SILAS

A Lavínia cheira forte.

JOSÉ ROBERTO

Eu não sabia nada disso. Seu traficante escroto.

SILAS

Tem muita coisa que você não sabe.

JOSÉ ROBERTO

O quê, por exemplo?

SILAS

Deixa pra lá.

JOSÉ ROBERTO

Deixa pra lá porra nenhuma.

SILAS

E a culpa não é dela.

JOSÉ ROBERTO

É minha?

SILAS

Isso acontece. Podia acontecer comigo, mas aconteceu com você.

JOSÉ ROBERTO

O que aconteceu comigo?

SILAS

Ela me contou tudo, mas não fica bem eu falar, e ela pediu segredo. Você devia ter procurado um médico, meu chapa. Ela sofreu muito, demorou muito até, até... E eu sempre tratei ela com muito carinho... Ela disse que depois que nós, sabe como é, que nós, sabe como é, ficamos íntimos, a relação dela com você melhorou muito. Quer dizer, você continua não dando no couro, mas ela te trata bem, cuida do teu colesterol, mandou o pai dela te dar um aumento de salário, arranjou um remédio para a tua caspa. Enfim, a vida de vocês melhorou muito.

JOSÉ ROBERTO *(falando com os seus botões)*

Ela me enchia de endive enquanto me corneava. *(Protestando.)* Eu nunca tive caspa.

SILAS

Mas ela te trata bem, não trata?

JOSÉ ROBERTO

Tratava.

SILAS

Sabe por quê? Porque é uma mulher satisfeita. Modéstia à parte, isso você deve a mim. Tratava? Não trata mais? *(Para Lavínia.)* Hei, benzinho, trata bem dele.

JOSÉ ROBERTO

Devo estar sonhando.

SILAS

Ela está com uma cor esquisita. *(Silas segura a mão de Lavínia.)* A mão dela está fria. *(Silas solta a mão de Lavínia. O braço de Lavínia balança desamparado?)* Lavínia, Lavínia! Que marcas são essas no pescoço dela?

Silas recua. Os dois homens se olham.

SILAS

Acho melhor eu ir embora.

JOSÉ ROBERTO

Está com pressa?

SILAS

Tenho outra entrega para fazer.

JOSÉ ROBERTO

Como é que era? Vocês dois na cama?

SILAS

Tenho que ir.

José Roberto se põe na frente de Silas.

SILAS

Eu estou armado, meu chapa.

JOSÉ ROBERTO

Mostra a arma.

SILAS

Sai da minha frente!

JOSÉ ROBERTO

Mostra a arma, quero ver.

Silas tira uma faca da cintura.

SILAS

Sai da minha frente senão eu te corto.

JOSÉ ROBERTO

Você está pensando que eu sou broxa, não é? Não sou não, dou duas de pau dentro.

SILAS

Não foi isso o que a Lavínia me contou.

JOSÉ ROBERTO

Você pra foder minha mulher tinha que cheirar pó, seu raquítico de merda. Olha aqui o meu braço! Está vendo o muque? *(José Roberto tira o paletó, arregaça a manga e mostra o bíceps.)* Mostra o teu muque. Anda, mostra, fuinha, pilantra, traficante, analfabeto.

SILAS *(brandindo a faca)*

O muque está aqui, seu corno broxa.

JOSÉ ROBERTO *(abrindo uma gaveta da mesa da cozinha e tirando uma faca comprida de cortar carne de dentro da gaveta. A gaveta cai ao chão com um forte estrépito, espalhando garfos e facas)*

Eu não sou broxa, seu filho da puta.

SILAS

Eu ensinei sua mulher a foder. Ensinei sua mulher a rir.

José Roberto se atira sobre Silas e o golpeia no peito com a faca.

SILAS *(pondo a mão no peito e cambaleando)*

Você me pegou, me pegou feio.

JOSÉ ROBERTO

Então, hein, hein? Quem é broxa?

SILAS

Você.

José Roberto levanta o braço para dar outro golpe.

SILAS

Chega, meu chapa. *(Vira as costas para José Roberto e caminha lentamente em direção à pia)* Nunca machuquei ninguém. Esta faca é só para fazer farol... para impressionar os trouxas... *(Solta a faca, que cai ao chão.)* Meu negócio é dar felicidade para os outros. *(Volta o rosto para José Roberto, cansado e melancólico.)* Para as mulheres, principalmente.

Silas abre a torneira. Apóia-se na pia. Baixa a cabeça. Deita-se no chão.

JOSÉ ROBERTO

Hei, fuinha, levanta daí. Vou botar um bandeide nesse arranhão e você vai ficar novinho em folha. *(José Roberto curva-se sobre Silas.)* Não vai morrer e deixar a bomba na minha mão, seu bunda suja. Hei, hei *(José Roberto sacode o corpo de Silas com força),* seu subnutrido de merda, raquítico escroto, favelado fedorento, vai morrer com uma facadinha que não mata uma galinha? Isso parece um sonho, o filho da puta morreu, caramba!

Passos. Uma mulher surge na porta.

JOSÉ ROBERTO

Porra, Regina, você demorou demais e eu acabei fazendo outra cagada.

REGINA

Eu estava tomando banho quando você telefonou. Eu demoro secando e penteando os cabelos. Você sabe disso.

JOSÉ ROBERTO

Já pedi mil vezes para você cortar os cabelos.

REGINA

Você disse para eu NÃO cortar os cabelos.

JOSÉ ROBERTO

A culpa é sua. Eu matei a Lavínia por sua causa. Aí esse sujeito apareceu e disse que eu era broxa. Sabia que a Lavínia cheirava cocaína?

REGINA

Você matou ela porque ela cheirava cocaína?

JOSÉ ROBERTO

Não, não. Quando eu disse a você que ia abandonar Lavínia você me disse que eu não tinha coragem porque o dinheiro era dela.

REGINA

Eu disse isso?! Você está maluco?

JOSÉ ROBERTO

Isto parece um sonho.

REGINA

Você anda mesmo sonhando. Quando foi que eu disse isso?

JOSÉ ROBERTO

Ontem. Na sua casa.

REGINA

Ontem foi quarta-feira. Você nunca vai lá em casa nas quartas-feiras. Segundas, quartas e sextas você vai ao cinema. Para criar um padrão, como você mesmo diz.

JOSÉ ROBERTO

Isso parece um sonho.

REGINA

E agora?

O telefone toca.

JOSÉ ROBERTO

A coisa que eu mais odeio depois de dentista e endive é telefone.

REGINA

Atende.

JOSÉ ROBERTO

Tem uma coisa que eu nunca te contei e devia ter contado.

REGINA

Atende o telefone.

José Roberto atende o telefone.

JOSÉ ROBERTO *(ao telefone)*

Tem uma coisa que eu nunca te contei e devia ter contado. Aquela coisa de eu ir ao cinema nas segundas, quartas e sextas... O quê? Está certo, eu me confundi, nas terças e quintas, bem, isso era mentira, eu não ia ao cinema nas terças e quintas, eu ia me encontrar com Regina. Quem é Regina? A minha outra namorada. Espera aí, espera aí, deixa eu te explicar, sou um homem dividido, um homem pode amar duas mulheres com o mesmo fervor, procura entender, minha querida. Outra coisa: foi você que disse que eu não podia me separar de Lavínia porque ela era dona do dinheiro?

REGINA *(arrancando o telefone da mão de José Roberto com violência)*

Alô, como é o seu nome? Sílvia? Olha aqui, Sílvia, esse pulha enrolava nós duas. Segundas, quartas e sextas com você, terças e quintas comigo e aquele papo do cinema para criar um padrão. Ele também pedia para você chamar ele de

brutamontes fodedor? *(Regina dá vários socos no peito de José Roberto, que não se defende.)* Estou batendo nele sim. Como? Dando socos no peito do brutamontes fodedor. Bater de leve? Sua idiota, ele estava passando você para trás, estava me passando para trás e agora inventa que matou a mulher por nossa causa. Sim, eu estou dizendo, ele matou, ma-tou a mulher. Foi você quem disse para ele que a Lavínia era dona do dinheiro, não foi?

JOSÉ ROBERTO

Caramba, parece um sonho.

REGINA

Então vem. *(Desliga o telefone.)* Ela está vindo para cá.

JOSÉ ROBERTO

Que bom, a Sílvia é uma pessoa muito prática.

REGINA *(dando socos em José Roberto)*

Eu também sou muito prática, seu idiota. Vamos esconder o corpo desses dois infelizes.

JOSÉ ROBERTO

Você será considerada minha cúmplice se descobrirem. É melhor você ir embora.

REGINA

Quem é esse sujeito que chamou você de broxa?

JOSÉ ROBERTO

Um traficante de cocaína.

REGINA

Defunto barato. O problema vai ser o cadáver da Lavínia.

JOSÉ ROBERTO

Você é um gênio. Maior do que o Renan.

REGINA

Quem é o Renan?

JOSÉ ROBERTO

O cabeleireiro dela.

REGINA *(dando um soco em José Roberto)*

Pára de confundir as coisas. Eu sou Regina, a outra é Sílvia. Ela é loura ou morena?

JOSÉ ROBERTO

Loura.

REGINA

Uma loura e a outra morena. Para variar, seu cachorro.

JOSÉ ROBERTO

Nem pensei nisso.

REGINA

Esse closet tem chave? Vamos esconder os corpos aí dentro e depois pensar calmamente no que vamos fazer. Onde está a empregada de vocês?

JOSÉ ROBERTO

Hoje é dia da folga dela.

Os dois levam os cadáveres para o closet. Limpam o chão. Apanham no chão a gaveta de talheres, colocam no lugar e arrumam nela as peças espalhadas pelo chão. Ouve-se uma campainha.

JOSÉ ROBERTO

Deve ser a Sílvia. *(Sai)*

REGINA *(acende um cigarro, anda pela cozinha)*

Preciso largar este vício maldito, acho que vou fazer aquele tratamento com laser... Pela cozinha você pode saber quem é a mulher. Pela cozinha e pelo banheiro. Aposto que o banheiro dela está entulhado de perfumes, cremes, xampus,

pomadas, depiladores, antimicóticos, desodorantes e uma balança. É o tipo de mulher que se pesa e se olha no espelho, se pesa e se olha no espelho. Ela não tem um cheiro, um pêlo fora do lugar, uma carninha fora do lugar. Não tinha, agora morreu. Morreu, se fodeu. *(Levanta o guardanapo que esconde o livro de receitas de cozinha.)* Um livro de receitas de cozinha... Agora as dondocas deram para cozinhar, ficou na moda... Quero ver elas arearem as panelas... Salada meridional... três maçãs, dois tomates, um pimentão vermelho, um aipo pequeno, suco de limão, páprica... *(Folheia o livro.)* Salada de endives com abacate... salada de couve-flor crua com maçã... salada de cenoura crua com agrião e pepino... Este livro só tem salada... Isso não é cozinhar, cozinhar é ensopadinho, feijoada, sopa de entulho, rabada com polenta, carne assada com batatas coradas e molho de ferrugem, tem que ir no fogo, porra!

Entram Sílvia e José Roberto. As duas mulheres se olham.

REGINA

Uma loura e outra morena. Uma de cabelo curto e outra de cabelo comprido. Uma magra e outra gorda. Cachorro diversificador!

JOSÉ ROBERTO

Esta é Regina, esta é Sílvia.

SÍLVIA

Vamos ao que interessa. Onde está o cadáver?

REGINA

No closet.

Sílvia vai até o closet, abre a porta.

SÍLVIA

São dois? Quem é esse homem?

REGINA

Um sujeito que chamou ele de broxa.

SÍLVIA

Você matou um homem porque ele chamou você de broxa?

JOSÉ ROBERTO

O nome dele é Silas. É um traficante. Ele estava tendo um caso com a Lavínia.

REGINA

Isso você não me contou. Então a santa estava dando por aí, sendo comidinha de traficante. E cheirava cocaína. *(Para Sílvia.)* Você sabia que ela cheirava cocaína? A santa?

SÍLVIA

Como foi que você foi fazer uma coisa dessas?

JOSÉ ROBERTO

Meu bem...

SÍLVIA

Não me chama de meu bem.

JOSÉ ROBERTO

Não sei como isso aconteceu. Foi sem querer.

SÍLVIA

Você me disse que ia matar a Lavínia e eu não acreditei.

JOSÉ ROBERTO

Eu não queria, comprei um veneno com o prazo de validade vencido e depois agarrei ela pelo pescoço como se a estivesse agarrando pelo braço e quando fui ver tinha esganado ela.

REGINA

E o homem?

JOSÉ ROBERTO

Ele puxou uma faca para mim. *(Abre a gaveta de talheres.)* Caramba, olha, essa faca aqui, está vendo como é diferente? É a faca dele. Não foi porque ele me chamou de broxa. Vocês sabem que eu não sou broxa. Não sabem? Não vão responder?

SÍLVIA

Teu carro está na garagem?

JOSÉ ROBERTO

Está.

SÍLVIA

Um traficante pode aparecer morto em qualquer lugar que ninguém dá bola. Traficante morto é a coisa mais natural que existe.

REGINA

Nem dá mais no jornal.

SÍLVIA

Então? A gente põe ele no carro e deixa num lugar deserto. Depois a gente vê o que fazer com a Lavínia.

JOSÉ ROBERTO

Não precisa ir todo mundo. Bastam dois.

REGINA

Você e uma de nós.

JOSÉ ROBERTO

Ou vocês duas. Eu fico para atender o telefone.

Regina dá socos em José Roberto.

SÍLVIA

VOCÊ e uma de nós. Par ou ímpar?

REGINA

Par. Não, ímpar. Um, dois e três. Você ganhou. Eu vou.

Os três tiram o corpo de Silas do closet. José Roberto sai por um momento e volta com um lençol. Enrolam o corpo de Silas no lençol. Depois, Regina e José Roberto, um segurando em cada extremo do corpo, saem da cozinha.

SÍLVIA *(abrindo a geladeira)*

Só coisa de dieta. Quem tinha de fazer isso era eu, comer legumes, beber Coca-diet, malhar na academia, deixar de ser gordinha. Por enquanto passa, eu sou nova, as pessoas não me acham gorda, me acham opulenta. Mas essa sirigaita me chamou de gorda, eu fingi que não ouvi mas ela me chamou de gorda, *(imita Regina)* uma magra e outra gorda... Ela é minha rival, rivais dão golpes baixos, mas talvez ela tenha razão, daqui a pouco todo mundo vai me achar primeiro encorpada, depois nédia, depois gordinha, depois gorducha, canhão, bucho, estrepe, eu sei, é assim que eu chamo elas. Aqui na barriga eu já posso sentir um pneuzinho maroto, e aqui, aqui, em cima do peito, junto do braço tem esta gordurinha saliente, e aqui nas costas é só usar um sutiã apertado que a enxúndia aparece. Eu sou uma mulher pélvica, as mulheres pélvicas engordam mais que as mulheres claviculares, como essa Regina. Abre o olho, Sílvia. *(Pára na porta do closet.)* Eu sou mesmo uma desalmada, egoísta, pensando nas minhas banhas enquanto uma infeliz está morta ali dentro. Morta, para sempre, e se tem céu não sei se ela merece ir para o céu, cheirando cocaína e corneando o marido, ainda que ele merecesse. Ai meu Deus,

o que estou fazendo aqui, ajudando um criminoso a esconder um cadáver só porque ele é meu namorado e eu o amo. Ele não merece mas eu o amo, eu tenho que amar alguém, é melhor amar um safado do que ficar chupando o dedo. E está faltando homem no mercado. Porra, como está faltando homem... no tempo da minha mãe sobrava... Eu gostaria tanto de ouvir um pouco de música agora, comer um sonho de valsa, esquecer tudo e ir para a cama com o meu brutamontes fodedor. *(Acende um cigarro.)* Também gostaria de deixar de fumar, mas se deixar de fumar eu engordo. A vida é dura.

Som de passos. Regina e José Roberto entram na cozinha.

REGINA

Deixamos o corpo num lugar deserto.

SÍLVIA

José Roberto, tenho uma coisa muito importante para dizer. Isso interessa também a você, Regina. É o seguinte: você tem que escolher entre nós duas. Com as duas não dá. Ou uma ou outra.

JOSÉ ROBERTO

Vamos deixar isso para depois.

REGINA

Agora. Também não gosto de repartir nada.

JOSÉ ROBERTO

Caramba.

REGINA

Caramba porra nenhuma.

SÍLVIA

Vamos. Decide.

JOSÉ ROBERTO

Um homem é capaz de amar duas mulheres ao mesmo tempo...

REGINA

Papo furado.

JOSÉ ROBERTO

Assim como pode gostar de poesia e de música ao mesmo tempo...

SÍLVIA

Eu sou o quê? Música ou poesia?

JOSÉ ROBERTO

O que você é? Poesia.

REGINA

Ela é poesia? Essa gorda? Se há uma coisa que não combina com poesia é gordura.

SÍLVIA

Não quero brigar, podia chamar você de feixe de ossos, comida de cachorro, mas não quero brigar. Você é a poesia, eu sou a música, tudo bem. Mas eu estudei Letras na faculdade.

REGINA *(gritando)*

Eu também estudei Letras!

SÍLVIA

E as minhas olheiras? O José Roberto adora as minhas olheiras. Eu tenho olheiras, você não tem.

REGINA

Essas olheiras são falsas. *(Regina avança para Sílvia e com o dedo tenta apagar as olheiras de Sílvia.)* Louras não têm olheiras.

As duas se engalfinham, caem, rolam pelo chão.

JOSÉ ROBERTO

Caramba! Parece um sonho. Essas mulheres enlouqueceram. Meninas, meninas! Vamos parar com isso! Sílvia, Regina, parem com isso. *(Joga-se entre elas. Grita)* Nós temos que sumir com o cadáver de Lavínia!

As mulheres param de brigar. Ajeitam as roupas, os cabelos.

REGINA

O problema é seu. Não tenho nada com isso. E afinal, você vai ficar com quem? Comigo ou com ela?

JOSÉ ROBERTO

Você acha que eu tenho cabeça para resolver isso agora? Eu amo as duas, juro por Deus! Depois eu decido.

REGINA

Assim que a gente sumir com o corpo de Lavínia.

JOSÉ ROBERTO

Assim que a gente sumir com o corpo de Lavínia. Prometo, juro.

SÍLVIA

Vou fazer um cafezinho. Você gosta dele forte, não é, amor?

REGINA

Não muito forte. E ele usa adoçante artificial. Três gotas.

SÍLVIA

E você pensa que eu não sei? *(Abre os armários, procura.)* Está tudo mal organizado, você não acha nada, ah, está aqui o café, os filtros de papel, agora é só botar na cafeteira, ligar e pronto.

JOSÉ ROBERTO *(enquanto toma café)*

E se a gente emparedar a Lavínia? Emparedar uma pessoa

não é uma coisa aviltante. E talvez os vermes não comam o emparedado, talvez ele seque como uma múmia. *(Percebendo dúvida no rosto das mulheres)* Não? É uma pena. Lavínia adoraria não ser comida pelos vermes.

SÍLVIA

Aqui na parede da cozinha?

JOSÉ ROBERTO

Eu tenho uma parede muito boa na área interna que dá para o pátio, o pátio está em obras e os pedreiros deixaram picaretas, areia, cimento, tudo, e só voltam segunda-feira. Venham ver só.

Saem todos. Silêncio. Vemos apenas a cozinha vazia um tempo enorme, um tempo irritante, que parece que não passa, que sugere que nada mais vai acontecer, que faz supor que acabou o espetáculo. Alguém na platéia bate palmas. Imediatamente ouve-se um ruído forte e profundo de impacto, e mais outro, batidas que ressoam no espaço da cozinha. Depois um estrondo assustador.

REGINA *(Off)*

Você jogou a parede no chão, seu maluco!

Silêncio. Trinta segundos. Entram José Roberto, sujo de detritos, carregando uma picareta, Regina e Sílvia.

JOSÉ ROBERTO *(desconsolado)*

Há coisas que só acontecem comigo. Na casa do meu avô tinha uma parede que precisava ser demolida, de tijolo, só tijolo, e foi preciso um trator, sabe aquele de esteiras?, foi preciso um trator para derrubar a parede.

REGINA

E acharam a sua avó emparedada, mumificada e feliz?

JOSÉ ROBERTO

Vou pegar a Lavínia pelo braço e esgano ela, dou uma facadinha à-toa no traficante e mato o sujeito, dou uma picaretada na minha parede e ela desaba. Caramba!

SÍLVIA

Teu astral não está bom. Você devia tomar um banho de sal grosso.

REGINA

E deve ter acordado os vizinhos.

JOSÉ ROBERTO

A casa mais próxima está a mais de duzentos metros. E as árvores abafam o ruído. Os vizinhos que poderiam ouvir são um casal de surdos.

REGINA

É. É um casal de surdos.

SÍLVIA

São um casal de surdos.

JOSÉ ROBERTO

Não vamos brigar por isso. Foda-se a concordância gramatical. Vou tomar um banho.

José Roberto sai.

REGINA

Ele é assim. Foda-se a concordância gramatical, foda-se a lógica, foda-se a fidelidade, foda-se a esposa, fodam-se as namoradas.

SÍLVIA

SÃO um casal de surdos.

REGINA

Fodam-se, foda-se o casal de surdos! *(Toma um café.)* Foda-se este café frio! Há quanto tempo você namora ele?

SÍLVIA

Quatro meses.

REGINA

Eu namoro há oito. No princípio ele se encontrava comigo nas segundas, quartas e sextas, depois... Espera aí, tem exatamente quatro meses que ele disse que não podia mais se encontrar comigo nas segundas, quartas e sextas e passou a me ver somente nas terças e quintas. Foi quando ele te conheceu. Cachorro. O próximo passo dele é me largar, arranjar outra e passar você para as terças e quintas. Acho que até já sei quem é. Ele tem me falado muito numa mocinha que estuda balé.

SÍLVIA

Luciana. Ele me falou nela também.

SÍLVIA e REGINA *(simultaneamente)*

Filho da puta!

REGINA

Nós somos os brinquedinhos dele. Quando ele enjoa, joga fora. Daqui a quatro meses ele passa a jovem bailarina para as terças e quintas, que serão os teus dias, e você está fora do esquema. E depois será a vez da bailarina dançar de verdade. Tenho certeza de que antes de nós, no mês de janeiro, nove meses atrás, havia outras duas chamando ele de brutamontes fodedor. Que ele descartou também.

SÍLVIA e REGINA

Filho da puta!

SÍLVIA

E nós bobamente escondendo os cadáveres desse traidor.

REGINA *(limpando os olhos)*

Eu amo esse cara.

SÍLVIA

Você está chorando?

REGINA

Estou. E você não está com vontade de chorar?

As duas se abraçam chorando.

REGINA *(chorando, pega o telefone)*

Acho melhor a gente chamar a polícia. *(Disca.)* É da polícia?

José Roberto surge, nu, com a picareta nas mãos.

JOSÉ ROBERTO

Vocês estão chamando a polícia? Querem me ver na cadeia? *(Levanta a picareta sobre a cabeça.)* Vou matar as duas.

SÍLVIA *(chorando)*

Você é um homem bom, doce e gentil.

REGINA *(chorando)*

Eu pedi para você matar uma barata e você não matou. Lembra?

José Roberto se aproxima das mulheres com a picareta nas mãos. Abraçam-se. Beijam-se. Ouve-se a campainha.

JOSÉ ROBERTO *(olhando pela janela da cozinha)*

É a vizinha surda. Caramba! Parece um sonho.

REGINA

Vai se vestir. Deixa que eu falo com ela.

FIM

O ANÃO

Não interessa dizer como foi que um bancário desempregado como eu conheceu uma mulher como Paula, mas eu vou contar, Ela me atropelou com o carrão dela e me levou para o Miguel Couto e disse no caminho, a culpa foi minha eu estava falando no telefone celular e me distraí, meu marido odeia que eu dirija. Chegando no hospital eu falei para todo mundo que a culpa era minha. Ela deu um suspiro de alívio e falou baixinho, muito obrigada. Eles operaram minha perna, enfiaram um monte de parafusos nela e me deixaram numa maca no corredor, pois o hospital estava cheio e não tinha vaga nas enfermarias.

No dia seguinte de manhã ela veio me visitar. Perguntou se eu tinha passado a noite no corredor, aquilo era um absurdo, disse que ia me levar para uma casa de saúde particular. Expliquei que estava bem, ela não precisava se preocupar. Eu queria que ela fosse logo embora, eles haviam me vestido com uma camisola que se eu me virasse na cama digo maca a minha bunda ficava de fora. Ela deixou uma caixa de bombons que eu dei para a moça que cuidava de mim, Sabrina, acho que era servente mas gostava de fingir que era enfermeira.

Uns dias depois a mulher voltou com outra caixa de bombons. Nem chegou a dizer nada pois Sabrina apareceu e perguntou, como foi que a senhora entrou aqui e ela disse que tinha licença do diretor e que se sentia responsável por mim pois tinha me atropelado, que eu ia ter que usar muletas e que ela ia trazer muletas para mim. Não precisa, disse Sabrina, ele já tem e

por favor a senhora se retire pois está na hora do exame. A mulher perguntou se eu queria que ela fosse embora e eu disse que queria e ela foi embora e Sabrina pegou na minha perna e sempre que Sabrina pegava na minha perna eu ficava de pau duro, agora que a perna doía menos. A caixa de bombons dessa ociosa fútil você joga no lixo, tá?

Nesse dia mesmo de tarde Sabrina apareceu e disse que eu era um sujeito de sorte ou então era amigo do prefeito pois ia ser transferido para uma enfermaria. Quando Sabrina aparecia meu coração batia apressado e cada dia eu achava ela mais atraente e ficava de pau duro quando ela tocava em mim, mas toda noite eu sonhava com a mulher que havia me atropelado, os cabelos negros compridos finos o corpo branco como uma folha de papel. E nesse dia mesmo Sabrina me deu um recorte de jornal com o retrato da mulher, olha aqui a sua dondoca assassina. Foi aí que eu soube que o nome dela era Paula. É claro seu idiota que você não sabia o nome, ela não ia te dar o nome com medo de você pedir uma indenização, a coisa de que os ricos mais gostam é dinheiro, ela então te dá chocolatinhos que custam uma merreca para você não fazer nada contra ela, rasga logo essa foto.

Escondi a foto e continuei sonhando com Paula e ficando de pau duro sempre que Sabrina pegava na minha perna e olhando a foto de Paula quando Sabrina não estava por perto. Quando tive alta Sabrina perguntou se eu queria que ela me levasse para casa e eu disse que não era preciso eu ia sozinho. Ela insistiu e eu fui duro, não precisa, e ela ficou chateada e eu fiquei triste, Sabrina tinha cuidado de mim, tinha me ensinado a andar de muletas e eu tratando ela daquele jeito.

Subir as escadas do meu sobrado no Catumbi foi muito difícil, sofri o diabo. De tarde bateram na porta e uma dona

vestida de branco entrou e disse que era fisioterapeuta do Miguel Couto e que tinha sido mandada para tratar de mim. Foi Sabrina quem mandou? Sim, sim, e a dona mexeu na minha perna pra lá e pra cá e disse como eram os exercícios que eu tinha que fazer e que voltava amanhã.

Depois de quinze dias de fisioterapia Sabrina apareceu no meu sobrado com um cassete do Tim Maia de presente. Contei a ela que uma fisioterapeuta do hospital vinha dia sim dia não fazer massagem na minha perna. Ela ficou calada um tempo depois disse, fisioterapeuta?, o hospital não mandou nenhuma fisioterapeuta, nós não temos dinheiro para comprar gaze íamos ter para mandar fisioterapeuta a domicílio?, está cheio de charlatão nesse meio deixa que eu mesma faço a tua fisioterapia e ela começou a mexer na minha perna e viu o meu pau duro e perguntou o que é isso?, pega para ver eu disse, ela pegou, você ficava sempre assim quando eu pegava na tua perna pensa que eu não via?, não se mexa que eu vou por cima de você, fica quietinho, e veio por cima de mim e enfiou o meu pau nela e ficamos fodendo, uma coisa muito boa.

Sabrina voltou no dia seguinte um pouco antes da fisioterapeuta chegar. Quando a mulher apareceu Sabrina perguntou, a senhora veio a mando do hospital? Sim senhora, o hospital me mandou. Sabrina engoliu em seco e ficou olhando a dona fazer exercícios comigo e depois não agüentou e disse, você até pode ser fisioterapeuta mas não é do Miguel Couto, EU SOU do Miguel Couto e conheço todos os fisioterapeutas do hospital, quem foi que mandou você aqui? Não posso dizer. Anda logo, é melhor dizer. Uma alma caridosa, respondeu a mulher de olhos baixos. Ninguém faz caridade para um bancário desempregado, porra, gritou Sabrina, foi aquela riquinha nojenta que acredita que o

dinheiro compra tudo, vai e diz para ela que o Zé não aceita esmolas, não é meu bem? A dona vestida de branco se defendeu, eu recebi adiantado tenho que acabar o meu serviço, faltam ainda... Acabou, acabou e aqui você não entra mais, não é meu bem?, faz o que você quiser com o dinheiro que aquela puta lhe deu mas aqui você não entra mais, anda Zé diz para ela que aqui ela não entra mais. Tentei maneirar, disse olha Sabrina. Não entra mais aqui, porra, se ela entrar eu não ponho mais os pés nesta casa. A fisioterapeuta pegou a maleta dela e saiu aborrecida e um pouco assustada e Sabrina veio para cima de mim e nós fodemos.

Não foi porque Sabrina tinha os cabelos oxigenados que eu comecei a gostar menos dela, quer dizer, eu gostava de foder com ela, nós bancários somos muito tesudos, vivemos de pau duro, deve ser por pegarmos em dinheiro o dia inteiro, pelo menos era isso que acontecia comigo, toda mulher que aparecia no guichê me dava vontade de foder com ela, quer dizer, as bonitas, mas não precisava ser muito bonita às vezes até as feias eu queria comer, ficava perturbado e errava no troco e no fim do mês era descontado, o banco não perdoava e tantas fiz que eles me mandaram embora e até foi bom pois achei que não pegando tanto em dinheiro aquele tesão maluco ia passar e eu poderia viver em paz. Mas fui atropelado logo no dia seguinte ao em que fui demitido e começaram a acontecer essas coisas todas, Sabrina, Paula, o anão.

Quando Sabrina ia embora eu deitava e sonhava com Paula. Para não me esquecer de como ela era eu olhava o retrato a todo momento. Minha perna foi ficando boa e eu já podia ir em cima de Sabrina e podia rolar na cama e podia ir na rua e a primeira coisa que eu fiz foi plastificar o retrato de Paula pois o papel do jornal estava se desfazendo. Quando a dona Alzira, proprietária do

sobrado que mora no térreo, me disse que o aluguel estava pago eu pensei que tinha sido Sabrina e foi aí que quebrei a cara. Tínhamos acabado de foder e eu ainda estava em cima dela quando eu disse obrigado pelo aluguel mas eu vou te pagar tudo não gosto de dever nada a ninguém e muito menos à mulher que estou namorando. Sabrina me empurrou com força, saiu de debaixo de mim, esmurrou minha perna, a que tinha os pinos de metal, gritou foi aquela puta, você estava se encontrando com aquela puta na sexta-feira quando eu vim aqui e você tinha sumido, você estava fodendo com aquela vaca, se você se encontrar com ela de novo vou cortar o seu pau quando você estiver dormindo, como aquela americana fez com o marido, e vou passar o teu pau no moedor de carne, não vai ter médico no mundo que faça o reimplante. Jurei que não tinha visto a Pa aquela mulher. Seu filho da puta você ia dizer o nome dela, você não esqueceu o nome dela, e Sabrina deu mais alguns murros na minha perna de pinos de metal. Tentei fazer graça, se você passar o meu pau no moedor depois vai comer ele como se fosse um hambúrguer? Mais porrada na perna de pinos.

Não dá para viver com uma mulher assim. Sempre que nós fodíamos, nas vezes em que fodíamos o dia inteiro e eu dava duas ou três de pau dentro, não estou contando vantagem foi o maldito tempo que passei contando dinheiro no banco, nessas ocasiões, quando acabávamos de foder, Sabrina perguntava com as outras foi assim? essa loucura? E eu que não sou bobo nem nada dizia, não não, só com você. Jura que é só comigo? Juro, quero ver minha mãe morta se algum dia eu fodi assim com outra mulher. Sua mãe já morreu, seu filho da puta. Juro que quero ver minha mãe viva, se não for verdade que eu só fodo assim com você. Isso era pra rir, nós devíamos dar umas gargalhadas, é bom rir entre

uma trepada e outra, mas Sabrina não ria nunca, ela só gostava de foder. Se ela tivesse pegado em tanto dinheiro novo e velho durante tanto tempo eu nem sei o que teria acontecido com ela. Sabrina era renitente, você lembra o nome todo dela seu infeliz, anda, confessa, um dia desses vou procurar essa Paula e liquidar esse assunto. Mais juramentos meus, mais socos na perna de pinos.

Sabrina procurou mesmo foi dona Alzira. A minha senhoria disse que o dinheiro chegara pelo correio, uma folha datilografada onde estava escrito, para pagamento do sobrado. Letra de computador, disse Sabrina, a desgraçada tem um computador.

Sabrina não saía da minha casa. Trouxe uma mala com coisas, roupas, discos de Tim Maia. Comecei a ficar com raiva dela, com raiva do Tim Maia, mas mesmo assim fodíamos fodíamos, maldito banco, malditas notas novinhas saídas fresquinhas da Casa da Moeda. Eu sabia a hora em que Sabrina chegava e antes dela chegar eu pegava o retrato de Paula e tocava duas punhetas para eu poder broxar na cama e ela se decepcionar comigo e largar do meu pé. Mas Sabrina tinha maneiras de fazer o meu pau ficar duro e lá íamos nós, aquela loucura. E eu era obrigado a tomar vitaminas, que Sabrina me empurrava pela goela abaixo, e mingau de aveia e pó de guaraná e uma outra beberagem de ervas que ela preparava na cozinha.

Se Sabrina soubesse que algumas vezes quando eu saía de casa o carro que me atropelou estava parado na esquina e o meu coração batia tão forte que fazia tilintar as medalhinhas que eu carrego num cordão e que me foram dadas pela minha mãe pouco antes de morrer, meu filho nunca tire do peito estas medalhinhas de Nossa Senhora, e eu olhava o carro de vidros escuros sabendo, ah eu sabia, que Paula estava lá dentro com aqueles modos finos

dela, e as medalhinhas faziam plimplim e eu não tirava os olhos do carro plimplimplim e o carro ia embora e eu sentava na sarjeta com vontade de chorar com saudades de Paula. Se Sabrina soubesse meu pau ia direto pro moedor de carne.

Um dia tinha que acontecer. Bateram na porta. Abri, era Paula. Ficamos olhando um para o outro ela estava ainda mais branca, mesmo com a peruca loura, e eu devia estar da cor dela, e os modos dela eram finos mas a voz era firme, tem alguma coisa aqui pela qual você tenha alguma estima especial?

Botei uma cadeira em cima da mesa e tirei o retrato dela do buraco do forro do teto, Sabrina nunca ia pensar naquele esconderijo ainda mais depois de eu dizer para ela que tinha visto um rato entrar naquele buraco. Vamos embora, disse Paula. Quando abrimos a porta para sair Sabrina estava chegando e ao me ver com Paula pareceu que ia desmaiar. Paula olhou para ela como quem olha a moça que empacota mercadorias no supermercado e caminhou em direção à escada me levando pelo braço. Sabrina saiu do seu estupor e veio atrás de nós. Você vai embora? Vou, seja feliz. Ela se atirou no chão e agarrou a minha perna de pinos, por favor, me perdoe, não me abandone, eu te amo. Cada passo que eu dava arrastava Sabrina pelo chão e ela uivava como um bicho e no meio dos uivos e gemidos suplicava, deixa ele comigo, a senhora é rica pode arranjar o homem que quiser, ele é tudo que eu tenho no mundo, pelo amor de Deus faço o que a senhora quiser, serei sua escrava para o resto da vida, deixa ele comigo, e quando chegamos no alto da escada eu dei um repelão na perna e me soltei e Sabrina rolou pela escada abaixo, ficou estatelada junto da porta da rua. Tentei reanimar Sabrina mas ela nem respirava. Paula segurou o pulso dela, disse a pobrezinha está morta é melhor irmos embora não há nada que

possamos fazer.

Pegamos o carro e fomos em silêncio pelas ruas, em silêncio entramos no túnel, tinha havido um momento em que eu desejara a morte de Sabrina e do Tim Maia mas não era para valer e eu estava morrendo de pena dela. Eu também lamento, disse Paula, mas não foi sua culpa, não foi minha culpa, não foi culpa de ninguém.

Quero voltar, eu disse Vão vou deixar ela morta lá. Paula concordou, está bem, talvez assim seja melhor. O carro parou na esquina, amanhã venho te ver de tarde, me espera, e Paula foi embora. Havia uma aglomeração na porta, curiosos, um polícia que informou que o rabecão já vinha. Dona Alzira me recebeu com uma saraivada de palavras, ah você chegou sua amiga caiu da escada, eu estava vendo televisão quando ouvi o barulho e corri quer dizer primeiro vesti o meu penhoar com esse calor ninguém fica todo vestido dentro de casa e a porta da rua estava aberta e a moça estava caída e eu vi logo que estava morta, eu sei quando uma pessoa está morta, já vi muita gente morta na minha vida, não sou criança, minha irmã morta ficou com a cara igual à dessa moça e o homem da polícia quer falar com você. O policial disse apenas que eu teria que ir à delegacia para prestar depoimento. Os curiosos foram embora, dona Alzira foi ver a novela e ficamos apenas eu e o polícia e a pobre Sabrina cujo cabelo parecia ainda mais oxigenado, esperando a perícia e o rabecão.

Na delegacia eu falei um monte de mentiras, eu tinha saído para comprar o jornal dos esportes e no meio do caminho percebi que estava sem dinheiro e voltei e encontrei a minha noiva caída no fim das escadas e dona Alzira disse que ouviu o barulho e chegou logo em seguida. Não foi bem isso que dona Alzira disse, disse o detetive, ela disse que foi vestir uma roupa e gastou algum

tempo nisso, e outra coisa, por que a morta deixou a porta da casa aberta, a de cima, ela estava com pressa?, saiu correndo?, ia aonde? Expliquei, Sabrina provavelmente, por saber que eu estava sem a chave, desceu para abrir a porta da rua e escorregou. E quem abriu a porta de baixo? Vai ver já estava aberta. Vocês brigavam? Nós? Nunca, ela era uma santa, pode perguntar para dona Alzira se alguma vez nós brigamos, eu ia casar com ela, ela era uma santa, tomou conta de mim quando quebrei esta perna aqui cheia de pinos de metal, fazia fisioterapia em mim todo os dias durante não sei quanto tempo, ela era uma santa. Enquanto não casam *com* a gente todas elas são umas santas, o detetive disse, e disse que um dia ia querer me ouvir de novo mas que agora eu podia ir embora.

No dia seguinte Paula apareceu com uma peruca loura e óculos escuros, disse olha você vai fazer esses exames não confio em hospital do governo e me deu um monte de papéis com pedidos de exames, tinha exame de fezes, de urina, de sangue, exame elétrico do coração e da cabeça, e disse que o laboratório tinha recebido instruções para realizar os exames, que eu não me incomodasse com o pagamento e que ela voltava dentro de quinze dias.

Quinze dias depois ela voltou ainda com a peruca e os óculos mas tirou logo a peruca e disse que meus exames tinham sido muito bons e tirou os óculos escuros e pegou na minha perna e perguntou se a perna estava doendo e o meu pau ficou duro, aquelas notas novinhas todas da Casa da Moeda. Eu disse que o que doía era o meu coração, que eu sonhava todas as noites com ela. Tiramos a roupa, o corpo dela era ainda mais branco do que eu pudera imaginar e os cabelos mais negros e fodemos fodemos fodemos.

E fodemos fodemos fodemos no dia seguinte a tarde inteira e todos os dias da semana, a tarde inteira, e na sexta-feira ela disse que só ia me ver na segunda e perguntou se com as outras mulheres eu também era assim. Eu não era bobo e dei a palavra de honra de que não nunca havia acontecido aquilo comigo, era ela que fazia aquilo acontecer, eu gostava dela, amava ela e estava apaixonado por ela, gostava dela como uma criança gosta de sorvete de chocolate e amava ela como uma mãe ama um filho e estava loucamente apaixonado por ela e por isso eu fodia ela como um tigre fode uma onça. E a gente ria nos intervalos e comia sanduíche de queijo quente com Coca-Cola e eu não estava mentindo, com as outras mulheres era um mero rebote das notas da Casa da Moeda estalando mas com Paula era paixão, doía elevava inspirava sangrava. Não podemos contar isso para ninguém, ela me dizia, e essa seria a última coisa que eu faria no mundo, eu sabia que ela era casada com o dono do banco onde eu tinha trabalhado e ela sabia que eu sabia pois o nome inteiro dela estava escrito embaixo da foto do jornal e era mais fácil eu morrer do que contar.

Mas eu tinha que desabafar e contei para o anão. Saí um dia no fim de semana pensando nela, morrendo de saudade pois sábado e domingo a gente não se via, e então vi o anão fuçando a lata de lixo duma lanchonete e ele me disse como se desculpando de urubuzar o lixo, às vezes eu descolo um sanduíche quase inteiro e a vida não está fácil. Respondi, é verdade e mostrei a ele o recorte de jornal plastificado com o retrato de Paula. Mulherão, ele disse. Mais respeito seu anão de merda. Peguei ele pelo braço e sacudi e joguei o anão de encontro a um automóvel que estava parado e ele fez uma cara tão infeliz que eu fiquei com pena e convidei ele para tomar um cafezinho. Mostrei o retrato a ele de

novo, eu estou muito apaixonado, penso nela dia e noite, ela é branca como um lírio, e o anão ouviu muito atento dando pequenos grunhidos como os anões gostam de fazer, aquele anão pelo menos.

Paula inventava coisas, trouxe um enorme oleado que coloquei em cima do colchão e cada dia trazia uma coisa, azeite de oliva, molho de tomate desses que a gente põe na macarronada, melado, leite, e mandava eu lambuzar os nossos corpos nus e a gente fodia rolando na cama inteiramente besuntados. E a gente ria no intervalo e fodia um pouquinho mais debaixo do chuveiro e em cima da mesa, ela sentada na beirinha de pernas abertas e eu em pé. Um dia ela trouxe uma máquina polaróide para tirar retratos do meu pau e eu tirava fotos da boceta dela e da bunda e dos peitos e do rosto, que era a parte dela que me dava mais tesão, e depois nós rasgávamos todos os retratos. Todos menos um, dela nua rindo para mim, que eu não tive coragem de rasgar.

Todo sábado eu me encontrava com o anão e pagava o almoço para ele com o dinheiro da minha indenização trabalhista e o anão ouvia grunhindo eu contar que estava muito apaixonado, que Paula era a mulher mais bonita do mundo, que um dia eu tinha dado nove gozando em todas e ela também, e que ela ia para casa com as pernas doendo. As mulheres têm pernas fortes, disse o anão, mas acho que ele não acreditou no que eu disse. Nesse sábado eu aluguei o anão o dia inteiro e de noite fomos jantar e tomamos um porre e eu levei o anão até onde ele morava, não muito longe da minha casa, num barraco pros lados da cidade nova perto do Piranhão, que é a sede da prefeitura, assim chamada porque ali tinha sido o bairro das putas. Quando acordei os retratos de Paula tinham sumido, o do jornal e o da polaróide, e eu fiquei desesperado e fui no lugar onde tínhamos tomado o

porre mas ninguém tinha achado as fotos e fui no barraco do anão e ele não estava e passei o resto do domingo desesperado a noite inteira acordado dando cabeçadas na parede.

Na segunda Paula chegou e não tirou a peruca nem os óculos escuros nem largou a bolsa nem me deu um beijo e disse um sujeito chamado Haroldo telefonou hoje de manhã para a minha casa alegando que era seu amigo e que tinha uma foto minha nua e que queria dinheiro para devolver a foto, você guardou uma daquelas fotos? Eu me ajoelhei nos pés dela e pedi perdão e beijei o sapato dela e disse foi aquele anão de merda e contei tudo para ela e pedi perdão novamente e me lembrei de Sabrina rastejando agarrada na minha perna de pinos. E agora? o que vamos fazer?, disse Paula. Deixa comigo, eu disse, e Paula foi embora e quando ela saiu sem ter tirado a peruca sem ter largado a bolsa sem ter tirado os óculos escuros e sem ter me dado um beijo eu rolei pelo chão como um *cão* danado xingando o anão de filho da puta.

Fui encontrar o anão no ponto dele e quando ele me viu ensaiou uma corrida e eu disse, fica calmo ô cara, eu vim aqui para dizer que o negócio está fechado a dona vai te dar a grana que você quer, ou melhor, vai te dar o dobro e metade é para mim, estamos combinados? Você não está puto comigo? No duro? Você é meu irmão, ô cara, leva os retratos hoje à noite lá em casa que a dona vai te dar a grana. Apertamos as mãos solenemente como dois comerciantes e eu fui embora e passei na rua da Constituição e comprei uma mala velha de couro e cheguei em casa e rolei mais um pouco no chão espumando pela boca como um epiléptico.

O anão chegou às oito da noite e me vendo só na sala perguntou e a mulher? Mostrei a porta do quarto fechada e disse ela está lá dentro não quer falar com você, me dá as fotos para

trocar pela grana, e ele me deu as fotos, a do jornal e a dela nua linda rindo para mim. Agarrei o anão pelo pescoço e levantei ele no ar e ele se debateu e me fez cambalear pela sala batendo nos móveis até cairmos no chão e eu coloquei os joelhos no peito dele e apertei até minhas mãos doerem e eu ver que ele estava morto. E depois apertei de novo o pescoço dele e coloquei o ouvido no peito dele para ver se o coração batia e apertei de novo e de novo e de novo e passei o resto da noite apertando o pescoço dele. Quando o dia raiou eu o coloquei na mala e fechei a mala e abri a janela e aspirei o ar da manhã com a sofreguidão com que eu sorvia o ar que saía da boca de Paula quando nós dois fodíamos.

No dia seguinte Paula chegou e eu dei as fotos para ela, a do jornal também, e disse, ele descobriu quem você era pela foto do jornal, está tudo resolvido, não se preocupe, e ela rasgou as duas fotos em pedacinhos miudinhos e colocou tudo dentro da bolsa e ficou com a bolsa na mão e os óculos na cara e a peruca na cabeça e não me deu um beijo e disse eu estou grávida do meu marido, do meu marido, do meu marido, acho melhor a gente não se ver mais e olhou para a mala e olhou para mim e saiu correndo.

Fiquei sozinho, sem a mulher que eu amava loucamente, sem Sabrina que estava enterrada no Caju e sem o único amigo que eu tinha no mundo que era o anão morto dentro da mala e a noite caiu e como eu não tinha mais o retrato dela para olhar fiquei olhando a mala até o dia raiar, quando então peguei a mala e fiquei andando com ela na sala de um lado para o outro.

ARTES E OFÍCIOS

Você estraga seus dentes quando é um garoto miserável, mas se depois ganha bastante dinheiro encontra um dentista que conserta a sua arcada dentária. Isso aconteceu comigo, implantei todos os dentes da minha boca, um prodígio de engenharia odontológica. Estou cheio de dentes que não caem nem ficam cariados, mas quando dou uma gargalhada na frente do espelho sinto saudade da minha boca antiga, agora meus lábios se abrem de um modo que eu não gosto. De qualquer forma, não me faltam dentes e posso morder com força as mulheres e os contrafilés. Antes eu morava num conjunto habitacional miserável e andava de trem, espremido que nem sardinha em lata. Hoje moro numa bela mansão num condomínio fechado na Barra, tenho dois automóveis e dois motoristas. Eu tinha uma perna mais comprida do que a outra e nem sabia. Andava com operárias, balconistas de lanchonete, empregadas domésticas, algumas analfabetas. O dinheiro me deu pernas do mesmo tamanho, me deu uma esposa de boa família, arruinada e cheia de diplomas, me deu uma amante, sem diploma mas que sabe vestir uma roupa elegante e atravessar fazendo pose o salão de festas. Dinheiro, eu entendo disso.

Também não freqüentei a universidade. Não tenho o curso ginasial. Para falar a verdade, nem o primário. Isso tem sido uma preocupação para mim, a única que o dinheiro não solucionou. Se você é rico e não tem diploma as pessoas acham que você é burro. Se você é pobre e também não tem diploma as pessoas dizem ele

não freqüentou a escola, não tem o curso primário, mas aprendeu a ler sozinho os melhores autores, é um cara muito inteligente. Diziam isso de mim, quando eu era pobre. Quando fiquei rico começaram a espalhar que eu era uma cavalgadura, que eu comprava os livros a metro, tudo mentira. Eu devia ter comprado um diploma de economista logo que comecei a ganhar dinheiro. Agora não posso mais fazer isso, as pessoas saberiam, nós os ricos somos muito vigiados. Oportunidade, eu entendo disso.

Então li no jornal:

Seja um escritor respeitado e admirado pelos seus amigos, seus vizinhos, sua família, sua namorada. Eu escrevo para você o livro que você quiser. Poesias, romances, contos, ensaios, biografias. Sigilo absoluto. Cartas para Ghostwriter. Caixa Postal 333 507. Rio de Janeiro.

Eu já tinha visto um anúncio parecido, de um sujeito se oferecendo para escrever teses de mestrado e de doutorado para estudantes relapsos e safados. Nesse dia falei com minha mulher, estou com vontade de escrever um livro, um romance, afinal eu aprendi a ler sozinho, posso aprender a escrever sozinho. Você é que sabe, ela respondeu. No dia seguinte falei o mesmo com minha amante. Ela respondeu, acho uma boa idéia, ser escritor é uma coisa tão chique.

Fui ao correio e aluguei uma caixa postal. Eu não queria ter contato com o Ghostwriter. Se o livro que ele escrevesse para mim fosse bom eu o publicaria e o Ghostwriter acabaria sabendo quem eu era. Mas se fosse ruim eu jogaria o livro no lixo e o escritor que eu estava alugando não precisaria conhecer a minha identidade.

Ghostwriter. Li o seu anúncio. Estou interessado. Quero um romance de duzentas páginas no mínimo, à maneira de Machado de Assis. Pago o que for preciso. Informe qual o banco e número

da conta para eu depositar a primeira parcela, dez por cento do total. Pagarei o restante em parcelas de trinta por cento, mediante a entrega de setenta páginas, ou mais, de cada vez. Resposta para Tomás Antônio, Caixa Postal 432 521.

Ganhei dinheiro em negócios, comprando e vendendo coisas. É assim que se enriquece. Compra e venda. Ganhar dinheiro, eu entendo disso. Meu motorista se chama Gaspar, o da minha mulher se chama Evanildo. Minha cozinheira faz qualquer prato, por mais sofisticado que seja. Pagando três vezes mais, eu a tirei da casa de um desses grã-finos que ainda têm coragem de fazer jantares de coluna social. Quando dou um jantar eu também ponho na coluna. Já me disseram que isso não se faz mais, que o macete agora é ficar na moita aqui e gozar o dinheiro no exterior, longe dos olhares dos invejosos. Mas então do que adianta você ter a melhor mansão e a melhor cozinheira, e os melhores dentes e as melhores roupas, e os melhores quadros na parede se não for para mostrar para os outros? Os invejosos que fiquem verdes de desgosto e se fritem na sua mágoa. Num jantar que dei na minha casa ouvi um sujeito que estava ali de enfeite dizer dissimuladamente para a mulher ao seu lado na mesa, uma dona que também tinha sido convidada apenas para fazer figuração, o dinheiro está mudando de mão. Foi isso que ele disse, o dinheiro está mudando de mão. Ele, o rico antigo, se referia a mim, o novo rico. Os ricos antigos não querem que o dinheiro mude de mão, mas como é que o dinheiro não vai mudar de mão se esses parasitas não trabalham? A diferença entre os ricos antigos e os ricos novos é que os ricos antigos, aqueles que ainda não foram arruinados pela ociosidade hedonista, têm dinheiro há mais tempo e são sovinas. Mas também é verdade que tanto os antigos quanto os novos enchem a pança de caviar grátis na casa dos outros. O

que é caro é sempre bom, mesmo que seja ruim, essa é a regra de ouro dos consumistas. Deslumbrantismo, eu entendo disso.

Tomás Antônio. O banco é o Bradesco, agência 163, conta 11 429 654-9. Nome: M. J. Ramos. Meus honorários pelo livro, dez mil reais. Ghostwriter.

Dez mil reais, o preço de um Volkswagen ordinário. Meu livro ia ser uma merda. Mas depositei os dez por cento na conta do Ghostwriter.

Você vai escrever seu livro num computador?, perguntou Gisela. Ainda não falei de Gisela, a minha amante. Um sujeito rico deve ter uma amante, tira o cara do ramerrão burguês. Um sujeito pobre também deve ter uma amante, se puder, evidentemente, faz bem à saúde e torna a miséria mais amena. As esposas são sempre chatas, nos livros e na vida real, uma amante faz você ter mais paciência com ela, a esposa. O casamento é chato. A casa da pessoa pode ser uma coisa sem graça, a casa da maioria das pessoas é uma coisa sem graça, mas elas sempre querem transformá-las numa vitrine. O casamento é isso, duas pessoas se associam para fazer uma vitrine. A gente se mete dentro da vitrine, junto com as bugigangas. Fazem parte da vitrine os dentes tratados, as boas roupas e os bons sapatos, as unhas manicuradas, a silhueta enxuta, os eletrodomésticos, as alianças, o perfume, a modulação da voz e a imponência das palavras, o rosto sem verruga (eu falei que tirei uma verruga do rosto?); e quanto mais ornamentada é a vitrine, maior é o nosso contentamento. Exibicionismo, eu entendo disso.

Mas eu estava falando da minha amante, Gisela. Antes, um conselho às jovens aventureiras: se você quer arranjar um amante, escolha um novo rico. Eles são muito mais generosos. Não pensem que sofro de uma inveja retrospectiva por ter sido

pobre quando era jovem. Nada disso. É que os ricos antigos não gostam que o dinheiro mude de mão, quer dizer, até pode mudar de mão, mas entre as mãos antigas deles. Mas voltemos à Gisela. Sim, eu respondi, estou escrevendo num computador. Não é o que todos os bobos que estão na moda fazem? Eu, aliás, já havia comprado, só para fazer farol, o melhor micro que havia na praça, com todos os periféricos, multis, nets, shifts, alts, roms, rams, neres. Eu já tinha um outro, topo da arte, mas quem usava ele era a minha secretária. Mas voltemos à Gisela. Uma boa amante, tal como a minha Gisela, *tem* que ser bonita, tem que ter todos os dentes, tem que pesar dez quilos menos do que a fração de centímetros da sua altura (desde que não seja anã, é claro), tem que falar inglês e francês, tem que gostar de cinema, tem que ter pés pequenos, tem que ter peitos pequenos (mas os peitos, se soltos dentro da blusa de seda, devem balançar empinados quando ela anda sem rebolar, pois uma mulher elegante não mexe o traseiro quando mexe as pernas), tem que ter coxas grossas e duras, tem que ter bunda pequena e rija, tem que ter muito cabelo na cabeça, tem que comer com a boca fechada, tem que ter dedos compridos, tem que ter olhos grandes e tem que gostar de você. E tudo o que ela tem que dar a você é amor. E tudo o que você tem que dar a ela é amor e dinheiro. Quanto mais de um e de outro, melhor. Todo mundo gosta de receber presentes, até os macumbeiros sabem disso e enchem o santo de cachaça e farofa. Mas não dê presentes baratos à sua amante. Se ela disser que prefere uma rosa a uma pedra preciosa, ela é uma impostora. As mulheres gostam de homens poderosos. Dinheiro sendo gasto prodigamente com uma mulher é a mais impressionante exibição de poder que um homem pode fazer para ela. O pródigo exprime para a mulher beneficiária do seu esbanjamento o mesmo poder

venerável que o seqüestrador, o torturador e o carrasco representam para as suas vítimas. Mas há casos em que o sujeito não sendo podre de rico nem tendo soberania sobre a vida e a morte pode exercer um certo poder, mixuruca é verdade, sobre as mulheres: são os sujeitos que têm muita beleza, muito talento ou muita fama. Mas entre um poeta mavioso e um proprietário pomposo elas sempre escolhem o último.

Além de cavalgadura, dizem de mim que sou cínico, misógino, hedonista, consumista. Misógino? Eu não desprezo as mulheres, não lhes tenho aversão. Misógino e cavalgadura é demais.

Recebi as primeiras trinta páginas do Ghostwriter.

O título do romance era *O falsário*. O falsário? Que título infeliz. O Ghostwriter estava me gozando? Peguei as páginas que o Ghostwriter me mandou e passei para o computador. Meu personagem, o falsário, está forjando um livro de memórias, uma autobiografia. Ele é um especialista meticuloso, durante meses exercitou-se a imitar a letra do sujeito a quem atribuirá a autoria do documento que está falsificando, o *u* maiúsculo que parece um *m*, o *c* maiúsculo semelhante a um *l* etc. etc. As folhas de papel que irá usar em sua maquinação já eram velhas, mas ele descobriu um complicado processo para envelhecê-las mais ainda artificialmente. Aqui vai um trecho, pequeno: Seguro de que já conseguia reproduzir com exatidão a letra, sentou-se e começou sua obra. Nasci e fui criado no morro do Livramento, no Rio de Janeiro. Minha mãe morreu quando eu era criança. Meu pai se casou novamente, mas morreu dois anos após o casamento. Fui criado pela minha madrasta, que era lavadeira.

Criado pela madrasta lavadeira? Pela leitura das primeiras páginas não dava para saber muita coisa. A história não era

novidade, acho que já li coisa parecida. Mas nós leitores sabemos que uma história ruim se for bem escrita dá um livro bom, assim como uma história boa se for mal escrita dá um livro ruim. A história era meio confusa, mas não estava mal escrita.

Ghostwriter. Recebi as primeiras páginas do romance. Você deve estar lembrado de que eu lhe pedi um romance com o estilo do Machado de Assis e o que você me enviou nada tem do Machado de Assis. Dá para você mudar? Tomás Antônio.

Você está preocupado com alguma coisa?, perguntou Gisela.

Não estou gostando da história que estou escrevendo.

Por que você não escreve sobre a minha vida? Quer que eu te conte a minha vida?

Quanto menos soubermos da vida um do outro melhor, respondi.

Você não foi o primeiro, está ouvindo?

Sim, estou ouvindo, eu não fui o primeiro.

Nem o segundo.

Sim, sim, nem o segundo.

Você não quer saber o seu número?

Sim, sim, quero muito saber o meu número.

Oito, você é o número oito.

Sim, sim, sou o número oito.

Pára de dizer sim, sim.

Esqueci de dizer que amantes são para se ver de vez em quando. Senão elas ficam chatas igual às esposas. Aquele era o segundo dia consecutivo que eu via Gisela. Dois dias seguidos é demais. As amantes devem ser vistas no máximo dia sim dia não.

Minha mãe morreu quando eu era pequena, meu pai se casou e morreu logo em seguida. Fui criada pela minha madrasta, disse Gisela. Incrível, eu disse, no meu romance a mãe do

personagem também morreu quando ele era pequeno e o pai casou de novo e ele foi criado pela madrasta. Tua madrasta era lavadeira?

Você está louco? Imagina, minha madrasta lavadeira! Ela era de muito boa família, eu sou de muito boa família, meu avô era o barão de Laranjeiras.

Conheço o barão de Limeira...

Gisela emburrou. Afastou meu rosto da perna dela dizendo, não gosto que você me morda. Mas não há amuo que resista a uma jóia. Tenho sempre uma jóia de reserva para essas ocasiões, um par de brincos, um anel, uma pulseira. Dei a ela um anel de brilhantes. Gisela, na verdade, gosta que eu morda a perna dela.

Tomás Antônio. O falsário está forjando uma autobiografia de Machado de Assis. Assim como você não notou, o leitor também só perceberá isso quando já estiver adiantado na leitura do romance. O texto está me dando muito trabalho. Tive que pesquisar os processos técnicos de envelhecimento de papel, estou tendo que ler todas as biografias de Machado de Assis. A história da falsificação e a autobiografia, apócrifa, mas que será de grande acurácia nas referências à vida de Machado, servem de moldura uma para a outra. Processo de encaixilhamento, entendeu? Vou ter um trabalho maior do que eu pensava. Poderíamos aumentar meus honorários para vinte mil? Ghostwriter.

Processo de encaixilhamento? O cara estava querendo me impressionar com essas baboseiras teóricas? Devia ser um estudante de Letras. Topei o aumento que ele pedia. Intuição, eu entendo disso.

Já falei da minha secretária? Uma boa secretária tem que ter as qualidades de um bom cão: fidelidade e gratidão. Deus no céu e você na terra. A secretária não pode ver você nu, não pode ver

você acovardado, não pode ver você palitar os dentes. E você tem que dar, periodicamente, tapinhas nas costas delas, como se faz com as focas. Nada de broncas, só incentivos. Um idiota disse um dia para mim, se você tiver as máquinas certas você não precisa de uma secretária. Mais uma burrice de norte-americano. Nada substitui uma boa secretária, nada é melhor do que uma boa secretária, nem a mãe da gente. O nome dela era Esmeralda. Isso não tinha solução. Dadá, Esmer, Meralda, eram piores. Sugeri Adlaremse, embrulhado porém requintado. Esmeralda não gostou. Se ela não gosta, eu também não gosto. Esmeralda é uma maravilha, examina os contratos com os advogados, nunca sei quando ela fica de paquete, nunca teve uma dor de dentes, controla meu movimento bancário, eu só preciso dizer para ela compra, vende.

Tendo tudo isso, dirão, eu só podia ser um homem feliz. Seria um homem realmente feliz se não dissessem pelas minhas costas que eu era uma cavalgadura. Eu me defendo afirmando que não importa se os outros dizem que você é um merda, que você só é realmente um merda se você mesmo achar que você é um merda. Mas essa frase, cuja concepção parece ter sido inspirada num desses postulados encontradiços nos manuais cretinos que ensinam os crédulos a desenvolver sua auto-estima e a vencer na vida, é mais uma das minhas imposturas. Eu sofro, repito, sofro por me chamarem pelas costas de cavalgadura. E fazem isso porque sou novo rico e não sabia (pretérito) usar corretamente os talheres, não sabia (pretérito) a diferença entre música barroca e música dodecafônica, não sabia (pretérito) a diferença entre bordô, borgonha e beaujolais, saberes inúteis que dão lustre à vidinha dos ricos antigos. Recalque, eu entendo disso.

O Ghostwriter demorou três meses para terminar o livro.

Dizem que há autores que demoram quatro, cinco, dez anos para escrever um livro de duzentas páginas. Dez anos têm três mil Seiscentos e cinqüenta dias. Basta o vagabundo escrever vinte míseras palavras por dia que no fim de dez anos ele terá as setenta e três mil palavras suficientes para um livro de duzentas páginas. O *falsário* era composto de seiscentas páginas, o Ghostwriter tinha dado duro. A história em resumo era assim: o falsário, a pedido de um editor desonesto, forja um livro de memórias como se fossem do Machado de Assis; as memórias são publicadas, todo mundo acredita que elas são verídicas, os críticos ficam enlouquecidos, o livro vira um best-seller, não se fala em outra coisa. Mas no fim o falsário, não se sabe se por arrependimento ou por querer se vingar do editor, dos leitores e da crítica, denuncia a manobra, deixando todo mundo com cara de besta.

Tirei seis cópias e mandei para seis editores. Apenas um respondeu, perguntando se não podia cortar os trechos do livro que falavam da vida do Machado de Assis, que aquilo era desnecessário e o corte não prejudicaria o livro, que seiscentas páginas era muito, que as editoras em geral atravessavam uma fase difícil devido à crise econômica etc. Os caras não queriam investir num tijolão de autor desconhecido. Pretextos, eu entendo disso.

Paguei a edição, não foi isso o que todos esses escritores chatos prolixos fizeram? Um livro de seiscentas páginas ninguém lê, mas impressiona pelo tamanho. Não poupei dinheiro. Paguei a um cobra para escrever a orelha, minha foto para o livro foi feita pelo melhor profissional da praça, a capa foi elaborada pelo melhor capista do país. Fiz somente mil exemplares e mandei o editor distribuir quinhentos. Pensei, ao receber o primeiro

exemplar com o meu nome na capa colorida, essa merda vale tanto quanto os meus dentes implantados. Ver as coisas como elas são, eu entendo disso.

Durante um mês, nada aconteceu. Mas o crítico de uma revista semanal me descobriu, disse que eu era a maior revelação literária dos últimos anos, e os quinhentos exemplares que estavam nas estantes dos fundos das livrarias se esgotaram num dia. O editor publicou uma nova edição de dez mil exemplares, e outra, e mais outra. Eu estava famoso, da noite para o dia. Dei entrevistas para todos os jornais. Dei entrevistas na televisão. As pessoas me pediam autógrafos. Gisela me pediu autógrafo. Esmeralda me pediu autógrafo. Nos jantares falavam do meu livro. Onde estava a cavalgadura? Vingança, eu entendo disso.

Tomás Antônio. Vou continuar chamando-o assim. Preciso conversar com você, pessoalmente. Marque quando e onde. Ghostwriter.

Isso me surpreendeu? Não. Eu estava preparado para algo parecido, já previra que o pobre-diabo miserável, meio tuberculoso, sofrendo com a besteira que fizera ao me vender o livro que todos diziam ser uma obra-prima, iria me procurar para fazer um acerto de contas.

Ghostwriter. Encontre-se comigo na praça Nossa Senhora da Paz, quinta-feira dia 15, às cinco da tarde. Você já viu as minhas fotos nos jornais. Estarei sentado num dos bancos da praça, esperando. Tomás Antônio.

Nesse dia, vinte minutos antes da hora marcada, cheguei à praça e me sentei num banco perto da entrada. De onde eu estava tinha uma visão perfeita de todas as pessoas que chegavam. Entrou um sujeito com um jornal, entrou um casal, entrou um mendigo, outro sujeito de bonezinho, uma babá com um menino,

outra babá, outro mendigo, o tempo passava e nenhuma das pessoas que chegavam se dirigia a mim.

Boa tarde.

A mulher surgira de repente e estava ali, ao lado do banco, me estendendo a mão.

Boa tarde, respondi, apertando a mão dela.

Posso sentar?

Claro. Não vi você entrar na praça.

Eu já estava aqui quando você chegou. Sentada naquele banco.

Bobeei, não pensei nisso, que você se anteciparia. Você é o Ghostwriter?

Sou.

M. J. Ramos?

Maria José.

Falava de maneira tímida, parecia constrangida.

Senta. Você pode provar?

É fácil. Tenho o livro todo na cabeça. Vou te contar como foi que eu o escrevi.

Quinze minutos depois, cortando o que ela dizia, eu disse, chega, acredito, o que você quer?

Ela ficou calada. Devia ter uns trinta anos, canelas finas e olhos castanhos, vestia-se de saia e blusa e usava sapatos grosseiros de salto baixo e carregava uma bolsa pequena de plástico e tinha dentes amarelos de fumo.

Estou me sentindo...

Bobagem. Pode falar.

Eu preciso fazer uma operação.

Você ou sua mãe?

Eu.

Quanto?

Bem, tem o médico, a internação... Eu não sou de nenhum plano de saúde...

Que tipo de operação?

Prefiro não falar. Mas já marquei a operação. Sabia que podia confiar em você.

Conversa mole pra boi dormir, eu entendo disso.

Bem, eu tenho uma proposta a fazer. Eu te dou uma grana hoje, para as despesas urgentes. Deposito na conta de banco que você indicar todo o dinheiro que a venda do livro já tiver dado e vier a dar, pro resto da vida. Me dá o número da conta.

Você sabe, já fez depósitos nela. Eu não devia pedir mais nada, trato é trato.

Não se preocupe. Você merece muito mais.

Assinei um cheque e dei a ela. Este é apenas o primeiro pagamento.

Eu não preciso tanto ela disse, colocando o cheque dentro da bolsa. E não quero mais nada.

O que sobrar você compra umas roupas. Quer uma carona? Onde é que você mora?

É contramão. Jacarepaguá.

Eu levo você.

Escurecia quando pegamos o carro. Fomos pela avenida Niemeyer. Quando eu era um pé-rapado sonhava ter um carro para ir passear na Barra. Agora que moro na Barra, andar por aquela avenida era uma chatice. Ela ficou calada ao meu lado, o que será que passava pela cabeça dela? Que eu era um espertinho que caíra no conto da operação, mas que aquele golpe que ela me aplicara não era suficiente para reparar o equívoco que cometera me vendendo o livro? Ou então que eu era um sujeito generoso

que acabara com as dificuldades dela? Ou?

Quantos livros de encomenda você já escreveu?

Esse foi o primeiro. Quer dizer, eu sempre escrevi, desde menina, mas rasgava.

O primeiro? Podíamos escrever outro, o que você acha?

Não sei, não quero mais fazer isso.

Arrependida?

Parecido com isso.

As casas foram rareando e andávamos por uma estrada deserta e escura. Fiquei imaginando uma maneira de solucionar as minhas perplexidades de uma vez por todas, em caso de dúvida não hesite, é assim que se ganha dinheiro. Eu podia agarrá-la pelo pescoço, esganá-la e jogar o corpo na praia. Mas esse não era o meu negócio. Compra e venda, eu entendo disso.

Olha, eu disse, não posso deixar você ir embora sem resolver nosso assunto.

Eu achei que já tínhamos resolvido.

No escuro Maria José não era tão sem graça. Por alguns momentos imaginei como ela ficaria usando as roupas de Gisela. Há quem diga que uma mulher para ser elegante tem que ter canelas finas.

Não resolvemos o assunto ainda. Vou te dizer como é que essa história pode ter um bom final.

Falei meia hora. Ela me ouviu em silêncio.

Então?, perguntei.

Eu jamais poderia esperar que você... que alguém me propusesse isso... Eu nunca... Quando eu era pequena os garotos não olhavam para mim, depois, os homens não olhavam para mim... Você me conheceu hoje, como é que...

Simbiose, eu disse.

Ela acendeu um cigarro, examinou meus olhos na luz do fósforo.

Sei que você será paciente e delicado comigo. Simbiose, ela disse.

Então estamos de acordo. Uma pergunta: você ia mesmo fazer uma operação? Um homem e uma mulher têm que confiar um no outro.

Ouvi a resposta, e essa resposta já não tinha muita importância.

É complicado ter duas amantes. Problemas logísticos. Não esquecendo da mulher que casou no civil ou no militar com você, ela também tem que entrar na planificação das coisas que fazemos com as outras, e essas coisas são muitas: tem a distribuição de carinhos e risadas, isso não pode faltar, e tem a compra de jóias, o que é fácil, basta uma jóia ser muito cara para ser apreciada, e tem a compra de roupas, o que é complicado, umas gostam de mostrar as pernas, outras gostam de mostrar os peitos, e tem as visitas aos amigos, o que é ainda mais enrolado, certos amigos não podem conhecer certos amigos, e tem as viagens, sempre acontece que as três gostam da mesma cidade que você odeia, e tem a estréia na sexta-feira do musical a que todas querem assistir, e tem a visita confidencial e embaraçosa ao ginecologista da qual você não pode tirar o corpo fora, e tem o pintor e o carpinteiro e o eletricista, as mulheres adoram fazer obras, e tem o decorador e tem os parentes, até dá arrepio pensar nos parentes, e ainda que você consiga arrumar em perfeita ordem essas coisas todas, como uma cobertura de telhas ou como as escamas de um peixe, de modo a deixar a água correr sem criar poças ou sem levar você no rodamoinho, você vai ter que programar sua vida como um general planeja uma guerra.

Fiz um acordo com Gisela, não gosto de ver ninguém sofrer.

Maria José deixou de fumar e não tem mais os dentes tão amarelos.

O novo livro está quase todo escrito.

Ele vai ser ainda melhor do que o primeiro.

Sucesso, eu entendo disso.

ORGULHO

Em várias ocasiões ele ouvira dizer que pela mente do indivíduo que está morrendo afogado desfilam em vertiginosa rapidez os principais acontecimentos da sua vida e sempre achara absurda essa afirmativa, até que um dia ocorreu que ele estava morrendo, e enquanto morria se lembrou de coisas esquecidas, da notícia de jornal segundo a qual na sua infância pobre ele usava um sapato furado, sem meias, e pintava o dedão do pé para disfarçar o furo, mas ele sempre usara meias e sapatos sem furos, meias que sua mãe cerzia cuidadosamente, e lembrou-se do ovo de madeira muito liso e macio que ela enfiava nas meias e cerzia, cerzindo todos os anos da sua infância, e lembrou-se de que desde criança não gostava de beber água e se bebesse um copo cheio ficava sem ar, e por isso permanecia o dia inteiro sem beber uma gota de líquido pois não tinha dinheiro para sucos e refrigerantes, e que às vezes escondido da mãe fazia refresco de pasta de dentes Kolynos, mas nem sempre tinham pasta de dentes em casa, e no momento em que morria também se lembrou de todas as mulheres que amou, ou quase todas, e também do chão de tacos de madeira vermelha de uma casa onde morara, porém angustiado não conseguiu recordar que casa era aquela, e também do relógio de bolso ordinário que quebrou no primeiro dia em que usou, e também do casaco de flanela azul, e da dor que o fizera rastejar no chão, e do médico dizendo que ele precisava fazer uma radiografia das vias urinárias, e quanto mais a morte o cercava mais as lembranças antigas se misturavam com as

recentes, ele chegando atrasado ao consultório do médico que já estava vestido para sair, havia até mesmo dispensado a enfermeira, e o médico apressado, ansioso como alguém que vai encontrar uma namorada muito desejada, mandando ele tirar o paletó, arregaçar as mangas da camisa e deitar numa cama de metal, explicando que afinal a radiografia não seria muito demorada, era só injetar o contraste e bater as chapas, e o médico se curvou sobre a cama para aplicar o contraste na veia do braço e ele sentiu o cheiro delicado do seu perfume e pôde notar a sua gravata de bolinhas, e não demorou muito tempo para que sentisse a laringe se fechar impedindo-o de respirar e ele tentou alertar o médico mas não conseguiu emitir som algum e as recordações vieram todas à sua mente, a notícia do jornal, o casaco azul, o chão de madeira, as mulheres, o ovo liso de madeira da mãe, enquanto o médico num canto do consultório falava ao telefone em voz baixa, e como sabia que estava morrendo bateu na cama de metal com força, o médico assustou-se e logo muito nervoso revirava as gavetas dos armários, praguejando, culpando a enfermeira e dizendo para ele ficar calmo, que ia lhe dar uma injeção antialérgica mas não achava o maldito remédio, e ele pensou estou morrendo sufocado, vida e morte correndo lado a lado, e consciente de que sua morte era iminente e inevitável, lembrou-se das palavras de um poema, eu devo morrer mas isso é tudo o que farei pela Morte, pois ele sempre se recusara a ter o coração apertado por ela, e naquele momento em que morria não ia deixar que ela tomasse conta da sua alma, pois o máximo que a Morte teria dele seria o morto, e assim pensou na vida, nas mulheres que conhecera, na mãe cerzindo as meias, no ovo liso de madeira, na notícia do jornal, e bateu com força na mesa de metal, bam! bam! bam! estou pensando nas mulheres que amei,

bam! bam! bam! pensando na minha mãe, e nesse momento o médico, sem saber o que fazer, atormentado e Sobressaltado pelos ruidosos golpes que ele desferia na cama de metal, olhou-o com grande comiseração e tristeza, e ele gritou novamente bam! bam!, que perdoava o médico, bam, bam!, que perdoava todo mundo, enquanto sua mente percorria velozmente as reminiscências da vida, e o médico, agora entregue a sua impotência, desesperado e confuso, tirou-lhe os sapatos, e ele levantou a cabeça e notou seus pés vestidos com meias pretas, e viu na meia do pé direito um furo que deixava aparecer um pedaço do dedo grande, e lembrou-se de como sua mãe era orgulhosa e de que ele também era muito orgulhoso e que isso sempre fora a sua ruína e a sua salvação, e pensou não vou ficar aqui morto com um buraco na meia, não vai ser essa a imagem final que vou deixar para o mundo, e contraiu todos os músculos do corpo, entortou-se na cama como um escorpião ardendo no fogo e num esforço brutal conseguiu fazer o ar penetrar pela sua laringe com um ruído estarrecedor, e o ar sendo expelido dos seus pulmões fez um ruído ainda mais bestial e apavorante, e ele escapou da Morte e não pensou em mais nada. O médico, sentado numa cadeira, limpou o suor do rosto. Ele se levantou da cama de metal e calçou os sapatos.

PLACEBO

Depois que o negro foi embora eu fiquei sentado na Cinelândia, uma praça do centro da cidade, pensando e olhando os pombos. Havia pombos em toda parte e muitos andavam pelo chão de pedras portuguesas brancas e pretas comendo o milho que duas velhas lhes atiravam com suas horrendas mãos caquéticas. Assim que a praça ficasse vazia eu me levantaria do banco e daria um pontapé num dos pombos. Queria jogá-lo longe, como aquele negro fizera uma hora antes enquanto me ofendia com seu palavreado chulo.

Não tenho nenhum respeito pela sua fidúcia, não vou chamá-lo de senhor, de doutor, como o seu mordomo, ele me disse sacudindo o dedo na minha cara, você vai me ver fazer uma coisa que o Belisário não conseguia quando estava fodido igual você, chutar esse pombo que está ciscando na calçada, está vendo?, tem que ser rápido e certeiro.

Belisário se referia a ele mesmo na terceira pessoa. Deu um pontapé no pombo, na frente de todo mundo, jogou o pombo longe, morto. As duas velhas não tiveram coragem de dizer nada, o negro era um homem assustador.

Meu chapa, eu também sofri dessa doença, tremia mais do que um daqueles crioulos dançando clipe na MTV, e me roía por dentro. E como todo doente, eu vivia chantageando e massacrando os infelizes que tomavam conta de mim, fodendo, no mau sentido, a moça que morava comigo e cuidou de mim um tempão, mesmo eu não acertando mais o buraco. Um dia ela cansou e foi embora.

Mulher quer pica, entendeu? E a sua? Já deu no pé?

Eu também me roía por dentro, ouvindo passivamente o negro me humilhar daquela maneira. Mas deixei-o falar, precisava dele.

No hospital do governo, depois de perguntar para o médico que me atendeu, então, doutor, o Belisário tem cura?, e ele sair pela tangente dizendo a ciência está sempre progredindo meu filho, e me mandar embora com uma receita de um remédio que custava uma fortuna e saía na urina, e depois de ouvir mais uma vez me dizerem para ter fé em Deus, que é o que dizem quando o cara está fodidão, achei que a saída era me jogar na frente do trem, entendeu? Mas de noite, ali ao lado da linha da estrada de ferro, me veio essa reação. Deus estava maltratando o Belisário e o Belisário tinha que ter fé nele? Deus inventava uma doença, jogava a doença em cima do Belisário, me desgraçava, e o Belisário tinha que ter fé no elemento? Deus, pensei, tem mais o que fazer do que tomar conta de doentes, se o Belisário não tomar conta dele ninguém vai tomar. Eu não tinha força para andar, nem mesmo para ficar em pé, e estava quase rastejando no chão, como o meu pai, que sofria da mesma doença, essa merda passa de pai pra filho como as casas e as jóias, você sabe disso, é claro, e meu pai saiu do chão pruma cama de hospital público, e da cama pro cemitério, e não me deixou casa nenhuma, só a doença e alguns retratos. Mas o destino me fez encontrar o doutor Wolf e o doutor Wolf me curou e agora estou chutando passarinho com as duas pernas. Você veio aqui se encontrar comigo para saber como isso aconteceu, como foi que fiquei bom, você sabe que fiquei bom e que ajudei outros a ficarem bons, como a sua amiga Raquel, sabe que o doutor Wolf não é um desses comerciantes diplomados de jaleco branco que a única coisa que fazem é te dar

uma receita que só serve para limpar a bunda, você já foi consultar as Mayos da vida, ouviu opiniões em inglês, francês e alemão, que foi mesmo que eles te disseram?, que a sua doença era uma doença nova, ou então uma doença velha com cara de nova, que é o que eles sempre dizem quando estão perdidos e você sabe que está fodido e vai ficar pior, portanto disposto a tentar todas as alternativas por mais idiotas, por mais coisas de crioulo, por mais rocambolescas, gostou do rocambolescas?, por mais rocambolescas ou charlatanescas que pareçam. Entendeu?

Eu disse a ele que queria ver o doutor Wolf e ele deu uma espécie de gargalhada.

Não vai ver o doutor Wolf porra nenhuma, já disse qual a matéria-prima que ele precisa.

Um absurdo, uma coisa grotesca, sejamos objetivos, senhor Belisário, eu não consigo isso que você chama matéria-prima... É repugnante... Quanto é que vocês cobram para arranjar tudo?

Ô distinto, você não me engana, você está apavorado porque daqui a pouco não serão apenas as suas mãos que vão tremer, sua cabeça vai balançar de um lado para o outro e ninguém vai sentir pena. Por enquanto as pessoas podem fingir que não notam, ainda está no início da doença, mas daqui a pouco, muito pouco, você não poderá mais conversar com o diretor financeiro de sua firma, que paga trinta por cento de suborno por contrato que faz com o governo, nem com o pobre-diabo do seu motorista, e as pessoas não poderão mais fingir que não vêem e vão fugir de você e você só não vai rastejar no chão como uma cobra porque tem dinheiro para contratar um crioulo para te carregar no colo. Já disse que você fornece o material e o doutor Wolf entra com as ervas da Amazônia, para preparar a sua fórmula secreta. Se vira, ô distinto, a Raquel não se virou?

Ele se afastou. Parou a uma certa distância. Não tome cafezinho, ô distinto, vai derramar na roupa.

O negro sumiu e eu fiquei ali na praça sentado, esperando uma ocasião propícia para dar um chute num daqueles pombos que ciscavam pelo chão. Eu tinha uma reunião às dez horas. Olhei um dos meus relógios, o de pulso. Eram dez horas. Levantei-me do banco e tentei dar um chute no primeiro pombo que passou na minha frente. Não consegui, perdi o equilíbrio e só não caí porque me agarrei numa mulher, e essa mulher era uma das velhas cretinas que davam comida para os pombos. Ela gritou pedindo socorro. Corri como um dos assaltantes que freqüentavam a praça. Cheguei onde estava o meu carro, sem fôlego, trêmulo devido à doença, à dor, à humilhação. O ar refrigerado, o banco estofado, as portas fechadas me deram um pequeno alívio.

Para o escritório, doutor?, perguntou o motorista, e respondi que sim, que ele ligasse para dona Elisa, avisasse que ia chegar alguns minutos atrasado, que avisasse os diretores. O motorista pegou o telefone no console, ligou para dona Elisa sem parar de dirigir. Pelo espelho retrovisor olhei o meu nariz, tive a impressão de que ele mexia de um lado para o outro. Milimetricamente, ainda dava para esconder. Verifiquei se o Rolex marcava exatamente a mesma hora do Lecoutre de bolso, um relógio chato como uma folha de papel; talvez por isso desconfiasse da sua acurácia e o comparasse a toda hora com o Rolex, robusto, vulgar e confiável.

Tomei um tranqüilizante antes de entrar na reunião. Estavam todos em pé, me esperando. Ninguém sentava antes do CEO chegar. Vamos sentar, senhores. Sentei-me em minha cadeira, mais alta do que as outras, na cabeceira da mesa, as mãos escondidas debaixo da mesa, sentindo raiva de todos

aqueles idiotas engravatados, carreiristas, puxa-sacos, os corpos firmemente ancorados sobre suas inamovíveis firmes bundas gordas. Naquela reunião seria discutida a reorganização da companhia. Onze ponto quatro por cento do mercado perdido para os concorrentes, alguma coisa tinha que ser feita. O novo diretor de planejamento, um sujeito mais moço do que eu, queimado de sol, com um currículo perfeito, apresentaria os seus planos. Eu não gostava dele, tivera que ser convencido pelos meus colegas do board para contratá-lo, odiava seu aspecto saudável, me irritava ele ter sido campeão colegial de tênis na Ivy League, achava detestável sua voz empostada. Passei a palavra a ele, que fez sua apresentação de maneira teatral, parecida com a dos sujeitos da nossa agência de publicidade. Falou do Impacto da Tecnologia, dissertou sobre a Revolução da Informação, fez uma análise da Nova Empresa Multinacional e o Ambiente Político dos Negócios e terminou com uma explanação sobre a Importância da Tomada Sistemática de Decisões. Exibiu gráficos, vídeos. Sabia repetir, com as adaptações adequadas, as lições que aprendera na Harvard Business School of Administration, que cursou com uma bolsa para estudantes estrangeiros. Com exceção do diretor jurídico, que como todos os advogados era um cínico, percebi que os demais estavam impressionados com a presentation do sujeito. Nomeei uma comissão — integrada pelos diretores comercial, financeiro, engenharia, recursos humanos, jurídico, e o novo diretor — para examinar o plano e propor uma recomendação. Encerrei a reunião e voltei para o meu escritório.

Belisário. O pai dele rastejava no chão antes de ir para o cemitério e o meu pai só não rastejara porque tinha vários crioulos que carregavam ele no colo. Por que confiava naquele chutador boçal de pombos e não confiava no novo diretor? Uma coisa era

certa, o doutor Wolf havia curado a minha amiga Raquel. Foi ela quem me deu o telefone do Belisário, o telefone do doutor Wolf ninguém tinha, o doutor Wolf não falava no telefone, era uma entidade que se incorporava num médium sem nome. Sim, sei quem é, não faço apontamentos mas tenho tudo na cabeça, dissera o Belisário, a coroa de olhos verdes, ela estava um trapo, um lixo, pensando em tomar veneno, chorava sem parar, e o doutor Wolf curou a mulher. Raquel, uma mulher inteligente, se deixaria enganar ou influenciar por um charlatão, apesar do desespero por que passara quando a doença a fizera rastejar? Efeitos placebo numa cética? Ciladas da mente humana, mistérios do corpo e do espírito? Mas o certo era que ela ficara boa. E quando perguntei como tinha acontecido, quais eram os remédios do doutor Wolf, ela respondeu que não queria falar naquele assunto. Devia ter sido duro para ela arranjar aquela coisa horrível pedida pelo doutor Wolf, que até naquele meu encontro com Belisário na Cinelândia eu não sabia o que era. Pouco depois Raquel viajou para a Inglaterra e disse que não voltaria nunca mais.

No automóvel, quando voltava para casa, o motorista me olhou pelo espelho retrovisor. Uma mirada rápida, um desviar de olhos acelerado demais.

O que você está olhando?

O motorista se assustou. Eu, doutor?

Você estava me olhando pelo espelho retrovisor.

Desculpe, doutor.

Olhe para a frente.

Sim, senhor.

Saltei na garagem do prédio. Subi pelo elevador de serviço. O copeiro abriu a porta, apanhou minha pasta.

Boa noite, doutor.

Dona Helena?

Hoje é dia do curso.

Helena, minha segunda mulher, freqüentava cursos de conversação de inglês, alemão e japonês, a mulher de um CEO de empresa multinacional deve saber, segundo ela, essas línguas comerciais. Um grande sacrifício. Ela morou na França quando era casada com um diplomata e sabia francês e italiano, línguas que considerava poéticas e elegantes.

O copeiro levou minha pasta para o escritório. No bar, preparei um uísque, que terminei de beber antes de chegar à biblioteca. Voltei ao bar, apanhei a garrafa, que estava cheia, coloquei a garrafa na mesinha ao lado de uma pequena escultura moderna que sempre tive vontade de jogar no lixo.

A garrafa estava pelo meio quando Helena chegou. Me chamou de querido, me deu um beijo no rosto, conforme a rotina. Perguntei como foi a sua aula e ela perguntou como foi o meu dia na companhia. Rotina.

Aquele idiota do novo diretor apresentou o projeto dele.

Ele é um sujeito simpático, gostei dele.

Um cretino. Foi contratado porque tem contatos no governo.

Não parece, disse Helena.

Parece sim. Cretino e presunçoso. Mas dizem que joga tênis muito bem.

Você está de mau humor?

Estou. O que foi que ele te disse no coquetel da companhia que fez você dar uma gargalhada?

Eu dei uma gargalhada? No coquetel da companhia? Eu nunca dou gargalhadas em coquetéis, querido. Na verdade, acho que nunca dei uma gargalhada na minha vida. Sou uma mulher

contida, você sabe disso.

Gostaria de falar com ela sobre a minha doença, sobre o negro curandeiro, dizer a ela que estava com medo de a qualquer momento começar a rastejar no chão ou ser carregado pelos crioulos, mas como fazer confidências a uma mulher que nunca havia dado uma gargalhada na vida?

No dia seguinte era sábado, trabalhei em casa toda a manhã. Verifiquei se o Lecoutre e o Rolex marcavam a mesma hora. Acertei o Lecoutre pelo Rolex. Liguei para Belisário.

Ele mesmo atendeu. Como é, ô distinto? Dá para encarar?

Sim.

Você está disposto mesmo?

Sim... Sim.

Não estou sentindo convicção. Acho melhor esperar. Esperar o quê?

Que você piore um pouco. Que você fique mais desesperado.

Eu já estou desesperado.

Não parece.

Belisário desligou antes que eu perguntasse o que precisava fazer para provar que estava desesperado.

O primeiro objeto que comprei foi um relógio. Isso não parece nada de mais, mas eu era muito pobre, tinha nove anos e o dinheiro tinha sido roubado da minha avó. Eu mantinha o relógio escondido e esperava todo mundo dormir para acender uma vela de madrugada e olhar o ponteiro de segundos se mover, ouvir o tictac. O primeiro relógio portátil, invenção de um alemão no século XVI, tinha apenas um ponteiro, o de horas. Naquele tempo os minutos eram coisas desprezíveis. Antes, os relógios não

tinham nem ponteiros nem mostradores e funcionavam como carrilhões apenas. E ainda antes, existiam apenas relógios de sol, ampulhetas, brinquedos, não havia pressa, não havia necessidade de marcar o tempo, nada de importante podia ser feito em minutos, nem mesmo em horas. Havia também os sinos das igrejas, a igreja sempre marcou o tempo, uma forma de controlar a vida dos fiéis, de dizer que o tempo estava passando e alertar que com a passagem do tempo o Juízo Final se aproximava. Deixei de ser um fodido porque para mim os minutos não eram coisas desprezíveis, subi na vida por ser pontual, obsessivamente pontual, nunca faltando, sempre chegando antes da hora. Aquele ponteiro de segundos do relógio comprado com dinheiro roubado de uma velha pobre me marcou para o resto da vida. Agora eu tinha mais de vinte relógios e nunca saía de casa sem estar com no mínimo dois, um no pulso outro no bolso.

Segunda-feira. Estava no escritório quando Lúcia telefonou para perguntar como investir um dinheiro que estava sobrando. Marcamos um almoço na cidade.

O restaurante ficava no último andar de um arranha-céu. Um grande salão circular; as mesas dispostas sobre um estrado giratório. Podia-se ver, durante o almoço, toda a cidade, prédios, morros, aeroporto, o mar. Giramos trezentos e sessenta graus, vimos do alto toda a cidade. Na verdade uma coisa enervante, mas Lúcia gostava do local.

Adoro ver o Rio de Janeiro daqui de cima. Você tem a tarde livre?

Nunca tenho tardes livres. Abro um espaço para você.

Eu sei, você não tem manhãs, tardes ou noites livres. E odeia esperar.

Odeio esperar. Desde criança.

Aonde nós vamos? Você sabe que não gosto de motel.

Aonde você quer ir?

Minha casa. Ele está viajando.

Na sua casa eu não vou.

Algum prurido ético?

Talvez.

Peça o telefone ao maître.

O maître trouxe o telefone, Olhei a paisagem, o mar coberto por uma neblina diáfana, enquanto Lúcia telefonava para casa, falava com a governanta.

Vou chegar às (coloca a mão no bocal, me pergunta, sete?) às sete.

Enquanto eu dirigia o carro de Lúcia ela colocou óculos escuros e um lenço na cabeça, disfarçava-se para cometer os seus pecados. Quando entramos no motel ela curvou a cabeça e colocou a mão no rosto. Fomos direto para a garagem individual.

Abri a porta da *suíte presidencial.* Dois andares. Espelhos, cópias de estátuas gregas, quadros, piscina, jacuzzi, perfumes, bubble bath, escovas de dentes, xampus, tapetes, roupões japoneses, frigobar, imensa tela de TV, consoladores, preservativos, filmes eróticos, pomadas afrodisíacas, pomadas analgésicas. Pedidos especiais discar nove.

Me dá um uísque. Só com gelo.

Preparei o uísque dela.

Você já fez aborto?

Que pergunta mais inadequada.

Fez ou não fez?

Não digo.

Preciso conhecer um médico que faz aborto.

Você quer ficar segurando na mão dela enquanto fazem a

curetagem?

Mais ou menos.

Me arranja outro uísque.

Lúcia me abraçou, me beijou, tomou a iniciativa, o uísque já fazia efeito. Desnudar-me na frente de uma mulher sempre me deixava muito constrangido. O gesto de tirar as calças me parecia ridículo; descalçar os sapatos e as meias sugeria uma burocrática domesticidade; o único gesto elegante, nessas ocasiões, era arrancar a gravata. Tirei a gravata. Peguei o roupão japonês e fui para o banheiro. Nu, olhei-me no espelho. Olhei para o meu pênis como se a glande fosse uma espécie de prumo. Olhei fixamente: tremia.

Lúcia me esperava, um copo na mão, o terceiro uísque, olhando o próprio corpo nos espelhos. Fui dominado por imensa melancolia. Nascimento, cópula e morte, é tudo o que há, meu irmão me dissera pouco antes de morrer, citando seu poeta favorito. Era tudo o que havia ali naquele *rendez-vous* e no meu escritório e na rua e na minha casa e no gabinete milagroso do doutor Wolf.

Durante vários dias tentei marcar outro encontro com Belisário. Afinal ele me atendeu. Fomos nos encontrar novamente na praça Marechal Floriano, às oito da noite. Sentei num banco e esperei, odiando esperar, por ele. Àquela hora a praça parecia mais alegre. A fachada do Teatro Municipal estava iluminada, pessoas nas escadarias esperando, carros chegando, guardadores agitados dividindo as ruas adjacentes entre eles. Também estavam iluminadas as fachadas da Câmara Municipal, conhecida como Gaiola de Ouro, e da Biblioteca Nacional. Não havia pombos, nem

se notava tanto a feiúra das pessoas.

Belisário sentou-se ao meu lado.

Está disposto mesmo? Confia no doutor Wolf?

Confio.

Diga: confio no doutor Wolf.

Isso é preciso?

É preciso.

Confio no doutor Wolf. Confio no doutor Wolf. Quer mais uma vez? Confio no doutor Wolf.

Tá me sacaneando, ô distinto?

Não, estou nervoso, me desculpe.

Você consegue o material e eu levo pro doutor Wolf e ele prepara o remédio e te chama e aplica o remédio.

O que você me pede é uma coisa abominável.

Então tchau, estou perdendo o meu tempo.

Espere, espere. Como é que vou arranjar um feto de três meses?

Não pode passar de três meses, nem ter menos de dois.

Eu sei, eu sei, mas onde é que vou arranjar?

Nós já discutimos isso, não vamos começar tudo de novo.

Eu não sei como conseguir isso.

Sua amiga de olhos verdes conseguiu. Você não tem um amigo fazedor de anjos?

Não.

Não conhece uma mulher que fez aborto?

Não.

Porra, impossível.

Talvez conheça.

Belisário tirou uma tesourinha do bolso. Cortou uma unha, cuidadosamente. Liga para ela, pra essa mulher que conhece um

fazedor de anjos. O que mais existe é aborteiro neste país de gente fingida onde aborto é crime mas eles arrancam milhões de fetos por ano dos úteros de mulheres obedientes que emprenharam na marra, ou na apatia como vacas de estábulo, e depois querem se livrar do feto e até podem te dar um de graça... Mas vou te dar um conselho: podem achar esquisito um cara querer um feto, podem desconfiar, achar que vão usar o feto como prova do crime. Neste país controlado pelos padrecos, aborto é crime, então a coisa tem algumas complicações. Está na hora de ir embora. Quando encontrar o material, me ligue. Não se esqueça de colocar o bicho numa caixa de isopor com gelo, dessas que se usa para gelar cerveja. Passe bem.

De casa liguei para Lúcia.

Você estava muito esquisito naquele dia.

Preocupações. Você me arranja o endereço do tal médico?

É isso que está te preocupando?

É.

Que idade ela tem?

Ela?

Ela, claro. A sua idade eu sei, vai fazer quarenta e seis, você é dez anos mais velho do que eu.

Por enquanto.

Engraçadinho. Então?

O quê?

Que idade ela tem? É uma ninfeta?

Não, uma mulher adulta, vinte, vinte e cinco, trinta.

Vinte, vinte e cinco, trinta? Não sabe a idade da mulher que você engravidou? Os homens são mesmo muito egoístas.

O endereço do médico. Estou com pressa.

Nosso último encontro não valeu.

A gente, a gente... Depois a gente se vê.

Temos que aproveitar que o, o, está viajando.

Lúcia sabia que eu não gostava de ouvir o nome do marido dela. Hércules.

Quando você quiser.

Então eu lhe dou o endereço do médico e você me fala dessa mulher.

Amanhã.

Nessa noite tive um pesadelo: o mercado de fetos estava aquecido, havia uma grande oferta e procura ainda maior de fetos, os jornais publicavam anúncios de mulheres que vendiam fetos na barriga, havia mesmo uma seção especial nas páginas de anúncios chamada *Fetos frescos*. Telefonei para uma das mulheres dos anúncios. Bati na porta, toquei a campainha. Uma mulher de máscara abriu a porta. Preciso de um feto fresco de dois meses. Pode tirar, ela respondeu, deitando no chão e abrindo as pernas. Enfiei os braços entre as pernas dela, entrei por uma vagina úmida e escaldante, um poço tenebroso e fétido, e cheguei ao útero, uma espécie de saco de lixo de plástico preto onde o feto nadava como um mergulhador submarino. Agarrei o feto mas ele não queria sair, mordeu o meu dedo como se fosse um caranguejo. Lutamos algum tempo e consegui arrancá-lo da toca. Tinha uma cabeça enorme e emitia um som irritante. Joguei a criatura numa panela com água fervente e ela ficou vermelha. Acordei quando estava comendo a coisa, que havia se transformado numa lagosta.

Novamente com Lúcia na suíte presidencial. Me tranquei no banheiro outra vez e examinei o pênis-prumo. Tremia.

Não quero um amor de trâmites convencionais, como da última vez. Um amante não pode ser sensaborão como um marido. Quero uma coisa selvagem.

O que é uma coisa selvagem?

Você é que tem de saber. Busque o seu lado primitivo.

Isso parece coisa da revista *Marie Claire.*

Exatamente.

Quer que estupre você? Não seria politicamente correto. E mesmo se quisesse eu não poderia estuprar ninguém, por mais cooperativa que a mulher fosse, por mais calcinha de rendas que usasse.

Meu caro, politicamente correto não funciona na cama de adúlteros. Use a sua imaginação.

Você devia ter trazido a revista. Certamente está escrito lá que o fausto da obscenidade estimula o erotismo.

(Nascimento, cópula e morte, é tudo o que há.)

A pior coisa do mundo é um homem que faz amor calado. Você não diz uma palavra durante o ato. Me prepara outro uísque.

O que você quer que eu diga?

Palavras eróticas. Não põe gelo.

Por exemplo?

Fico com vergonha de dizer. Daqui a pouco, talvez. O álcool excita as mulheres. Também está na revista.

E...?

Você é gentil demais, sua muito, treme.

Ela percebera que eu tremia. Senti meu coração pesado.

Hércules, Hércules, Hércules.

Por que você está dizendo o nome dele? Você detesta dizer o nome dele.

Hércules.

Está maluco?

O endereço do médico.

Você está mesmo preocupado.

Estou.

Me dá a minha bolsa. Está aqui o endereço. Me dá outro uísque. Tem castanha de caju? Não usa o meu nome. Sem gelo. Senta na beira da cama.

Ela se ajoelhou em frente a mim.

No escritório assinando papéis.

Fugir. Para onde, para o quê? Conheci um executivo que sumiu. Ninguém encontrou uma boa explicação, executivos não fogem, engordam, ficam broxas, entram em depressão, tornam-se alcoólatras, morrem de infarto do miocárdio, mas não fogem. Eu sou um executivo, executo.

Vou sair, Elisa, não sei a que horas volto.

O consultório do fazedor de anjos ficava num andar alto de um prédio na rua Visconde de Pirajá. Na sala de espera uma mulher e um homem conversavam em surdina. Calaram-se quando entrei. Estávamos todos desconfortáveis.

O casal foi chamado pela enfermeira e fiquei sozinho. Não sabia o que dizer para o médico, tudo dependia da cara dele. Se tivesse cara de patife eu seria direto: preciso de um feto de dois meses, não faça perguntas, pago o que for preciso.

Pode entrar, disse a enfermeira.

Ele me esperava em pé no meio do consultório, pediu que eu sentasse, fazendo o mesmo atrás da mesa onde havia um lap-top ligado. Era um homem ainda jovem, simpático, um rosto confiável, olhos inocentes. O nome dele era Rodolfo Arlindo.

Sim?

Falei longamente da minha doença, da doença do meu pai. Ele me ouviu pacientemente.

Está vendo os tremores?

Eu sou ginecologista, não sou a pessoa indicada para atendê-lo.

Eu preciso de um feto de dois meses.

Como?

Um feto de dois meses. Um feto de dois meses pode salvar minha vida.

Ainda está falando com a pessoa errada. Quem o mandou aqui?

Uma, ah, amiga, fez um aborto com o senhor.

Não disse o nome dela, mas disse o meu nome, mostrei minha carteira de identidade, dei o nome da minha empresa, o nome da minha mulher, aliás os nomes das minhas mulheres, a primeira e a segunda, o meu endereço, o endereço da minha casa em Búzios, o nome dos bancos onde eu tinha conta, mostrei a ele minhas carteiras de sócio do Country Club, do Iate Clube, do Gávea Golfe, do Itanhangá, os meus cartões de crédito, disse que gostava de Beethoven e dava dinheiro para um asilo de velhos.

Acho que o senhor precisa de um tranqüilizante.

Preciso de um feto de dois meses e de uma caixa de isopor.

Para que o senhor quer... isso?

Eu sabia que quanto mais o doutor Rodolfo Arlindo me ouvisse, mais ele entenderia minha desgraça e se predisporia a ser meu cúmplice. Falei do negro, do doutor Wolf, da minha amiga Raquel que havia ficado boa da mesma doença e não fora um efeito placebo, falei do meu irmão que felizmente morrera antes de ser apanhado pela doença.

Nascimento, cópula e morte, é tudo o que há, ele sempre dizia isso.

Eu tenho estudado esse fenômeno misterioso. Existe realmente isso que o senhor denominou de efeito placebo. Os resultados, ah, positivos, vamos chamá-los assim, da medicina alternativa, ou melhor, das inúmeras terapêuticas que adotam esse nome, decorrem certamente desse ainda, ah, pouco estudado efeito. Mas não devemos esquecer que a medicina alternativa é um campo propício à charlatanice.

O que me resta? Deus? Deus é um placebo como qualquer outro.

Ao ouvir isso o doutor Rodolfo Arlindo levantou-se e saiu da sala. Botei tudo a perder, pensei, ao chamar Deus de placebo.

Mas ele logo voltou, com um copo de água na mão.

Tome isto.

O que é?

Um tranqüilizante. O senhor está muito excitado.

Tomei a pílula.

Acreditar em Deus não faz mal a ninguém. Eu acredito em Deus. O desespero agrava todas as doenças. Conhece o outro significado da palavra placebo?

Não.

É a primeira palavra do salmo de ação de graças por um homem salvo da morte, da versão latina, da Vulgata. Agradarei ao Senhor porque ele ouviu a minha voz e a minha súplica. Porque inclinou para mim os seus ouvidos; portanto invocá-lo-ei enquanto viver. Cordéis da morte me cercaram e angústias do inferno se apoderaram de mim; encontrei aperto e tristeza. Então invoquei o nome do Senhor dizendo, Ó Senhor, salvai-me a vida.

Que idade o senhor tem?

Trinta e oito.

É casado?

Sou.

Tem filhos?

Não. Não podemos.

O senhor vai me ajudar?

Posso lhe arranjar a caixa de isopor.

Quando me disse isso percebi que ia me ajudar. A ironia é uma forma de congraçamento, ainda que torta.

Eu não estou lhe prometendo nada, entendeu?

Os dias demoravam a passar. Odeio esperar. Depois de algum tempo concluí que o doutor Rodolfo Arlindo não me telefonaria. Ele jogava os fetos na lata do lixo, mas talvez considerasse antiético dar o feto para um necessitado como eu. Se a minha vida, ou a vida de qualquer pessoa, valia o sacrifício de mil porquinhos-da-índia, por que não seria válido, para salvar uma vida, fazer xarope, mocotó, ungüento ou lá o que fosse de um feto que representava dentro da barriga de uma mulher desgraça e sofrimento e por isso fora de lá arrancado quando ainda se formava e nem alma tinha, se é que essa entidade realmente existia.

Afinal, recebi um telefonema do doutor Rodolfo Arlindo.

Vou lhe arranjar, ah, o que o senhor pediu. Nem mesmo sei por que estou fazendo isso.

Caridade.

Espero que seja isso, caridade, compaixão.

Quando?

Depois de amanhã. Passe aqui no fim do dia, sete horas.

Liguei para o Belisário. Terei o que você pediu depois de amanhã. À noite.

Pego na sua casa.

Eu não vou levar aquilo para a minha casa.

Então leva na Cinelândia. O mesmo lugar.

Desligou.

Foram dois dias infernais. Eu não conseguia me concentrar. Me enchi de tranqüilizantes, mal conseguia dormir.

Desde as cinco da tarde fiquei andando de um lado para o outro na Visconde de Pirajá em frente ao consultório do doutor Rodolfo Arlindo, carregando uma enorme caixa de isopor, onde cabia um leitão. A cada cinco minutos eu tomava um café num bar das proximidades. Às sete horas em ponto toquei a campainha do consultório. A enfermeira abriu a porta. A sala de espera estava vazia.

O doutor Rodolfo Arlindo disse para o senhor esperar.

A todo momento eu olhava, ora no Rolex ora no Lecoutre, o ponteiro de segundos fazer todo o seu percurso circular duas vezes, antes de colocar o relógio de volta no bolso ou cobri-lo com a manga do paletó, conforme o caso. Odiava esperar. Afinal o doutor Rodolfo Arlindo apareceu. Levou-me até uma sala, uma espécie de enfermaria, onde havia quatro camas, aparelhos eletrônicos, pias, armários e um grande freezer. Do freezer tirou gelo, que colocou na caixa de isopor. Depois trouxe o feto. Não tive coragem de olhar de frente para ele, mas me deu a visão franjal de um camarão graúdo.

Pronto. Pode levar.

Não sei como lhe agradecer.

A melhor maneira de o senhor me agradecer é esquecer tudo isto que está acontecendo aqui hoje.

Peguei um táxi.

Posso saber o que o senhor leva nessa caixa de isopor?

Nesta caixa de isopor? Minha mulher dizia que eu me preparava para mentir sempre que, antes de responder, repetia a pergunta que ela me fazia.

Nesta caixa de isopor? (Leitão? Perigoso.)

Uma dúzia de cervejas.

Uma marca especial?

Uma cerveja alemã que só tem em Ipanema.

Qual é a marca?

Weltanschauung.

Nome complicado para uma cerveja.

Belisário estava na Cinelândia, sentado no mesmo banco. Entreguei a ele a caixa de isopor. Ele entreabriu a caixa, olhou rapidamente lá dentro e fechou a caixa. Depois abriu a caixa novamente, olhou, balançou decepcionado e impaciente a cabeça. Fechou a tampa.

Não serve.

Como?

A porra do feto tem que ser negro.

Como?

Eu lhe disse, o feto tem que ser negro, o doutor Wolf só trabalha com fetos negros.

Você não me disse nada disso.

Disse no nosso primeiro encontro aqui na praça, naquele dia em que dei um chute no pombo. Eu disse para você, o doutor Wolf só trabalha com fetos negros.

Todos os fetos são iguais.

Não para o doutor Wolf. Joga isso no lixo.

Belisário levantou-se do banco e sumiu.

O doutor Rodolfo Arlindo provavelmente só trabalhava com fetos brancos. Onde eu ia arranjar um feto negro? Coloquei a caixa de isopor no chão ao lado do banco. Depois desloquei-me para o centro do banco. Olhei para o céu como se estivesse procurando estrelas, mas a luz elétrica de todas aquelas fachadas fizera do céu uma abóbada cinzenta, escura. Assobiei, bocejei, levantei-me e, coçando a barriga, fingindo-me de inocente, caminhei em direção ao Teatro Municipal.

O movimento na porta do teatro diminuíra, o espetáculo devia ter começado. Senti vontade de ser um daqueles idiotas lá dentro, sentado numa poltrona olhando embevecido os bailarinos dando pulos e fazendo piruetas e batendo palmas e pedindo bis. Tudo o que havia acontecido na minha vida ultimamente não podia ser bisado: meus tremores, meus temores, meus terrores que aumentavam a cada dia e mais ainda naquele dia em que eu estava deixando no meio de uma praça, dentro de uma caixa de isopor com gelo, um feto de cor errada. E o gelo devia ter derretido.

Eu andava lentamente, como fazem as pessoas inocentes.

Ei, ei!

Continuei andando.

Ei, ei. moço!

Não era comigo. Continuei andando.

Senti um leve toque no meu ombro.

Olhei para trás. Um mulatinho magro, mal vestido, típico freqüentador da praça, me estendeu a caixa de isopor. O senhor esqueceu isto.

Peguei a caixa. Obrigado.

Ele ficou parado, como quem espera uma gorjeta. Dei um dinheiro a ele.

Quer que eu carregue pro senhor?

Não, muito obrigado.

Passei pela porta do teatro e prossegui pela avenida Rio Branco em direção à praça Mauá. A partir da esquina da São José a avenida foi ficando cada vez mais vazia e, de certa forma, escura e sinistra. Meu plano era largar a caixa com o feto em algum lugar, ao pé de uma árvore, num vão escuro, na cabina de saques eletrônicos de algum banco, a avenida tinha dezenas de agências bancárias e eu possuía cartões magnéticos de vários bancos em meu bolso.

Primeiro tentei deixar a caixa de isopor ao pé de uma árvore, mas nesse momento um carro passou na avenida e fiquei com medo de que me vissem. Perto da primeira cabina de banco havia dois homens em atitude suspeita. Das ruas transversais, da Assembléia, do Ouvidor, do Rosário, começaram a surgir pessoas, homens, mulheres, famílias inteiras, carregando cobertores, sacas, esteiras, jornais velhos. As esteiras e os jornais velhos eram colocados no chão, sob as marquises das lojas, e eles se acomodavam, grudados uns nos outros como pencas de bananas. Recolhiam-se cedo, para dormir, pois acordavam antes do sol raiar. Preferiam as portas dos bancos, os banqueiros têm a consciência pesada e relutam em mandar expulsá-los. Não consegui me livrar da caixa de isopor. Não queria correr o risco de um desabrigado vir atrás de mim, ei, moço, o senhor esqueceu isto, ou pior, alguém abrir a caixa e ver o feto.

Cheguei à praça Mauá. Parei na porta de um cabaré. Um cartaz com mulheres de peitos enormes anunciava as atrações daquela noite.

Com essa caixa não pode entrar. Era o porteiro.

Só estou olhando.

Eu posso tomar conta da caixa. O que tem dentro dela?

Cerveja alemã.

Alemã? Que marca?

Que marca? Weltschmerz. Havia momentos em que eu conseguia brincar com os meus infortúnios.

Nunca ouvi falar. Me arranja uma pra provar?

Não posso.

Tudo bem. Pode entrar com a caixa. Mas de qualquer maneira vai ter de pagar a consumação mínima.

Entrei. Aquelas mulheres seminuas que transitavam na penumbra eram travestis, assim como as peitudas do cartaz. Fui direto para o banheiro, fechei a porta, abri a caixa. O feto era roxo, como é que Belisário sabia que não era preto? Cheio de nojo peguei o embrião, devia ter uns três centímetros no máximo, menor do que um artrópode de ensopado com chuchu, tinha braços e pernas, uma cabeça grande para corpo tão pequeno, boca, nariz, orelhas, olhos. Da barriga sobressaía uma tripa grossa, resto do cordão umbilical. A pele estava gelada e úmida. Um odor salino se desprendia dele. Um ente das profundezas do mar placentário, um repelente monstro anfíbio.

Arregacei a manga da camisa e enfiei meu braço pelo buraco da latrina fedorenta até a altura do cotovelo, empurrei o feto pela tubulação abaixo fazendo-o sumir completamente. Apertei a válvula da descarga mas ela não funcionava. Joguei a água da caixa de isopor no vaso.

Voltei para o salão. Fui segurado pelo braço.

Está a fim de fazer uma loucura, não é?

Encostou os enormes seios de silicone no meu braço. Está todo molhado, querido. Então? Arroz e feijão todo dia cansa. Sou muito discreta.

Esfreguei o braço nos seios dele, dela para tirar a água suja da latrina.

Está me deixando toda molhada e arrepiada.

Tenho que ir embora, com licença.

Já vai?, disse o porteiro. Peguei um táxi até o largo do Machado. Esperei um pouco e peguei outro táxi para Copacabana. E outro para a minha casa. Agia como um criminoso.

O doutor Rodolfo Arlindo ouviu minha história em silêncio.

Parece mentira, ele disse.

Preciso de um feto preto.

Não, não quero mais me meter nisso.

Minha vida vale um feto preto. Uma vida humana vale mil porquinhos-da-índia, mil macacos.

Um milhão de galinhas, disse o doutor Rodolfo Arlindo.

Pegou um livro na gaveta e leu para mim: Il n'y a pas un instant de la durée où l'être vivant ne soit dévoré par un autre. Audessus de ces nombreuses races d'animaux est placé l'homme dont la main destructrice n'épargne rien de ce qui vit; il tue pour se nourrir…

E Rodolfo Arlindo continuou sua catilinária dizendo que o homem matava para se vestir, matava para se adornar, matava para ofender, matava para se defender, matava para se instruir, matava para se divertir.

…il tue pour tuer.

E mata para se salvar, acrescentei.

Oh, meu Deus… O doutor Rodolfo Arlindo estava mais próximo de mim. Um milhão de galinhas mortas. E aquela reflexão tola sobre a maldade humana em francês não fora dirigida a mim.

O doutor Rodolfo Arlindo mantinha o livro na gaveta para lhe servir de escarmento. Na verdade sabia o texto de cor, enquanto discursou mal olhou o livro.

Um feto preto. Preciso de um feto preto.

Isso é uma loucura.

O senhor não tem clientes negras, é isso? As negras não podem pagar o que o senhor cobra, é isso?

É, é isso.

O senhor tem uma pílula igual àquela que me deu da última vez?

Tomei a pílula. Olhei para a ponta do meu nariz. Tremia. Minha mão tremia. O pênis-prumo devia estar tremendo.

Estou fodido, doutor Rodolfo Arlindo.

Quem lhe garante que essa grotesca, abominável terapêutica alternativa lhe fará bem?

O senhor não sabe o que é estar à beira de perder totalmente a esperança. É horrível.

Talvez eu... Aguarde um telefonema meu.

Enquanto isso as coisas na companhia se complicavam. O diretor de planejamento tinha alguns aliados no board; alegavam que um importante contrato com o governo deixara de ser assinado porque o empulhador da Ivy League fora demitido por mim. O doutor Rodolfo Arlindo não me telefonava. Minha mulher se tornara vegetariana.

Dê uma gargalhada.

O quê?

Você disse que nunca deu uma gargalhada na sua vida. Dê uma gargalhada para mim, é tudo o que lhe peço. Uma mísera

gargalhada.

Se eu pedir para você botar um ovo, você bota um ovo?

Olhei bem para minha mulher. Estranha frase, aquela. Talvez ela tivesse arranjado um amante, subitamente vegetariana e fazendo ginástica. Pobre-diabo; não ela, o amante, putativo. Os dois. Ser amante de uma mulher que não dava uma gargalhada era pior do que ser o marido dela.

Fugir. Fugir.

* * *

Afinal o doutor Rodolfo Arlindo me telefonou.

Cheguei à mesma hora, com uma caixa de isopor preta. A outra caixa era branca.

Não sei por que estou fazendo isso. Acho que tenho pena do senhor.

É disso que eu preciso. De pessoas que tenham pena de mim.

Fomos para a sala interna do consultório, a que parecia uma mini-enfermaria.

Este é preto, garanto. O doutor Rodolfo Arlindo abriu a geladeira, tirou o embrião, roxo-preto. Desviei os olhos.

Tem menos de três meses? Parece maior do que o outro.

Garanto.

Ele mesmo apanhou o gelo, colocou na caixa de isopor, acondicionou o embrião.

Doutor Rodolfo Arlindo, eu queria, ah, não é pagamento, entendeu, é uma demonstração de, ah, entendeu? Eu queria...

Nem pense nisso!

Muito obrigado, muito obrigado. O senhor salvou a minha

vida.

Não me procure mais. Nunca mais.

Nunca mais. Nunca mais. Posso telefonar?

Não.

Nunca mais, obrigado, nunca mais.

Liguei da rua para o Belisário.

É preto?

É.

Me encontra na praça. Agora.

O motorista do táxi, felizmente, não perguntou o que eu tinha dentro da caixa.

Cheguei antes do Belisário. A fachada estava iluminada, uma luz azul, diferente da claridade da Biblioteca Nacional, que era topázio.

Logo que chegou o negro entreabriu a caixa de isopor.

Esse tem a minha cor, é o bicho. Você está com sorte, ô distinto, o doutor Wolf foi incorporado hoje de manhã. Vai poder trabalhar para você imediatamente. Me encontra aqui depois de amanhã, às cinco da matina. Traz a grana, viva, nada de cheque. Sem a grana nada feito.

Fiquei acordado na noite que antecedeu meu encontro com o Belisário. Saí de casa às quatro horas, ainda escuro. Na praça só havia mendigos dormindo, um deles estava deitado no banco onde eu sempre esperava pelo negro. Fiquei andando de um lado para o outro, esperando, odiando esperar.

Dois sujeitos tristes e agressivos se aproximaram de mim.

Está a fim?

Continuei andando, um de cada lado.

Está a fim, como é, não responde?

Não, é melhor darem o fora.

Um de cada lado. Senti o ombro do mais baixinho, vesgo, todo maquiado.

Então descola uma grana, ameaçou o maior, que tinha a língua presa.

Parei. Eles queriam o dinheiro que eu tinha no bolso e que ia salvar a minha vida, o dinheiro do doutor Wolf. Se o negro chegasse e não recebesse o pagamento iria embora, sem a grana nada feito. Iam ter que me matar primeiro.

Olha aqui, seus merdas, sou um homem desesperado, sou capaz de matar um de vocês com os dentes, como um cão danado. De você, baixinho, que é zarolho, eu vou arrancar um olho e mijar no buraco até o mijo sair pelas orelhas.

Agarrei o baixinho pelos cabelos, que saíram na minha mão.

Minha peruca, me dá minha peruca.

Abri a braguilha e tirei o pau pra fora. Eu estava mesmo desesperado.

Vou mijar na peruca.

Estou armado, tenho uma faca, disse o grande.

Vou enfiar ela no teu cu. Eu estava mesmo desesperado.

Nessa hora surgiu Belisário, que imediatamente desferiu violentos socos e pontapés nos infelizes. Os dois correram. O grande sumiu. O baixinho parou perto da estátua de Carlos Gomes.

Não precisava bater neles assim.

Odeio viados.

Caminhei em direção ao baixinho. Ele atravessou a rua.

Você não quer a peruca?, gritei. Vou deixar aqui na estátua.

Vamos embora, disse Belisário.

O negro me conduziu até um carro que estava parado na rua Evaristo da Veiga, quase esquina da Senador Dantas. Abriu a porta do carro e mandou eu sentar no banco de trás.

Cadê a grana?

Dei o dinheiro a ele. Belisário contou o dinheiro.

Põe esse capuz na cabeça e deita. O doutor Wolf não quer que ninguém saiba onde fica a casa dele.

Capuz? Não vou botar capuz nenhum.

Então dá no pé. O dinheiro fica comigo.

Botei o capuz. Deitei no banco. Belisário deu a partida no carro. Andamos o que para mim pareceu um longo tempo. O carro parou. Ouvi o barulho de uma porta de aço, dessas flexíveis, de correr.

Pode tirar o capuz.

Por uma porta na garagem passamos para uma sala pequena, depois uma sala maior onde havia uma cama de ferro de hospital, sem lençol.

O doutor Wolfgang Keitel já vem. Pode deitar na cama.

Belisário saiu. Fiquei em pé no meio da sala.

A entidade doutor Wolf, ou Wolfgang Keitel, era um homem muito velho, cheio de rugas, de longos cabelos brancos, parecia um índio.

Deita, disse Belisário.

O doutor Wolf apontou a cama. Notei então que ele tinha uma seringa na mão, cheia de um líquido ambarino.

Eu era um homem desesperado. Deitei. O doutor Wolf, ao contrário de todos os médicos e enfermeiros que já haviam tirado sangue de mim, achou logo a veia boa, do braço esquerdo. Nem senti a picada. O líquido parecia a lava incandescente de um vulcão. Desmaiei.

Quando acordei vi Belisário sentado na minha cama.

Como é, ô distinto? Está se sentindo bem?

Levantei-me. Andei pela sala. Olhei a ponta do meu nariz. Estiquei os braços, as mãos não tremiam. Olhei o Rolex no pulso. Olhei o Lecoutre de bolso. Diferença de um segundo. Acertei o Lecoutre pelo Rolex. Eram onze horas, da manhã, uma luz do dia entrava por algum lugar.

Fiquei desmaiado quantas horas? Quatro?

Dois dias.

Dois dias? Sério?

Dois dias, ô distinto. Mas ficou bom. Não vai tremer mais, adeus rastejamento, o buraco vai ficar parado te esperando. Bota o capuz.

Antes de vestir o capuz olhei mais uma vez a ponta do meu nariz. Firme como o Pão de Açúcar. Estendi as mãos, abri os braços. Firme. Firme. Firme para sempre.

Belisário me deixou na Cinelândia. Era um lindo dia. As duas velhas estavam lá, dando milho para os pombos.

Só vou dar um chute num deles, não vou matar. É uma promessa que eu fiz, expliquei para as velhas.

Na verdade, chutei dois. Depois que acertei o primeiro quis ter certeza de que eu estava bom mesmo e dei um chute num outro.

Foi uma promessa que eu fiz, nada tenho contra os seus pombos. Apanhei um pouco de milho do saco de uma delas e joguei para os pombos.

Desci a avenida Rio Branco. Entrei no edifício Avenida Central e tomei um refrigerante. Vi um relojoeiro e entrei.

Eu queria tirar os ponteiros de segundos e de minutos destes relógios.

O sujeito pegou o Rolex e o Lecoutre.

O senhor está louco.

Estive. Dá para tirar?

Vai estragar os relógios. Esses relógios são caros. Não quer vender?

Dá para tirar ou não dá?

Vai demorar algum tempo.

Não tem problema. Pode começar. Eu espero.

O BURACO NA PAREDE

Nunca pensei que um dia me pediriam para matar uma pessoa, mas isso aconteceu ontem. Até dois dias atrás eu alugava um cubículo num sobrado velho no centro da cidade, mas fui despejado de lá. Agora estou aqui na estação rodoviária, sentado num banco, fingindo que espero um ônibus.

Meu cubículo era um canto da sala onde os inquilinos viam televisão, isolado por um tabique de madeira envernizada de pouco mais de dois metros de altura. O pé direito da sala devia ter mais de quatro metros; um espaço grande entre o tabique e o teto permitia a entrada de ar mas também tornava possível a alguém, trepado numa cadeira, me espiar dormindo na cama estreita. Eu tinha horror que me observassem dormindo. Ao deitar, quando sentia uma coceira no rosto, sinal de que o sono estava chegando, eu cobria a minha cabeça com o lençol.

Na sala, o aparelho de televisão era ligado todas as noites. Muitas vezes eu me levantava de madrugada para acordar o doutor Raimundo, que ressonava na poltrona, a televisão acesa. Eu conseguia ficar na cama lendo, e também era capaz de sonhar em meio aos ruídos que vinham da sala. Sonhava com botinas femininas de botão. Sonhava com essas botinas desde o dia em que lera num romance, ainda criança, quando morava na casa branca do alto da colina, a frase botinas de botão. E tinha sempre, ao lembrar essa frase, uma espécie de vivência da minha infância, uma recordação pungente que com certeza não era baseada numa imagem pois nunca vira uma única botina feminina de botão, nem

mesmo em fotografia. E depois de adulto essa lembrança — que sugere também um lugar, eu sinto que botinas de botão *são* um lugar — aparece tão forte que me faz sentir um peso inefável em meu coração, a mesma tristeza fugaz que eu costumava sofrer quando tinha sete anos, antes de me mudar da casa branca. Às vezes tento fazer surgir essa emoção, como neste momento aqui na rodoviária, mas ela não aparece quando eu quero. Entrego-me então à rememoração dos acontecimentos que me colocaram na situação sinistra em que me encontro. Recordo tudo como se fosse uma peça de teatro na qual eu fosse um dos atores. Assim, sofro menos.

Eu estava desempregado e ia ler na Biblioteca Nacional todos os dias. Seguia pela Mem de Sá até o largo da Lapa e pegava a rua do Passeio. Eu podia descer pela Evaristo da Veiga, que desembocava na 13 de Maio ao lado do Teatro Municipal, mas preferia a rua do Passeio, que era mais movimentada, tinha mais gente para ver. Da rua do Passeio chegava à praça Mahatma Gandhi, e então praça Floriano, andava um pouco e lá estava a Biblioteca, o prédio mais bonito da cidade. Ficava na Biblioteca o dia inteiro; tomava uma xícara de café-com-leite na lanchonete. À noite, no caminho de casa, comia um sanduíche, de pernil ou mortadela. Isso matava a minha fome.

Dona Adriana, a mãe de Pia, alugava quartos para cavalheiros de fino trato em sua casa, um sobrado na rua do Resende, uma parte decadente da cidade. Eu morava no sobrado havia dois meses. Mais quatro hóspedes residiam na casa. O advogado de porta de xadrez aposentado, doutor Raimundo, ocupava o pequeno quarto da frente, que tinha uma sacada de ferro onde ele se postava ao entardecer para olhar o movimento na rua. Os quartos com janelas que abriam para um vão interno

coberto por uma clarabóia eram habitados por Tânia e o marido José Cardoso, representante comercial, e por Armando, vendedor de uma fábrica de camisas de malha com mensagens impressas. Dona Adriana e a filha Pia residiam no quarto da frente. O andar térreo era ocupado por uma loja de ferragens. A porta da rua do sobrado abria para um pequeno vestíbulo onde estavam os medidores de consumo de luz e gás do prédio. Subia-se por uma escada de madeira ladeada por dois corrimões periclitantes, passava-se pelo primeiro andar e depois uma escada mais estreita levava à porta do segundo piso, com um painel de vidro fosco. Por um corredor chegava-se à sala de jantar, depois ao banheiro e à cozinha, que os hóspedes podiam usar em horários predeterminados. As paredes do banheiro e da cozinha estavam em mau estado de conservação, precisando ser emboçadas e pintadas, mas dona Adriana dizia não ter dinheiro para isso. Havia ainda, nos fundos, uma pequena área aberta, onde os moradores quaravam roupa em chapas corrugadas de zinco. Ali Tânia tomava banho de sol entre oito e nove horas da manhã. Antes de ir para a Biblioteca eu ia espreitar Tânia no terraço. Ela tomava banho de sol de olhos fechados. Espiá-la assim, furtivamente, me parecia uma coisa indigna.

Agora, aqui sentado no banco da estação rodoviária, fico imaginando quando foi que as coisas começaram a dar errado. Acho que foi no dia em que Tânia, deitada tomando banho de sol, abriu os olhos, me viu, e sentou-se na esteira. A cena foi assim:

Eu estou procurando...

Procurando o quê?

O meu livro.

Que livro? Você é muito bobo. Pensa que não sei que você vem todo dia me espiar aqui no terraço quando estou tomando

meu banho medicinal de sol? Eu te vejo por entre as pestanas, parado como um dois de paus, olhando para mim.

Tenho que ir.

A Biblioteca não vai fechar. Hoje nós vamos almoçar juntos, vou fazer para você um almoço gostoso e saudável. Te chamo quando estiver pronto. Vá para seu quarto ler.

Tânia voltou a deitar-se na esteira. Suas pestanas eram longas e espessas. A boca estava pintada de batom vermelho.

Lembro-me de todas as cenas, a fala, a movimentação das pessoas. Fiquei no meu cubículo, com um livro na mão. Afinal Tânia bateu na minha porta.

Demorei porque a cozinha estava ocupada por dona Adriana fritando costeletas de porco, depois não sabem por que batem as botas com infarto do miocárdio. Vamos almoçar no meu quarto. Anda, entra, está com medo? Não vou te morder. Deixa eu acender a vela, sempre acendo uma vela para comer, aprendi isso com um bailarino alemão que dançou comigo o pas de deux da Bela Adormecida. Tenho velas de todas as cores.

O quarto dela era grande, devia ser o maior da casa. Além da mesa redonda com duas cadeiras, tinha uma cama larga, um armário de roupa, um cabide, uma penteadeira, uma cômoda e um pequeno sofá. Tânia vestira uma saia muito curta, e os sapatos altos faziam suas pernas ficarem ainda mais compridas. Não está bonito este prato? Eu combino as cores, a cenoura vermelha, vamos chamar de vermelho, eu sei que cenoura é cor de cenoura, o verde-vibrante da alface, o verde-pálido do pepino, o roxo-escuro da berinjela, o amarelo da abóbora e o branco da soja, tudo isso não dá um conjunto harmonioso? Me deu um rápido beijo no rosto. Agora vamos comer, se isto é bom de ver é melhor ainda para comer.

Foi a primeira vez em que senti saudades do meu sanduíche de mortadela, mas comi tudo aquilo como ela mandava, o mais difícil foi a soja.

Lembre-se, a cenoura tem que ser comida inteira, você apenas lava e passa uma escova nela e depois come segurando na mão, assim. E Tânia deu dentadas barulhentas na cenoura. E eu dei dentadas barulhentas na cenoura.

Não está se sentindo leve? Ela sentou-se no sofá. Suas coxas musculosas apareceram por inteiro.

Estava uma delícia, respondi.

Você podia almoçar sempre comigo em vez de comer porcarias na rua. Detesto almoçar sozinha e o Cardoso nunca almoça em casa.

Estava uma delícia, repeti.

E depois do almoço sempre descanso um pouco. Deito, mas não durmo, apenas fecho os olhos, os olhos gastam, você sabia? Temos que poupar os nossos olhos. Eu deito na cama e fecho os olhos.

Deitou-se, de olhos fechados. O que você preferia? Ficar cego ou ficar surdo?, perguntou, de olhos fechados.

Ficar surdo. Tenho que ir embora.

Fazer o quê? Ela abriu os olhos.

Tenho um encontro na Biblioteca.

Alguma garota?

Não. Não.

Você tem mesmo que ir?

Se eu tenho que ir? Tenho, vou encontrar um amigo que disse que vai me arranjar um emprego.

Voltou a sentar-se no sofá. Um emprego de quê? Auxiliar de escrita? Quem é esse amigo? Você me disse que não tem amigos.

Um conhecido. Tenho mesmo que ir. Estava uma delícia.

Lembro de mim descendo apressado e confuso a Mem de Sá, sem saber o que estava acontecendo e fazendo-me perguntas. Se deitasse ao seu lado na cama, como Tânia reagiria? Era isso o que ela queria? Que deitássemos juntos na cama? Ela era uma mulher casada, se o marido chegasse e nos visse eu merecia ser morto por ele. Depois de algum tempo na Biblioteca a minha angústia passou. Fui para a seção de iconografia ver mapas, desenhos, pinturas.

Passei o dia e parte da noite na Biblioteca. Depois sentei num banco da praça Marechal Floriano, contei meu dinheiro e vi que não dava para ir ao cinema. Eu tinha uma caderneta de poupança, mas o dinheiro estava acabando e eu tinha de economizar. A única coisa que podia fazer àquela hora sem ter que gastar dinheiro era ficar olhando as pessoas que passavam.

Agora estou aqui, no banco da rodoviária, cercado de outros viajantes estremunhados segurando malas e embrulhos, novamente olhando as pessoas passarem e pensando na vida. Se eu não tivesse ido morar no sobrado de dona Adriana a minha vida seria outra? Mas fui morar lá porque quis e não saí de lá na hora certa porque não quis. E me apaixonei por Pia porque quis? Não sei responder a isso.

Naquele dia fiquei até tarde na praça, olhando as pessoas. Felizmente, quando voltei para casa, na sala de TV só estavam dona Adriana e o doutor Raimundo. Entrei no meu cubículo, enchi os ouvidos de algodão, cobri a cabeça com o lençol. Demorei muito tempo para dormir.

No dia seguinte fui ver Tânia tomando banho de sol. Na tragédia grega os personagens também agem assim, sentem que estão se enfiando numa voragem e continuam agindo do mesmo

jeito. Eu amava Pia e ia espiar Tânia tomar banho de sol. Armando estava sentado na esteira ao lado dela, de terno e gravata. Falavam baixinho como se estivessem trocando segredos. E também riam, e se tocavam com as mãos no meio das risadas. Em certo momento, quando Armando dizia algo ainda mais secreto, pois sua boca roçava a orelha de Tânia, ele olhou para os lados, certamente para certificar-se de que ninguém presenciava aquela cena, e me viu, e disse em voz alta, aproxime-se dos bons.

Estou saindo, só vim aqui fora ver como está o tempo.

O tempo está bom, disse Tânia, aquilo ali é o sol.

Eu também já estou indo, disse Armando.

Me alcançou no corredor.

Você está infeliz?

Estou com cara de infeliz?

Está.

Minha cara é assim mesmo.

Tirou uma moeda de ouro do bolso. Está vendo esta moeda? Toma. Pega ela.

Peguei.

Sabe que moeda é esta?

Li: Georgius v D.G. Britt:Rex F.D.Ind:Imp. Do outro lado apenas a efígie de São Jorge a cavalo empunhando uma espada, na cabeça um elmo do qual se desprendia um tecido esvoaçante. E o dragão, evidentemente.

Tenho duas. Roubei do meu pai.

Desceu comigo as escadas. Sim, eu estava infeliz, mas não ia fazer confidências. Não faço confidências, não tenho necessidade disso, guardo as coisas comigo. Mas Armando, naquele dia, fez uma grande cena, com uma longa fala. Ouço a sua voz empostada como se ele estivesse aqui ao meu lado na rodoviária.

Você vai para a Biblioteca? Também estou indo para lá. Vou lhe contar uma coisa ligada a esta moeda que nunca contei para ninguém.

Enquanto caminhávamos pela rua, ele destrinçou seu enredo. O pai dele, um professor de português que se tornara pastor protestante, obrigava-o a ler a Bíblia diariamente e a estudar gramática. Essas exigências o fizeram fugir de casa quando criança. Antes de fugir disse à mãe que estava roubando as libras de ouro que o pai tinha numa gaveta. Ela o perdoara. As mães perdoam os filhos, os filhos é que não perdoam as mães. Não que meu crime fosse muito grave, continuou Armando, um sacerdote não deve manter escondidas, entre seus livros sagrados, libras esterlinas de ouro, mesmo que tenha sido antes um professor de gramática. Escrevi uma carta pedindo perdão a ele. Durante algum tempo ele acreditara que eu também me tornaria pastor e o substituiria em seu ministério. Eu o decepcionei duplamente.

Mas meu pai também me decepcionou — prosseguiu Armando —, além de ter as libras de ouro escondidas, ele bebia sem que minha mãe e o seu rebanho soubessem. Trancava-se diariamente num quarto sem uso que seria da empregada que não tínhamos, dizendo que ia meditar e estudar os textos sagrados. Minha mãe supunha que ele estava estudando a Bíblia e eu supunha que ele estava estudando a Bíblia e o rebanho supunha que ele estava estudando a Bíblia, mas na verdade ele estava se embebedando. Embebedava-se todos os dias a partir das cinco horas da tarde e fingia que meditava e estudava a Bíblia até de madrugada, quando a sua embriaguez passava. Quando contei para minha mãe que havia roubado as libras esterlinas tive vontade de dizer-lhe que meu pai não lia a Bíblia diariamente, que

ele apenas se escondia e se embriagava, mas não disse. Coitado. Talvez os prazeres devam ser gozados dessa maneira secreta e para os homens de Deus a hipocrisia seja um imperativo. Que sei eu? De qualquer forma as suas prédicas eram eloqüentes e bem articuladas e deixavam os fiéis atentos e motivados. E não posso esquecer onde esses fiéis o ouviam. Na praça pública. Meu pai nem mesmo tinha uma igreja para fazer seus sermões, perorava nessas praças tristes e miseráveis dos subúrbios, para ouvintes atentos, é verdade, mas apenas meia dúzia de gatos pingados. Certa ocasião eu o acompanhei. Ele chegou na praça, colocou no chão o pequeno alto-falante que fazia a sua bonita voz ficar roufenha e aguda, e começou a falar de Cristo, pecado e redenção. E nesse dia apenas três, três pessoas ficaram até o fim ouvindo o que meu pai tinha a dizer, mas nem por um momento ele perdeu a sua eloqüência, e o pior é que não creio que daqueles três pobres-diabos um só tenha se convertido, pois todos já eram crentes, meu pai havia jogado fora seu latinório. Nunca contei isso para ninguém. Vamos tomar um cafezinho.

Tomamos café.

Sabe por que sou um fracasso?

Você é um fracasso?

Sou. E você também. Naquela casa somos todos uns fracassados. Mas eu sei que sou um fracasso, podia ser professor da faculdade, podia ser advogado, não de porta de xadrez como o Raimundo, mas estou vendendo camisas com slogans imbecis, sou um fracasso e estou cagando pra isso. Você é um fracassado e sofre. O que você acha da Tânia?

É simpática. O marido é simpático. Todos são simpáticos lá em casa.

Que resposta falsa.

Obrigado pelo cafezinho, tenho que correr, estou atrasado.

Espera, deixa eu pagar.

Obrigado. Estou com pressa.

Eu não gostava daquele sujeito. Não gostava das coisas que estavam acontecendo.

Andei pelas ruas. Fui até a porta da Biblioteca, mas não entrei. Voltei para casa. Tânia despedia-se do marido no corredor. Afinal, o que me atraía nela? Quando vi Tânia pela primeira vez ela estava sentada numa poltrona assistindo a televisão. Na verdade notei principalmente seus joelhos. Ela vestia uma saia larga de tecido fino e, absorta, enfiara a mão entre as pernas. Lembro da cena: o corpo dela curvado para a frente, as mãos metidas entre os joelhos, num movimento que parecia de espontâneo abandono, mas que era estudado, sei agora, fazia parte do ato que ela representava. Fui atraído pelas articulações de um par de pernas. Além de azarado, eu era uma testemunha inepta.

Seu Cardoso, o marido, carregava uma enorme mala de amostras e uma outra menor de roupas. Ia viajar. Tânia deu um beijo nele dizendo, juízo, hein.

Peguei uma das malas. Deixa que eu ajudo. Sentia-me em débito com seu Cardoso por desejar os joelhos da mulher dele.

Desci as escadas, carregando a mala.

Muito obrigado, disse seu Cardoso quando chegamos à rua, você é a pessoa mais bem-educada desta casa. Vou pegar um táxi para a rodoviária.

Esperei o táxi chegar. Quando voltei, Tânia estava em pé, no corredor, com duas cenouras cruas na mão.

Quer uma cenoura?

Não, obrigado.

Deu uma dentada barulhenta na cenoura. Hoje à noite tem uma festa no Clube dos Democráticos. Quer ir comigo? Você precisa ver pessoas, muita leitura faz mal. Já foi a um baile? Outra dentada.

Um baile? Sim, já fui a um baile.

Foi nada, você não me engana. Está resolvido. Onze horas.

Fiquei deitado no meu cubículo. Alguma coisa de grave estava acontecendo comigo.

Tânia bateu na porta. Tinha pintado os cabelos de vermelho.

Que tal?

O quê?

Meu cabelo.

Respondi que o cabelo estava bom, mas não tive coragem de olhar para sua cabeça muito tempo.

Não quero que diga que está bom. Diga que está bonito.

Está bonito.

Estou bonita?

A senhora está bonita.

De vez em quando gosto de ser uma ruiva. Sempre que meu marido viaja, pinto os cabelos. Pintei as unhas dos pés e das mãos. Eu me sinto bem, quando faço as unhas dos pés. As unhas das mãos também, porém menos.

Tirou o sapato. Exibiu um pé de dedos retorcidos cheios de joanetes raspados. Não está lindo?

Desviei os olhos. Sim.

Segurando os sapatos na mão, deu alguns passos de dança.

O Clube dos Democráticos ficava perto da nossa casa, bastava caminhar um pouco pela Gomes Freire para chegar à rua Riachuelo. O baile estava cheio de gente pulando no salão. Ainda faltava muito para o Carnaval mas aquele era um clube

carnavalesco e as pessoas pulavam e cantavam, principalmente as mulheres. Nunca tinha ido a um baile na minha vida. Senti pena das mulheres, suadas, pulando e saracoteando e gritando. Os homens causaram-me algum desprezo.

Que cara é essa?

Isto tudo me parece um pouco vulgar.

Se é vulgar para você que era auxiliar de escrita numa firma de autopeças, imagina para mim que fui primeira bailarina do Municipal e dancei *O lago dos cisnes* para o príncipe de Gales quando ele veio ao Brasil. Eu já te contei o dia em que dancei para o príncipe de Gales?

Acho que sim.

Foi emocionante.

Abraçou-me, espetou-me os peitos.

Vamos dançar.

Não sei.

Não tem nada que saber. É só pular.

Não sei cantar a música.

Apertou-me com mais força, enfiou-me por entre as pernas uma das suas coxas.

Deixa de ser esquisito.

Livrei-me do abraço. Estava perturbado, não sabia bem o que sentia por ela.

Então vamos tomar uma cerveja.

Não bebo.

Cerveja é a mesma coisa que água.

Quero ir embora. A senhora fica. Se quiser venho apanhá-la. Só dizer a hora.

Não precisa. Bobo. E pára de me chamar de senhora.

Tânia fez uma pirueta desajeitada de bailarina clássica e

embarafustou pelo salão adentro a cantar e a pular.

Não me lembro de mais nada do baile. Recordo uma cena, depois do baile, que, aparentemente, não tem o menor interesse para o que estou relatando: cheguei em casa e encontrei Nadja, a moça que morava no primeiro andar, se despedindo de uns amigos. Disse-me que seu pai comprara um apartamento no bairro de Fátima e que iam se mudar nos próximos dias, as obras do novo apartamento, reformas da cozinha e do banheiro, estavam quase concluídas. O bairro de Fátima fazia parte da vizinhança mas era considerado uma área mais nobre, pois tinha alguns prédios de apartamentos novos.

Subi o último lance das escadas. Dona Adriana e o doutor Raimundo viam televisão. Essa novela é uma porcaria, vou tomar minha pílula e deitar, ouvi dona Adriana dizer quando entrei no cubículo. Ela tomava um barbitúrico todas as noites e acordava tarde. Quanto aos ruídos, as novelas eram melhores do que os programas de auditório, esses incomodavam muito mais com gritos em coro, mas nas novelas as pessoas gritavam sozinhas, ou no máximo umas com as outras. Fiquei a olhar o quadro com uma paisagem, dependurado na parede. Uma reprodução velha, feia, mostrando um barco na areia tendo ao lado um sujeito fantasiado de pescador. Eu detestava qualquer paisagem, mar, montanha, florestas. Diziam que os mineiros eram atraídos pelo Rio por causa do mar, mas eu estava na cidade havia bastante tempo e ainda não fora ver o mar nem pretendia fazer disso uma ocasião especial. Eu precisava arranjar uma outra coisa para colocar na parede. Conforme os ruídos da sala, a televisão devia estar mostrando um filme.

No dia seguinte Tânia me encontrou de manhã, ao terminar seu banho de sol, quando eu estava entrando no banheiro.

O que está olhando? Está me achando bonita? Dormi só duas horas esta noite.

Sim.

O que você acha mais bonito? Meu rosto ou meu corpo?

Os dois.

Deu uma gargalhada, pôs a mão no peito. Nem por um instante passou-lhe pela mente a idéia de que eu estava apenas dizendo o que ela queria ouvir. Com seus cabelos vermelhos e eriçados parecia uma mulher de desenho animado ligada numa tomada de alta-tensão. Eu também percebia — com a mesma fria indelicadeza que antes me fizera examinar-lhe os joanetes dos dedos —, agora com vergonhosa curiosidade malsã, a bolsa debaixo dos seus olhos. Tentei não ver os cabelos eletrônicos, mas não consegui, cruelmente atraído por eles. O que era verdadeiro em Tânia? Os seios pontudos?

Minhas qualidades de observador perceptivo cessaram quando tinha sete anos. Toda a minha capacidade de ordenar e registrar o mundo foi encerrada depois dos sete primeiros anos de minha vida, antes de ter mudado da casa branca no alto da colina. Depois que mudei da casa branca e cresci e vim para meu exílio, nesse tempo todo apenas acumulei lembranças descartáveis, sem significado, impossíveis de serem revividas. O que emergia do poço fundo da minha mente era uma reminiscência que eu sabia ser a frase de um livro que li com menos de sete anos. Botinas de botão.

Ao sair do banheiro, cuja porta ficava em frente à cozinha — eu não tinha um roupão colorido como o de Armando, ou mesmo cinzento como o do doutor Raimundo, e costumava vestir-me

rapidamente dentro do banheiro pois não queria ocupá-lo durante muito tempo, era o único que havia na casa; o outro banheiro, que servia à empregada no tempo em que dona Adriana tinha empregada, sofrera um defeito nos encanamentos e virara depósito de trastes velhos —, notei Tânia sentada em frente a uma xícara de café. Chorava. Fiquei chocado. Nunca pensei que ela fosse capaz de chorar. Senti-me um pouco culpado, não sei bem por quê. Ela não me viu passar em direção ao cubículo, debruçada sobre a xícara, a cabeça apoiada nas duas mãos.

Entrei no cubículo, deixei a toalha aberta sobre a cama para secar, peguei os papéis com as coisas que estava escrevendo. Na sala dei um encontrão em Pia, os papéis caíram da minha mão e ela se curvou para me ajudar a apanhá-los. Meu olfato era muito sensível, mas não consegui sentir odor algum se desprendendo de Pia, seu corpo parecia ser totalmente inodoro.

Você escreve?, disse ela, percebendo que os papéis estavam cobertos com as minhas garatujas.

Escrevo. Coisas. Poemas.

Você vai ganhar algum dinheiro com isso?

Não. Dinheiro não é importante.

Gostaria de pensar assim. Mas é muito infantil, achar que dinheiro não é importante. Se soubesse escrever escreveria uma novela para a televisão.

Odeio televisão.

Eu também não gosto, mas não odeio. Quando um programa é chato eu deixo de ver.

Pia me deu os papéis, que novamente escaparam da minha mão. Curvei-me para apanhá-los, e vi a menina afastar-se, sem fazer barulho, parecia não ter peso algum. Só olhei para os pés dela. As coisas se armavam em volta de mim como um cipoal de

plantas carnívoras, mas eu ainda não sabia disso.

Na Biblioteca fiquei um tempo enorme procurando um livro para ler. Como tinha tantos livros para escolher, às vezes ficava na dúvida. Pesquisei assuntos no computador, vendo o que havia para ser consumido, como se fosse o menu de um restaurante. Ler era melhor do que comer. Ler era melhor do que andar. Ler era melhor do que criar sonhos inconscientes, ler *era* criar sonhos conscientes. Ser surdo era melhor do que ser cego. Ser cego era melhor do que ser paralítico? Ensinei um rapaz estudante de curso noturno a encontrar um livro que o colégio mandara pesquisar, ele não entendia os comandos do computador. Eu gostava de ajudar as pessoas, gostava de mexer no computador, se tivesse dinheiro comprava um computador. Bem que gostaria de trabalhar na Biblioteca, seria o homem mais feliz do mundo se pudesse trabalhar ali.

Então ouvi aquela conversa grotesca entre Tânia e Armando. Estava deitado no meu cubículo e por qualquer raro motivo a televisão não estava ligada. Apenas os dois estavam na sala.

Eu fazia umas camisas com os dizeres *Fuck you.* Ganhei um dinheirão.

Gargalhada de Tânia. Quem usava essas camisas?

Tossi alto, pigarreei, para alertá-los da minha presença no cubículo.

Estudantes, jovens bancários que querem ficar na moda, mensageiros, crioulos funkeiros, Comerciários, sujeitos que mandam os outros se foderem sem perceber que quem está fodido são eles. Mas ultimamente tenho usado mensagens mais sutis, mais engajadas. Por exemplo: *Viva a viadagem, os viados não*

fazem filhos.

Alguns fazem.

Gargalhadas, gargalhadas.

Qual é a mensagem desta?

É moderna. É a que mais vende agora.

Ficar ouvindo como um espião o diálogo indecente dos dois me deixou muito inconfortável. Abri a porta.

Você estava aí? Ouviu o que a gente dizia?

Ahn... não.

Ainda bem, não é, Armando? Ele ia ficar chocado.

Entrei no meu cubículo.

Ouvi Tânia dizer: Este rapaz é muito esquisito.

Novas vozes. Dona Adriana e o doutor Raimundo haviam entrado na sala. Pia também? Não se ouvia a voz dela, mas Pia sempre ficava calada. Tânia: Eu contei para vocês a história do bailarino? Esse bailarino me perguntou um dia se eu sabia por que todos os homens se apaixonam pelas sereias. Vocês sabem?

Porque as sereias cantam bonito, a voz de dona Adriana.

Porque as sereias são entes mágicos, o advogado.

Para não ouvir o que diziam deitei-me com as palmas das mãos bem apertadas sobre os ouvidos. Reuni forças para ficar um longo tempo nessa posição, vendo na parede a maldita paisagem com barco e pescador. Os homens se apaixonam pelas sereias porque elas não têm vagina, são asseadas e impenetráveis, e assim podemos ter com elas um vínculo imaculado. Pureza, limpeza, inexpugnabilidade, esse o segredo das sereias.

Naquela noite sonhei com Pia. Os colegas de colégio mexiam com ela, por causa do seu nome. Cantavam em coro, no recreio, uma música com estas palavras: *debaixo da pia tem um pinto/ pinga a pia, pia o pinto/pia o pinto/pinga a pia.* Ela não tinha uma

única amiga, no meu sonho.

Ao acordar decidi retirar o quadro do pescador da parede. Nada me obrigava a ficar olhando para aquilo. Na verdade entrava mais fundo no vórtice do meu infortúnio ao tirar o quadro da parede. A partir daquele instante, não havia mais como escapar da minha desgraça.

Ao remover o quadro descobri um pequeno buraco na parede. Olhando pelo buraco vi a banheira com o chuveiro e uma parte do vaso sanitário. Pensei em avisar dona Adriana imediatamente. Peguei o quadro do pescador, abri a porta do cubículo e vi Pia passando pela sala, envolta no seu roupão atoalhado azul. Seu corpo debaixo do tecido se movimentava como um animal preso dentro de um saco. Voltei imediatamente para meu cubículo. Sentei na cama. Depois me levantei e olhei pelo buraco na parede. Pia tomava banho, a água escorria pelos bicos róseos dos pequenos seios, os cabelos molhados grudavam-se na sua cabeça como uma touca, o jato do chuveiro sobre o rosto fazia seus lábios parecerem mais azuis.

A noite inteira fiquei acordado pensando no corpo de Pia. Como era possível ter lábios violeta e aréolas do peito cor-de-rosa? Eu amava aquela menina. No dia seguinte não fui ler na Biblioteca, não saí do quarto, permaneci de prontidão esperando ela aparecer. Eram seis horas da tarde quando a vi entrar no banheiro, de roupão, saboneteira e toalha. Olhei pelo buraco. Ela tirou o roupão e sentou no vaso sanitário. Fechei os olhos, esperei, esperei um tempo enorme antes de olhar novamente. Pia já estava em pé, dentro da banheira, o chuveiro aberto. Pude ver melhor a forma dos seus peitos, os halos rosados diminutos como petits-pois. Ela colocou o pé sobre a borda da banheira para ensaboar a perna e a entrada do abismo revelou-se, coberta por negros pêlos,

que ela ensaboou apressadamente. Depois enfiou os dedos com sabão entre as duas nádegas. Lavava as axilas quando me afastei do meu posto de observação.

Sentei na cama. Estava errado, agia de maneira torpe, espionando a mulher que eu amava. Coloquei o quadro de volta na parede.

Durante dois dias resisti. Voltava da Biblioteca antes das cinco horas da tarde, a hora que Pia tomava banho, olhava o quadro na parede mas não mexia nele.

Mas no terceiro dia notei Pia indo para o banheiro, vestida com o roupão. Corri para meu cubículo, tirei o quadro da parede e olhei. Pia sentara-se no vaso sanitário e examinava as unhas, placidamente. Eu nunca a vira tão tranqüila. Apanhou papel higiênico e eu tirei os olhos do buraco.

Quatro dias sem olhar pelo buraco na parede, mas sempre voltando antes das cinco da Biblioteca. Quando o relógio se aproximava das cinco eu pegava um papel em branco e escrevia furiosamente. Mas naquele dia olhei pelo buraco e lá estava Pia. Não tirei os olhos. Observei Pia se limpando com papel higiênico, contemplei seu corpo sendo molhado, o sabão sendo passado pelo corpo, ela se enxugando com a toalha. Peguei novamente o caderno de poesia e escrevi, escrevi sobre o corpo de Pia. Perguntava a mim mesmo que parte do corpo de Pia mais me atraía. Os seios empinados de bicos rosados? A barriga com sua leve ondulação, o umbigo pequeno e raso? As coxas redondas e musculosas? As nádegas altas, firmes, os hemisférios separados ainda que fazendo parte da mesma maciça entidade? O rosto, o queixo, a boca cheia de dentes brancos e certinhos, os lábios azuis, os olhos negros, os cabelos negros?

No dia seguinte constatei qual parte do corpo de Pia mais me

atraía. Ao espiá-la tomando banho, ao olhar atentamente cada parte do seu corpo — agora a bunda, que palavra horrível essa, pensei, meu corpo ardendo, agora o rosto, agora os seios, eu me masturbava, agora a barriga, o púbis, as coxas, a bunda, surpreendia-me com tantos músculos no seu corpo, e olhava o rosto, o rosto — era o rosto, o rosto de Pia o que mais me excitava. Meu corpo estremeceu e dei um gemido forte, afastei-me da parede, Sobressaltado, sentei-me na cama. Notei a parede manchada com meu sêmen, senti-me sujo. Limpei-me, e à parede, com um lenço.

Passei aquela noite acordado. No dia seguinte bateram no tabique. Tânia. Vai embora, eu disse. Ela sussurrou, devia estar com a boca colada na madeira, eu sei o que você está fazendo trancado aí dentro.

Abri a porta.

Estamos sozinhos, saíram todos, disse Tânia quando abri a porta.

Por favor, eu disse.

Sabe quem morou neste lugar, antes de você? O Armando. Ele me contou que fez um buraco na parede para me ver tomando banho. O safado.

Por favor...

E agora você faz o mesmo. Não conto nada para ninguém se você vier até meu quarto. Pode vir, o Cardoso está viajando.

Fui para o quarto dela. Tânia fechou a porta.

Você não precisa olhar por aquele buraco para me ver nua.

Tânia tirou o vestido. Quer que tire tudo?

Inteiramente nua, me abraçou. Senti o seu peito de encontro a mim.

Está nervoso? Quando me olha pelo buraco você não fica

assim desanimado, fica? Anda, quero ver isso duro.

Você não fala nada a ninguém sobre o buraco na parede?

Depende de você. Anda, tira essa roupa, você me viu nua e está me vendo nua, tenho os mesmos direitos.

Veste a sua roupa, eu pedi, faço o que você mandar, se você puser seu vestido.

Você está maluco.

Queria ver apenas os joelhos dela, não queria ver seu corpo nu.

Tânia colocou o vestido.

Senta e deixa eu ver os seus joelhos.

Você é tarado?

Gosto dos seus joelhos.

Tânia sentou-se na cama. Está bom assim? Agora fica aqui perto de mim, deixa eu ver o efeito dos meus joelhos. Abriu a braguilha da minha calça. O que é isso? Na sua idade?

Estou nervoso.

Eu acabo logo com o seu nervosismo, disse Tânia, esfregando meu pênis. Pensei em Pia. Pensei no rosto de Pia.

Vem, deita aqui comigo, deixa que eu faço tudo.

Ela fez tudo, enquanto eu, com os olhos fechados, pensava em Pia.

Na segunda vez vai ser melhor, quando a gente se acostumar um com o outro. Não diga nada ao Armando. Na próxima vez nós dois vamos tirar a roupa, está bem?

Minha vida estava se complicando vertiginosamente. Há algo pior do que ir para a cama com uma mulher por quem não se sente amor? Fazer uma coisa dessas não tem sempre um preço terrível a pagar? Devia ter me mudado daquela casa, mas, em vez disso, me enredava ainda mais. Sentia, nebulosamente, que

minha fornicação com Tânia era mais uma vinheta funesta, uma rubrica fatal na trama que eu mesmo tecia. Mas só constato isso agora, aqui no banco da estação rodoviária.

Um dia ao voltar para casa encontrei Armando na sala. Ele não me deixou entrar no cubículo.

Quero falar com você, vamos dar uma volta.

Só abriu a boca quando chegamos nos Arcos da Lapa. Falou em tom paternal. Suas falas eram sempre prolixas.

Enquanto você estiver apenas olhando pelo buraco eu não me incomodo. Tânia não se incomoda, eu não me incomodo. Mas aquela mulher tem dono, eu sou o dono, entendeu? Fique tocando suas punhetinhas e não se meta com ela, está bem? Os católicos, eu sou católico, quer dizer, virei católico para enfrentar o evangelismo protestante do meu pai, e gostei. Você é católico, a Tânia é católica. Nós somos mais tolerantes do que os protestantes, pelo menos no Brasil, onde ainda somos a maioria. Mas você fica só nas punhetinhas, está bem?

Não sei do que você está falando.

Eu abri aquele buraco na parede, rapaz.

Não sei do que...

Você conhece o episódio de Onan na Bíblia católica? A Bíblia é um livro cheio de crimes, torpezas, violências, aberrações, iniqüidades, traições, ardis usados para enganar e obter vantagens, prevaricações de todos os tipos, e a história de Onan, e de uma forma mais ampla também a história de Judá, seu pai, está cheia de tais acontecimentos execráveis. O Senhor, conforme a Bíblia católica, o Senhor já havia ferido de morte a Her, primogênito de Judá, pois Her era um péssimo homem. Mas a

Bíblia protestante do meu pai, sendo mais cruel, não dizia que o Senhor *ferira de morte* a Her, mas sim que o Senhor o *matara.* Voltando à nossa história. Então Judá disse ao seu segundo filho, Onan: casa com a mulher do teu irmão, e coabita com ela, a fim de suscitares filhos a teu irmão. Porém Onan impedia que a mulher concebesse, sabendo que os filhos que nascessem desse matrimônio não seriam seus, usariam o nome do irmão. Para puni-lo pelo seu comportamento, o Senhor matou Onan. Na Bíblia do meu pai, o pastor gramático, o Senhor não é eufemístico, ele *mata.* Onan foi ferido de morte porque fazia uma coisa detestável. Sabe o que ele fazia, não sabe?

Não, não sei.

Você não sabe o que é onanismo?

Sei.

Então. Onanismo é o que Onan fazia. O mesmo que você faz olhando Tânia tomar banho, pelo buraco na parede. Bem, é possível que aquilo que Onan praticava não fosse masturbação, fosse o coitus interruptus, a Bíblia fala em *impedir que a mulher concebesse...* Enfim, Onan não fazia filhos e na nossa religião gozou tem que fazer filho.

Entramos num botequim.

Por que você está me dizendo tudo isso?, perguntei.

Judá era um patife. A Bíblia tem vários Judás, esse é filho de Jacó e Léia. Fundador de uma das tribos de Israel. Todo fundador é um patife em busca de glória e imortalidade. Você devia ler a Bíblia.

Por que você está me dizendo tudo isso?

Porque eu sei que você é um bom menino. E quero mostrar a você que não sou tolo, você acha que todo mundo lá na pensão é imbecil, menos você que é um gênio porque freqüenta a Biblioteca.

É verdade, são todos imbecis, uns mais e outros menos. Todos menos eu.

Pia não é imbecil.

Ninguém aprende nada nos livros. Aprende nas esquinas das ruas, e falta esquina para você. Resumindo: além de mais sabido, sou mais forte e mais mau do que você.

Você está me ameaçando?

Você não vê novela mas essa pergunta é de novela. Então lá vai uma resposta de novela: eu não ameaço, eu *comunico* o que vou fazer. Vou quebrar os seus dentes se você chegar perto da Tânia.

Vou pensar no seu assunto.

E isso não é um eufemismo, rapaz.

Fui para a Biblioteca. Com os livros sobre a mesa consegui pensar com mais lucidez. Eu não me assustava com as ameaças de Armando. Mas, de qualquer forma, não estava disposto a sofrer riscos por causa de Tânia. Não seria difícil evitá-la. Eu conhecia os horários dela. Quando Cardoso estava em casa, Tânia ficava vendo televisão com ele. Quando o marido viajava ela saía todas as noites, provavelmente com Armando. Foi isso que pensei e planejei, em vez de aproveitar aquela deixa e preparar a minha saída de cena. Grande esperteza.

Quando cheguei em casa Tânia já havia saído. Dona Adriana, Pia e o doutor Raimundo viam televisão na sala.

Vai passar um bom filme daqui a pouco, você não quer ver?, disse Pia.

Dentro do vestido, o corpo dela, posto em sossego, tinha o mesmo latejamento de quando estava dentro do roupão.

Vai demorar muito?

Duas horas, ou menos.

Sentei-me um pouco atrás dela, de maneira que pudesse observá-la, enquanto fingia ver o filme. Eu a via de perfil, detidamente, pela primeira vez. Ela enrodilhara descuidadamente os cabelos num coque e uma mecha de cabelo negro se desprendera e descera pelo seu pescoço muito branco. Eu não sabia a idade dela. Dezesseis anos? Eu estava espionando uma menina de dezesseis anos? Sabia que minha conduta, em todos aqueles atos, era desprezível, mas continuava olhando-a furtivamente, como um rato. Já vira aquele perfil antes, e acreditara, até então, que uma mulher de verdade, com aquele perfil, não podia existir.

Assim que o filme terminou decidi recolher-me ao cubículo. Tânia podia chegar a qualquer momento e eu não queria me encontrar com ela. Dona Adriana pediu a Pia que fosse apanhar um copo com água para ela tomar o barbitúrico. Se não tomar minha pílula eu não durmo, disse ela. Segui Pia até a cozinha.

Estava olhando seu perfil, é igual ao de uma outra mulher que conheci.

É mesmo? Quem é?

Não é uma mulher de verdade.

Como assim?

Ela está num camafeu de ônix branco e preto da minha mãe.

Camafeu? Camafeu não é uma mulher feia?

Essa era muito bonita. Minha mãe nunca usava o camafeu e para vê-lo eu tinha de retirá-lo da sua caixa de jóias. Eu acreditava que não poderia existir uma mulher tão bonita assim no mundo.

Pia ouviu isso e nada disse. Senti-me ridículo. Fui para o meu cubículo. Ridículo, abjeto, imbecil, infame, reles. Eu era isso tudo. Perdera Pia para sempre, com aquela história cretina do

camafeu, antes mesmo de conquistá-la.

A televisão foi desligada. A luz da sala foi apagada. Não sentia sono e preparei-me para ficar a noite inteira acordado. Levei um susto quando bateram de leve no tabique.

Você está acordado?

Era Tânia. Não respondi. A luz da sala foi acesa e iluminou meu cubículo.

Por que você não responde?, sussurrou Tânia. Havia trepado numa cadeira e me olhava por cima do tabique. Abre a porta.

Abri a porta.

Ela entrou. Estou com saudades de você, hoje vamos ficar nus, disse, enquanto tirava a roupa.

Você é maluca?

Tira a roupa.

Você está maluca.

Tira a roupa senão eu grito.

O Armando...

Encheu a cara. Ele sempre enche a cara, é um alcoólatra, você sabia? Neste momento está emborcado na cama, vestido, com sapatos e tudo, ressonando.

Ela mesma arrancou a minha roupa, uma cueca e uma camiseta de meia, era assim que eu dormia, nunca tive pijama. Depois enfiou-se comigo na cama. Tânia tinha razão. A segunda vez foi melhor do que a primeira. Ridículo, abjeto, imbecil, infame, reles.

Agora vai embora, murmurei.

Deixa eu ficar abraçadinha com você mais um pouco.

Não.

Não se preocupe com o Armando. Vamos fazer de novo.

Fizemos novamente.

Deixa eu ficar um pouco aqui.

Não. Vai embora.

Amanhã, à mesma hora, murmurou, antes de ir embora.

Cada vez eu me enterrava mais naquele pantanal que a minha vida se tornara. O pior é que estava gostando de ser um devasso. Devia estar compungido com o que fizera, mas senti apenas sono e dormi.

Na noite seguinte, e na outra, e na outra, Tânia foi para meu cubículo. Fornicávamos em silêncio, prendendo a respiração.

Então aconteceu. É sempre assim, nas tragédias, o mundo desaba de repente.

Cheguei da Biblioteca e estavam todos reunidos na sala, com exceção do seu Cardoso, que ainda não voltara da viagem.

Chegou o jovem canalha, disse Armando. E me deu um soco na boca, jogando-me ao chão.

Pia segurou Armando, que após o soco me dava um pontapé. Pára com isso, ela gritou.

Nunca pensei que você fosse tão sujo assim, disse dona Adriana.

Não sei do que se trata, isso tudo é um equívoco...

Sabe sim. O buraco na parede. Eu entrei no seu quarto e vi o buraco que o senhor fez na parede. Essa indecência, na minha casa. Sabe quantos anos Pia tem? Ainda não fez dezessete anos. O senhor empacote as suas coisas e vá embora.

Tânia não dizia uma palavra. O doutor Raimundo não dizia uma palavra.

Entrei no cubículo, fiz a minha mala. Não tive coragem de olhar para ninguém. Desculpe, disse, quando passei perto de Pia. Eu estava morrendo de vergonha.

Vai embora, moleque nojento, mas ainda vou te encontrar

para terminar o serviço, disse Armando.

Peguei um ônibus para a estação rodoviária. Era o único lugar onde um desabrigado com uma mala podia se refugiar. Achei um banco, onde me sentei e fiquei até de manhã, pensando. Armando, conforme prometera, quebrara os meus dentes, não todos, mas um deles, um incisivo, e eu passava a língua no dente quebrado enquanto pensava. Armando devia ter sabido dos meus encontros com Tânia e me denunciara para dona Adriana, que nunca entrava no meu cubículo e se entrasse não veria o buraco na parede, veria o quadro.

Guardei a mala no depósito da rodoviária. Inconscientemente dirigi-me para a Biblioteca. Não consegui nenhum dos livros que pedi, estavam todos em estado precário, disse o atendente. Um mau sinal.

Quando saía da Biblioteca tive uma surpresa que me deixou paralisado. Pia subia as escadas. Veio ao meu encontro.

Calculei que devia estar aqui. Preciso falar com você. Você me diz a verdade se eu te fizer uma pergunta?

Digo.

Afinal quem é que você espiava pelo buraco na parede?

Como assim?

Ouvi uma discussão do Armando com a Tânia em que ele dizia que você espiava ela tomar banho. O Armando também dizia que você teve intimidades com a Tânia. Quem é que você espiava?

Você. Mesmo sabendo que o que fiz é imperdoável, eu peço desculpas. Eu te amo.

Você foi para a cama com aquela mulher?

Não... Não fui.

Por que demorou a responder?

Eu não demorei a responder.

Demorou sim.

Eu não fui para a cama com a Tânia.

O nome verdadeiro dela não é Tânia, é Deoclides. E ela nunca foi bailarina do Municipal. Por que você não reagiu quando Armando bateu em você?

Eu estava muito envergonhado. Obrigado por me defender naquele dia.

Onde é que você está morando?

Ainda estou procurando um lugar.

Onde você vai agora?

Eu ia andar um pouco.

Quer ir ao cinema?

Você não está aborrecida comigo?

Se estivesse aborrecida eu te convidava para ir ao cinema?

Fomos ao cinema. Sentamos rígidos, nem nossos cotovelos se tocavam.

Por que você não disse que me amava?

Não sei.

Eu também te amo.

Então senti a mão de Pia acariciando a parte mais secreta do meu corpo. Isso me surpreendeu mais do que o pedido que me fez em seguida.

Sou virgem e quero perder minha virgindade com você. Mas você terá de fazer uma coisa para mim.

Eu faço.

Qualquer coisa?

O que for.

Jura que faz o que eu vou te pedir.

Sim, juro.

E que não me fará perguntas.

Não faço perguntas, juro.

Eu quero que você mate a minha mãe.

Olhei, na penumbra do cinema, o seu perfil de camafeu.

Esta chave é da casa da Nadja, no andar de baixo. Eles se mudaram e a casa está vazia. Vou me encontrar lá com você esta noite.

Pia levantou-se e foi embora.

Aguardei a noite chegar, imaginando a maneira de matar dona Adriana. Depois fui para a rua do Resende. De longe observei o sobrado. O que tinha que ser feito, tinha que ser feito. As escadas rangeram quando subi na ponta dos pés, temeroso que alguém me visse. Abri com cuidado a porta do primeiro andar. Penetrei na casa vazia e fiquei em pé junto à porta entreaberta, no escuro, sentindo as batidas do meu coração.

Ouvi sons de passos leves e furtivos descendo as escadas. Pia entrou. Vamos para os fundos, ela murmurou, segurando minha mão. Em meio às trevas tiramos nossas roupas, cobrimos com elas o chão e nos deitamos. Não tenha receio, seja bruto, ela disse.

Não quero contar detalhes. Nossas roupas, que forravam o chão, se encheram de sangue, sangue que consagrava nosso amor, e era o grilhão do nosso pacto.

Vestimo-nos em silêncio.

A pílula já fez efeito e ela está dormindo. A Tânia foi viajar com o marido e o Armando chegou da rua bêbado. Vou deixar a porta aberta.

Pia abraçou-me com força e sumiu no escuro, sem fazer ruído. Ela não havia mencionado o doutor Raimundo. Mas se ele estivesse acordado Pia me teria dito.

Esperei, esperei. Subi as escadas. Logo que entrei ouvi o som

da televisão. Caminhei pelo corredor na ponta dos pés até a sala. O doutor Raimundo dormia, sentado na poltrona da sala. Deixei a televisão ligada. Se a desligasse, ele acordaria.

A porta do quarto de dona Adriana estava aberta. No quarto havia duas camas. Numa delas, dona Adriana, com a luz do abajur acesa, dormia de barriga para cima, respirando pela boca. Da outra cama Pia observava meus movimentos, os olhos negros arregalados. Fui até ela. Vira o rosto para a parede, eu disse.

Com cuidado levantei a cabeça de dona Adriana, retirei o travesseiro, segurei-o com as duas mãos e comprimi-o sobre o seu rosto. O corpo privado de ar foi sacudido por violentas convulsões, ela tentava se livrar da asfixia, debatia-se com energia inesperada numa velha doente, feria com as unhas os meus braços. Tive que subir na cama e sentar sobre a sua barriga, para poder dominá-la. Demorou muito tempo até que dona Adriana deixasse de lutar. Depois, exausto, deitei meu corpo sobre o dela, sempre pressionando-lhe o rosto com o travesseiro.

Molhado de suor, saí lentamente de cima do cadáver. Ajoelhei-me ao lado da cama de Pia. Você está bem?, sussurrei.

Ela estava de costas e virou o rosto para mim. O camafeu.

Estou bem. Pode ir. Vou te procurar depois, na Biblioteca, ela disse, e voltou a olhar para a parede.

Agora estou aqui, no banco da estação rodoviária. Penso em Pia. Não penso no que vai acontecer, penso no que aconteceu e aconteceu tanta coisa que parece que não vai acontecer mais nada. Espero a manhã chegar, para ir à Biblioteca. Botinas de botão.

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.
Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

http://groups.google.com/group/digitalsource

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA HELVÉTICA EDITORIAL EM GARAMOND LIGHT E IMPRESSA PELA HAMBURG GRÁFICA EDITORA EM OFF-SET SOBRE PAPEL PRINT-MAX DA VOTORANTIM PARA A EDITORA SCHWARCZ EM MARÇO DE 1997.



COMPANHIA DAS LETRAS

Mestre na arte do conto, Rubem Fonseca dá às palavras uma força de impacto poucas vezes obtida por outros ficcionistas. Delegados e marginais, escritores fracassados, pobres-diabos que se sujeitam a qualquer negócio, o sexo como moeda podre, culpa e *apartheid* social entrelaçam-se continuamente em textos inquietos e velozes, que o leitor, perturbado e cúmplice, traga sem respirar da primeira à última linha.

Depois da publicação de *Contos reunidos* (Companhia das Letras, 1994), Rubem Fonseca retoma o gênero com este *O buraco na parede*, seu décimo-terceiro livro publicado. Aqui estão presentes as mesmas qualidades de ousadia, lucidez, técnica e invenção que fizeram de sua literatura um dos registros mais contundentes da vida no Brasil de hoje — esse mundo estranho que não deixa de ser o nosso mundo.

ISBN 85-7164-479-9

9 788571 644793